SIMONE DE BEAUVOIR: «MUDAR A VIDA» (NO SUPLEMENTO LITERÁRIO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 19 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 941 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

PACIFICAÇÃO E DESPOLITIZAÇÃO

Prof. Gouveia Monteiro

– AS DUAS CONDIÇÕES BÁSICAS DO PROGRAMA DO NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COIMBRA, 19 — «Seria natural — e pessoalmente ser-me-ia muito grato — que à sua preciosa oração, senhor professor decano, se seguisse a fala sincera de um estudante, que aqui legìtimamente representasse a sua Academia. Lamentàvelmente, o regulamento não o prevê» — afirmou, esta manhã, o prof. dr. Gouveia Monteiro, novo reitor da Universidade de Coimbra, logo no início do seu discurso, na cerimónia da posse daquele alto cargo, para o qual foi recentemente nomeado.

Efectivamente, como muitos outros actos solenes da velha Universidade de Coimbra, a posse de um reitor reveste-se de grande imponência e os Estatutos Velhos indicam o protocolo a seguir. Assim, e de acordo com estes Estatutos, o reitor em exercício e decano do Senado Universitário, prof. dr. Manuel Lopes de Almeida, convocou o Claustro Pleno (constituído por todos os doutores) para a Sala dos Capelos onde, em sessão privada, lhes deu conhecimento da nomeação do novo reitor, prof. dr. José de Gouveia Monteiro. Após a cerimónia, foram nomeados os doutores que, acompanhados pelo secretário da Universidade, trouxeram o novo reitor á presença do Claustro Pleno.

A nomeação recaiu nos profs. drs. Vaz Serra e Cutelo Neiva, que, acompanhados pelo secretário, se dirigiram para as salas da Reitoria onde se encontrava o novo rei-

(Continua na 15.ª página)

ASSALTO À EMBAIXADA DOS EUA NAS FILIPINAS

MANILA, 19 — (R.) — Os Estados Unidos apresentaram hoje um violento protesto no Ministério dos Estrangeiros das Filipnas por causa do assalto da noite passada à Embaixada norte-americana e comunicaram que o edifício continuava sem guardas da Polícia apesar dos pedidos norte-americanos de protecção.

A Embaixada foi atacada por cerca de 1000 manifestantes saídos de um comício realizado no centro da cidade e que até aí tinha decorrido ordeiramente.

Os assaltantes foram afastados com cargas de bastão e gases lacrimogéneos.

Mais tarde, centenas de manifestantes percorreram as ruas tempestuosamente queimando automóveis e partindo vidros.

Circulos informativos afirmaram que muitos funcionários americanos já sabiam da existência de um plano para uma marcha contra o edifício.

Os observadores supõem que o ataque foi organizado por grupos da ala esquerda que têm culpado por diversas vezes o «imperialismo americano» das dificuldades económicas e sociais das Filipinas.

Os incidentes de ontem são os mais graves ocorridos nas Filipinas desde 30 de Janeiro, data em que houve seis mortos e mais de 400 feridos em recontros com a Polícia junto ao palácio presidencial.

500 CONTOS SEPARAM EUSÉBIO DO BRASIL

Pelo concurso de Eusébio (até 31 de Dezembro deste ano) o Vasco da Gama oferece 3500 contos ao Benfica. Mas o clube português pretende 4000. **«Para a semana talvez se chegue a acordo»** — disse-nos Francisco Calado, que já tem a concordância do jogador para o «aluguer» à colectividade do Rio de Janeiro. (LER NA ÚLTIMA PÁGINA).

HOJE 32 PÁG. — VISADO PELA CENSURA

APRENDER A COZINHAR

Oito das doze donas de casa interessadas em aperfeiçoar os seus conhecimentos de cozinha apresentaram-se hoje no Centro de Formação Profissional Doméstica Miralar, a funcionar na Avenida Barbosa du Bocage, 83-1.º, para assistir à primeira lição do Curso de Cozinha e Noções Fundamentais de Dietética promovido por aquele centro. Pagaram mais de 600$00 pela sua inscrição mas até aos fins de Maio ficarão valorizadas nas suas funções de dona de casa. Aprenderão a confeccionar entradas, salgados e doçarias.

(LER NA 2.ª PÁGINA)

O C. C. L. promove mais um passeio mistério em automóvel

Está a despertar o maior entusiasmo entre os campistas, a realização do Passeio Mistério em Automóvel que o Clube de Campismo de Lisboa organiza no próximo domingo, intergado na grande Campanha Turística Nacional de «Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si»

O C. C. L. vai levar nesse dia, mais uma vez, centenas de pessoas a um local préviamente escolhido e que é mantido secreto até ao momento da chegada da grande caravana a essa região, onde serão recebidos pelas entidades oficiais

VIDA SOCIAL

MANUEL BESSA

Partiu para Londres, onde se submeterá a uma operação cirurgica, o nosso colaborador no Porto, Manuel Bessa, que ali permanecerá cerca de um mês, internado no Hospital de São Bartolomeu. Desejamos-lhe pronto restabelecimento

Gina

Encontra-se em Paris desde há semanas a directora comercial de GINA MODAS, a fim de adquirir nas principais casas de Alta Costura da capital francesa a sua colecção de modelos para a estação Primavera-Verão.

DE ONTEM PARA HOJE

ESTUDO SOBRE MIGUEL ÂNGELO

Em promoção conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e da embaixada de Espanha, o prof. Camon Azuar, catedrático da Universidade de Madrid, proferiu uma conferência, no autoditório daquela instituição, sobre Miguel Ângelo, em que se referiu, também, á validade da obra do português Francisco d'Olanda. Artista de grande sensibilidade, discípulo do grande mestre da Renascença, d'Olanda deixou escritos de grande importância, que foram postos em evidência pelo prof. Camon Azuar, autor de obra notável, em muitos campos da actividade intelectual, desde a novelística á dramaturgia.

VISITAS DE MEMBROS DO GOVERNO

O ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, acompanhado pelos drs. Silva Pinto e Nogueira de Brito, secretários de Estado e subsecretário do Trabalho e Previdência, esteve em alguns dos serviços do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

O secretário e o subsecretário de Estado do Comércio, acompanhados pelo dr. Tato Marinho, chefe do gabinete do primeiro daqueles membros do Governo, deslocaram-se á sede da Administração-geral do Alcool, e tiveram demorada reunião com o respectivo administrador-geral, eng.º Tovar Faro, e com os administradores - directores, eng.º António Linhares de Lima e Manuel Julio de Carvalho Costa. Ocuparam-se dos principais assuntos relacionados com a actividade daquela empresa publica, nomeadamente os ligados á reestruturação da industria do álcool.

GOVERNO CIVIL DE LISBOA

O governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta, teve uma reunião de trabalho com os presidentes das Câmaras Municipais dos concelhos que constituem o distrito. Foram apreciados assuntos de interesse administrativo e, também, questões de natureza política

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O Presidente da República recebeu em audiência, no Palácio Nacional de Belém, os srs. dr. Manuel José Homem de Melo, deputado por Aveiro; José Vicente de Abreu, deputado por Portalegre; dr. António Vasconcelos Marques, dr. José Sarmento de Matos e Sérgio Geraldes Barba; António de Sousa Lara; D. Rui Seisal; e, ainda, os corpos gerentes do Clube de Futebol «Os Belenenses», que lhe apresentaram cumprimentos. O sr. almirante Américo Thomaz recebeu, também, uma representação das autoridades de Alcochete, que o convidou para se deslocar áquela vila, no dia 31 de Maio, a fim de presidir ás solenidades de encerramento das comemorações do V Centenário do Nascimento de D. Manuel I. O Chefe do Estado, que aceitou o convite, presidirá á inauguração de uma estátua do monarca e á ampliação do edifício do Asilo Barão de Samora Correia, da Misericórdia local.

CONFERÊNCIA PELO MINISTRO DO INTERIOR

Na presença do ministro da Defesa, do secretário de Estado do Exército e de diversos chefes militares, o titular da pasta do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, proferiu uma conferência, no Instituto de Altos Estudos Militares, subordinada ao tema «Política Interna. Correntes da Política Interna», seguida de diálogo com a assistência.

APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS DA MADEIRA

A comissão administrativa dos Aproveiamentos Hidráulicos da Madeira, para assinalar o 25.º aniversário da sua criação e das suas actividades, ofereceu aos Chefes do Estado e do Governo exemplares da publicação «O Aproveitamento de Água na Ilha da Madeira».

INAUGURADA A VII SEMANA DE ENGENHARIA CIVIL

O sr eng.º Rui Sanches, titular da pasta das Obras Publicas e das Comunicações, inaugurou esta tarde, no Instituto Superior Técnico, a VII Semana de Engenharia Civil promovida pelos alunos finalistas daquele estabelecimento de ensino superior.

Aquele membro do Governo, que chegou ali cerca das 16 horas foi recebido pela comissão de alunos promotora da Semana e pelos srs. prof. eng.º Vasco Costa, reitor da Universidade Técnica; prof. eng.º Frausto da Silva, director do Instituto Superior Técnico; e eng.º Mercier Marques, bastonário da Ordem dos Engenheiros.

Após breve troca de cumprimentos o sr eng.º Rui Sanches passou ao salão de exposições onde inaugurou uma Exposição Industrial

Mais tarde, no salão nobre, o ministro das Obras Publicas e das Comunicações presidiu á sessão solene inaugural da Semana, preenchida por uma conferência proferida pelo eng. Manuel Bravo, que dissertou sobre «A evolução da técnica e materiais de construção em engenharia civil»

O programa de amanhã

A VII Semana de Engenharia Civil prossegue amanhã, com o seguinte programa: ás 10 horas, visita de estudo á Edifer; e ás 15 e 30, no salão nobre do Instituto Superior Técnico comunicações sobre: «Estudo e execução de um empreendimento complexo — o hangar n.º 6 da TAP.» Elaboração de um programa de necessidades—Coordenação de projecto — Estrutura do hangar — Engenharia Civil — Planeamento da Construção — Construção

Colaboração dos eng.os Viana Baptista, José Godinho, Risques Pereira, João Muralha, Favila Vieira, Carlos Santana e Lopes Cabrita.

GRÉMIO NACIONAL DOS IMPORTADORES E ARMAZENISTAS DE LANIFÍCIOS

AVISO

Nos termos do respectivo Estatuto estão abrangidas por este Grémio Nacional as pessoas singulares ou colectivas que no Continente exerçam a sua actividade no comércio importador e armazenista de lanifícios.

A inscrição no Grémio é feita mediante o preenchimento de um boletim que está à disposição na sede deste organismo, Rua D. Estefânia, 157-3.º dt.º, em Lisboa, ou será enviada pelo correio aos interessados que o solicitem.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

CIDLA

Combustíveis Industriais e Domésticos

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede: Praça Marquês de Pombal, n.º 12 LISBOA

Capital: 250.000.000$00

São convocados os Srs. Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária na sede da Sociedade, no dia 31 de Março de 1970, pelas 10 horas e 30 minutos, a fim de:

1.º — Discutirem, aprovarem ou modificarem o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1969;

2.º — Procederem às eleições para os cargos vagos na Mesa da Assembleia Geral, no Conselho de Administração e no Conselho Fiscal, em conformidade com a legislação em vigor.

O depósito das acções deverá ser efectuado até ao dia 20 de Março de 1970 nos cofres da Sociedade ou nos dos seguintes Bancos: Borges & Irmão, Credit Franco-Portugais, Crédito Predial Português, Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Fonsecas & Burnay, Nacional Ultramarino, Pinto & Sotto Mayor, Português do Atlântico, Totta & Açores.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1970.

O 1.º SECRETÁRIO DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Mário de Castro Arez

CURSO DE COZINHA PARA DONAS DE CASA NO CENTRO MIRALAR

O aperfeiçoamento dos conhecimentos de culinária, nestes tempos da comida enlatada e do «self-service», continua a preocupar a mulher: Hoje de manhã, oito das doze senhoras inscritas no Curso de Cozinha e Noções Fundamentais de Dietética para donas de casa promovido por Miralar, Centro de Formação Profissional Doméstica, assistiram á primeira lição do curso. Ensinou a sr.ª D. Maria Luisa Ferreira de Castro, monitora de culinária das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, que confeccionou um pudim de fiambre com espinafres.

Os cursos, que se prolongarão até ao fim de Maio, funcionam ás terças e quintas e desdobram-se em Cursos de Cozinha e Noções Fundamentais de Dietética — inscrição: 650$00— e Cursos de Cozinha sem noções de dietética, cuja inscrição custa 500$00. Do programa constam o ensino de confecção de entradas, salgados e doçaria.

O Centro Miralar está a ministrar também presentemente um curso de decoração floral e artes decorativas.

FOGOS REAIS

O Regimento de Artilharia de Costa vai efectuar exercícios de fogos reais, com a Bateria de Artilharia de Costa, do Bom Sucesso (Pedrouços), amanhã, das 14 ás 17 horas.

ÊXITO! ÊXITO!!
ÚNICO EM LISBOA
MÚSICA TZIGANE
PELA ORQUESTRA
DE
MAURICE TOUBAS
TUTTI MUNDI DRUGSTORE
VIVA ALGUNS MOMENTOS DE BELEZA COMO NOS LOCAIS MAIS ELEGANTES DE BUDAPESTE, VIENA, PARIS E DA VELHA RÚSSIA
CHÁ DAS 17 ÀS 19 H. E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE
ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
GARAGE PRIVATIVA
ACEITAM-SE MARCAÇÕES DE MESA PELO TELEF 71 40 21
AV. ROMA, 48-B

PARA O CONFORTO E DISTINÇÃO DA SUA CASA

ALCATIFAS INGLESAS

BRITISH CARPET CENTRE

AXMINSTER
WILTON
MARLEYTEX

ALCATIFAS RECOMENDADAS PELO CENTRO INGLÊS DE CARPETES

MAIOR DURAÇÃO • PREÇO ACESSIVEL
PAGAMENTO ATÉ 12 MESES
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

Pessoal especializado em Inglaterra na melhor técnica de colocação e em soldagem de juntas

Consulte a LOAL

Av. António Augusto de Aguiar, 124-A — Telfs 539347-533056

A Igreja Ortodoxa prepara um concílio ecuménico

Por P. YVAN KOVITCH
(Exclusivo «Le Monde» - «Diário de Lisboa»)

Para consolidar a sua unidade, a Igreja Ortodoxa iniciou, por iniciativa de Athenagoras I, patriarca ecumenico de Constantinopla, a Convenção da sua mais alta instância: «A Santa e grande assembleia».

Um secretariado já instalado, no Centro Ecumenico de Chambezy, junto de Genebra, está a reunir os elementos para a sua «ordem do dia», a partir do elenco adoptado em 1961 pela Conferência Pan-Ortodoxa de Rodes. Dele constam uma lista pormenorizada das questões dogmáticas, litúrgicas, e canónicas e das relações com as outras Igrejas cristãs.

Pensando que as decisões de um concílio ecuménico, para serem válidas, exigem a participação activa nos trabalhos de representantes do conjunto da cristandade, desde o Grande Cisma entre o Oriente e o Ocidente em 1054, que a Igreja Ortodoxa não tem convocado senão concílios nacionais, provinciais ou conferências pan-ortodoxas. No entanto, a necessidade de contactos mais estreitos entre as Igrejas autocéfalas — relaxadas no decurso dos ultimos séculos por guerras, revoluções e divisões políticas — fez nascer a ideia da reunião de uma «grande assembleia».

Os teólogos das Igrejas sérvia, búlgara, romena, russa e grega dão os ultimos retoques num certo número de relatórios, especialmente respeitantes á participação mais activa dos leigos na vida litúrgica e social da Igreja, á adaptação das regras do jejum, ás exigências da época contemporânea, ás fontes da revelação divina, á unificação da legislação matrimonial nas diversas Igrejas autocéfalas e aos problemas da unificação do calendário (certas Igrejas autocéfalas conservam ainda o calendário juliano).

Redigidos em grego ou em russo estes relatórios serão entregues ao secretariado de Genebra, depois do que se reunirá, provávelmente no segundo semestre do ano corrente, primeiro uma «comissão preparatória» e depois uma nova conferência pan-ortodoxa. A missão desta última, no seio da qual têm assento os representantes de cada uma das 14 Igrejas autocéfalas (um bispo e um conselheiro), será de dar redacção definitiva aos relatórios a apresentar á aprovação da «grande assembleia».

Quando será ela convocada? Os meios bem informados do Patriarcado Sérvio, comprometidos nos preparativos, recusam-se a indicar uma data. A razão é que se espera ver a proxima Conferência Pan-Ortodoxa alargar a lista dos temas a estudar, o que obrigará a novas, laboriosas e demoradas consultas.

O patriarca Athenágoras, chefe da Igreja Ortodoxa [illegible] e que tem sido um dos grandes paladinos da aproximação com os católicos. O acto maior neste dominio foi o seu encontro com Paulo VI, na Palestina

É ASSIM QUE SE FAZ A HISTÓRIA

Era uma vez uma tarde cheia de sol. Não havia um gesto a mais. Nem palavras. Estava alguém num café. Ao sol. Eram pequeninas coisas a ligarem-se umas ás outras: desde um copo de água aos teus ombros. E o sol a bater em cheio na mesa. E nas mãos.

Não chegam noticias. Ardem as palavras mais banais. A esta hora, de Genebra a Santiago, de Roterdão a Tóquio, alguém, sentado ao sol, diz: os teus ombros. E pronto. É assim que se faz a História. Sem palavras a mais.

Pois da História se trata. E dos que a fazem. Por vezes pouco seguros de si próprios. Mas com a certeza do que está certo. A história anónima. A que raramente vem nos compêndios. A que se faz com amor e raiva. A que nós fazemos. Agora sentados ao sol, à mesa do café.

Era uma vez uma tarde. Eras tu. Depois? Se não há depois? O importante era estares ali sentada. O que se disse pouco importa. Estávamos ao sol. Era evidente. A fazer História com o mais pequeno gesto.

As noticias chegam. Ardem as palavras dos jornais. A mesma hora, o telex anuncia da França ou do Gabão Eu anuncio: recados, breves encontros, um telefonema de madrugada Alguém diz: Vem. Revetem: os teus ombros

Tratamos a História à nossa maneira. Como nos agrada. No anonimato. Nem sequer sei o teu nome completo, quantos anos tens, quem foram os teus amigos de infância. Sentados ao sol, à mesa de café, abrimos as páginas. Da História que fazemos.

EDUARDO GUERRA CARNEIRO

Nota do dia

O FIM DO MUNDO

HÁ MIL ANOS, na passagem do século, as multidões viviam na inquietação do fim do mundo. Atingir o ano mil parecia um limite, para além do qual não se via fosse o que fosse que não se sentisse como o absurdo. A «escuridão» medieval não dava para mais que não fosse o refúgio na oração a implorar as graças de Deus. Mil anos depois, com todas as luzes do conhecimento que nos iluminam, deitam-se contas para repetir aquela mesma inquietação e concluir, com tranquilidade verdadeiramente científica, a três decénios de distância, que o mundo pode ter muito bem os seus dias contados desde aqui até ao ano dois mil.

A mil anos de distância, desde a noite da ignorância até ao deslumbramento radioso com o que o nosso desmedido orgulho nos faz supor que seja a sabedoria universal, o homem repete as mesmas inquietações e apura a mesma conclusão terrível de que o limite da vida está à vista e que ao homem mais não resta do que fazer colectivamente as malas para a viagem da eternidade. A única diferença é que, há mil anos, o homem sentia-se ameaçado pelo desconhecido, ao passo que, nos nossos dias de sabermos tudo, sabemos com toda a segurança o que é que nos vai devorar.

O que nos vai devorar até tem um nome. É a poluição, dos ares e das águas, a poluição do meio ambiente, que todos os dias e a todas as horas se agrava, lançando-nos a todos nas mais aterradoras perspectivas do desequilíbrio e da degradação da Natureza. De modo que, de um momento para outro, às advertências dos sábios vieram somar-se as dos políticos, apossados todos da mesma inquietação medonha e niveladora de que, com o seu dia-a-dia absorvido e absorvente, o homem está a alterar perigosamente as condições de equilíbrio ambiente, caminhando para tornar a Terra inabitável.

Desde 1963 que a UNESCO se lançou a recomendar diversos tipos de reuniões para discutir o problema cuja importância todos vêem ser crescente. Mas foi só muito recentemente que o tema passou da mão dos sábios para a dos políticos, os quais lhe deram uma amplitude e uma repercussão novas, ao ponto de Nixon, no último dos seus discursos chamados sobre «o estado da União», ter proposto que a defesa da Natureza constitua um dos principais esforços da nação norte-americana para os próximos dez anos. Assim, num repente, o cidadão vulgar, que não é sábio nem político, descobre também ele a ameaça que nos pesa.

E de repente o mundo acorda para estas novas e estranhas realidades. É preciso salvar o mundo? Que fazer para isso? Reunem-se conferências, lançam-se campanhas de opinião, fazem-se discursos. O americano, porém, esse entra logo em acção, mal se anunciou o começo do combate. No mesmo dia foram instaurados processos contra onze firmas acusadas de poluir as águas na região de Chicago. Foi a primeira vez que se adoptou um tal procedimento. Todavia, para se sublinhar toda a importância que ao caso se pretende conferir, foi o próprio ministro da Justiça quem veio a público dar conhecimento da acção.

Estamos no ano consagrado à propaganda e à acção de medidas de protecção à Natureza. O assunto também nos toca, pois bem sabemos o que é, nalgumas regiões, a floresta de chaminés vomitando fumos ou o que é, nalgumas outras, o despejar de resíduos de toda a espécie nas águas de ribeiras que até há pouco serviam para regas de hortas e pomares. É um tributo caro o que se paga pelo desenvolvimento industrial se o deixarmos correr na ignorância destas preocupações que são as do nosso mundo de hoje. Pela nossa parte, precisamos também de fazer qualquer coisa que vá além da comemoração filatélica.

LIVRARIA BERTRAND

ACABA DE SAIR
A 3.ª EDIÇÃO DE
A PORTA DOS LIMITES
DE URBANO TAVARES RODRIGUES
Um livro que abriu novos horizontes à literatura portuguesa
com prefácio de
ARMANDO VENTURA FERREIRA
COLECÇÃO AUTORES PORTUGUESES
Volume de 308 páginas · 50$00

primaz
ROSSIO, 115
SALDA A PARTIR DE AMANHÃ

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ENTROU EM ÚLTIMA FASE DE REPRESENTAÇÃO A APLAUDIDA REVISTA «ESPERTEZA SALOIA»

No Teatro Maria Vitoria entrou em última fase de representações ao cabo de cinco meses de êxito extraordinário e invulgar, a famosa revista «Espeteza Saloia», o espectáculo de maior comicidade e alegria dos últimos anos

Um notável elenco valoriza, ao máximo, a engracadíssima revista: Salvador, Jose Viana, Marlema Barroso Lopes e Dora Leal com as atracções Helena Tavares e «The Melodies» os artistas Vitor Mendes, Dina Maria e Cristina Cassola além de um gentil grupo de jovens actrizes e de um escultural e alegre «ballet» internacional são, todas as noites, aplaudidíssimos, na interpretação dos seus números

Em sensacional 5.º mês de representações, os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam todas as noites ás 20 e 45 e ás 23 horas esta excepcional revista escrita por Anibal Nazaré Salvador e José Viana, com música de João Nobre e Carlos Dias.

Se ainda não viu «Esperteza saloia!» não perca a sua oportunidade de rir como nunca riu. A companhia do Maria Vitória espera-o, para lhe oferecer uma noite divertida e de permanente gargalhada.

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

ANUNCIA A

6ª SEMANA

-E ÚLTIMA-

do mais cotado filme da temporada !

THE GRADUATE

ADULTOS

A PRIMEIRA NOITE

Oscar para o melhor realizador

MIKE NICHOLS

Globos de Ouro:

- MELHOR ALTA COMÉDIA
- MELHOR REALIZAÇÃO
- MELHOR ACTRIZ
- ACTOR MAIS PROMISSOR
- ACTRIZ MAIS PROMISSORA

United Artists

ANNE BANCROFT E DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

Título: «A sangue frio» (In cool blood).
Realização: Richard Brooks, 1967 (E. U. A.).
Interpretes: Robert Blake, Scott Wilson, John Forsythe, Paul Stewart, Jeff Corey, Charles McGraw, etc.

«Nós somos a prova viva de que o crime não compensa», diz (não sem uma ponta de ironia) um dos jovens assassinos de «A sangue frio» ao seu companheiro. «A sangue frio», para além do relato dessa dramática ironia, é também a confirmação do absurdo de um crime e da (igualmente absurda) sentença que levou ao cadafalso os seus autores.

1. Baseado num *fait-divers*, um dos muitos que periódicamente mobilizam a má consciência da América, Truman Capote escreveu uma obra apaixonante, a meio caminho entre a reportagem e o ensaio, no qual se descreve o trágico assassínio de quatro membros de uma família americana, ocorrido realmente num lugarejo do Estado do Kansas, de nome Holcomb e, simultaneamente, se procura encontrar algumas das causas (sociais, psicológicas, ocasionais..) que impeliram dois rapazes para esse crime com tanto de bárbaro como de gratuito. Durante meses Capote, perseguiu testemunhas e factos, locais de passagem e o próprio cenário do crime, para tentar compreender algumas das razões que estiveram na base do procedimento inconsequente dos dois criminosos. A sua narrativa surge extremamente viva e densa, onde se recortam os pormenores significativos que irão abrir algumas vias possíveis de interpretação e análise do acontecimento. O livro cedo se transformou em «best-seller» e o cinema interessou-se por ele pela mão de Richard Brooks. A Columbia Filmes tinha um contrato com o realizador de «Os Profissionais» e «Lord Jim» do qual uma das cláusulas rezava assim: «*inteira liberdade de escolha de argumentos e da maneira de os tratar*». Com tais pressupostos «A Sangue Frio» teria de ser um filme inequivocamente «brookseano». Assim sucede

2. Todo o cinema de Richard Brooks é (pelo menos até agora) um caso flagrante de um certo tipo de «engagement» político e social, que parece destinado a exemplificar «*como se pode ser liberal e democrático hoje em dia na América*». A sua filmografia reflecte com inequívoca coerência esta propensão manifesta para a abordagem de temas que procuram fazer emergir do mero espectáculo a verdadeira dimensão do homem nos seus multiplos problemas. Trata-se ainda de um autor (e pode aplicar-se o termo *autor* com inteira propriedade, dada a sua regularidade temática e estilística) de certa complexidade, onde os *heróis* nunca se assumem segundos princípios maniqueistas ou esquemas de um simplismo psicológico e social primário. *A Sangue Frio* vem, portanto, continuar as preocupações humanas e estéticas de Brooks, aferecendo-se como obra de meditação de onde se procurou excluir o lado fácilmente espectacular (de pura especulação do crime e das circunstancias em que ele se concretizou) para se atingir uma sobriedade de estilo e de processos que obrigasse o espectador a encarar friamente os dados que lhe eram facultados na obra. Aqui Brooks prolonga o espírito de Truman Capote, desviando-se do pormenor externo para se vincular á pesquisa interior dos móbiles de um acto inconsequente. Se por vezes este espírito nem sempre é mantido (aqui e ali é possível descortinar uma insinuação mais sobrecarregada de significado — logo uma certa demagogia), a verdade é que ele é sempre procurado e quando se quebra, isso fica-se a dever á necessidade de Brooks fazer ouvir a sua própria voz, projectando-se generosamente na obra.

Evidentemente que a transposição do romance de Truman Capote para o cinema lhe fez perder algumas das suas particularidades para ganhar outras. É evidente que as figuras dos dois jovens assassinos são muito mais ricas de implicações no romance de Capote do que no filme de Brooks. Nomeadamente a figura de Perry Smith perde algo da sua complexidade, aqui, trocada por uma certa insistência em dois ou três aspectos dominantes (a sua impotência física — particularmente notada na cena com a prostituta — a marca deixada na carne e no espirito pela sua permanência na Coreia, as relações de relativa ambiguidade mantidas com o pai, etc.). Era por outro lado também evidente a impossibilidade prática de levar para o cinema todo o material recolhido por Capote da confrontação do qua, surgiam as figuras de Perry Smith e Dick Hickock. Mas o filme de Brooks consegue manter o tom de reportagem em que os vários elementos continuamente se chocam necessitando o espectador de manter atento o seu espírito crítico, relacionando dialécticamente os dados que lhe são progressivamente facultados.

Baseado num «best-seller», fácil seria a Brooks canalizar o seu filme pelos trilhos da superprodução. Mas o cineasta preferiu a sobriedade dramática de uma fotografia a preto e branco (admiràvelmente assinada por Conrad Hall), a musica sincopada e inquietante de Quince Jones e a interpretação anódina de alguns intérpretes desconhecidos, casos de Robert Blake e Scott Wilson, «descobertos» por Brooks para as figuras de Perry Smith e Dick Hickock. E digamos que em boa altura preferiu Brooks fazer de *In Cool Blood* uma obra de «autor», pois esta acaba por representar um dos marcos mais significativos do cinema americano dos ultimos anos.

Acabado o filme, o espectador interroga-se: *Que fazer?* Que fazer para tornar impos-

(Continua na 6.ª página)

Ópera em S. Carlos: «Os Diálogos das Carmelitas» de Francis Poulenc

Conforme estava programado, esta semana não há espectáculo de ópera no Teatro Nacional de S. Carlos, pois a Temporada Oficial vai prosseguir no próximo dia 27 com a célebre ópera «Os Diálogos das Carmelitas» de Francis Poulenc, uma das mais apreciadas obras do teatro lírico contemporâneo.

• HOJE ESTREIA

TEATRO ABC

JOSÉ MIGUEL apresenta

Porta de caras

IVONE SILVA (ADULTOS)

A LUXUOSA REVISTA ONDE BRILHAM AS «ESTRELAS»

★ IVONE ★ RIBEIRINHO ★ NICOLAU ★ FERNANDA

A FRENTE DE UM ELENCO MARAVILHOSO

Uma nova gravação com canções por Joan Baez é sempre acontecimento. Na voz da excepcional intérprete surgiram agora quatro trechos: «Dangling Conversation» (de P. Simon), «Be not too hard» (Ch. Logne-Donovan), «North» (N. Duschek-Joan Baez) e «Children of Darkness» (R. Fariña) que Joan dedica «aos amigos de Richard Fariña, em Carnel Valley»

BENNY GOODMAN ACTUA EM LISBOA NA PRÓXIMA SEMANA

Na Europa, sómente o publico das cidades de Londres, Paris, Milão, Hamburgo, Amesterdão, Bucareste, Zurique e também o de Lisboa têm a felicidade de poder assistir ao espectáculo, realizado por William Morris Agency, Inc. de New York, cuja figura principal é o famosíssimo Benny Goodman, embaixador mundial do clarinete, que actuará á frente de uma grande orquestra constituída por 25 figuras.

Como é do conhecimento do grande publico, Benny Goodman gosa actualmente de uma verdadeira popularidade e um simples anuncio é mais que suficiente para provocar um delírio fora do comum entre os seus adeptos e entusiastas, mui particularmente junto das enormes camadas universitárias.

Benny Goodman estará presente no palco do Cinema Monumental no próximo dia 24 pelas 18 e 30 destacando-se entre outros artistas que integram o conjunto, a jovem e singular cantora Barbara Florence

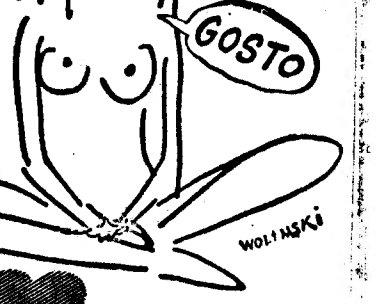
Benny Goodman Big Show é altamente recomendado pelo magazine norte-americano «The Americans & The Arts»

Bilhetes á venda nas bilheteiras do Cinema Monumental.

Espectáculo para maiores de 6 anos

LOTAÇÕES ESGOTADAS

3ª SEMANA no CONDES e ROMA

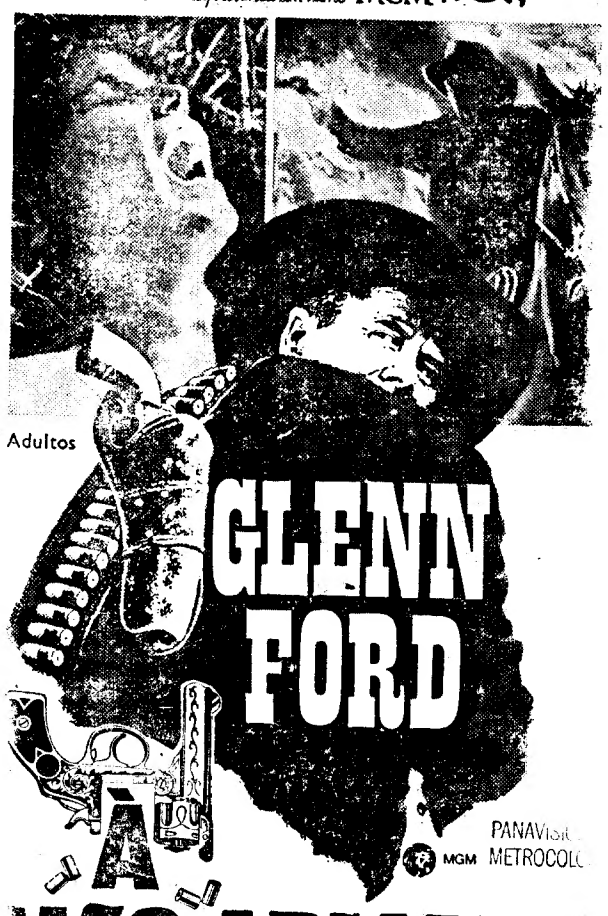


Confidencialíssimo

Um grande exclusivo de FILMES CASTELLO LOPES Adultos

Matava como um artista.
Esta é a história da sua obra-prima!

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM



Adultos

GLENN FORD

A MÃO ARMADA

PANAVISION METROCOLOR

"HEAVEN WITH A GUN"

com CAROLYN JONES · BARBARA HERSHEY · JOHN ANDERSON · DAVID CARRADINE
NOAH BEERY e J. D. CANNON · Argumento de RICHARD CARR · Produção de FRANK KING e MAURICE KING · Realização de LEE H. KATZ

HOJE, ESTREIA no ÉDEN

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DO MAIOR ÊXITO DE GARGALHADA!

NO TEATRO VARIEDADES T. 42 60 37

HOJE E TODAS AS NOITES

A escultural ELOINA e SPINA em «Vacina do Amor»

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!

PEÇO A PALAVRA!

COM UMA GRANDE, ALEGRE E POPULAR COMPANHIA
AIDA ● C. COELHO ● ELOINA ● SPINA ● MAX
● ANITA ● ESPADINHA ● M. FRANCO
A ATRACÇÃO NACIONAL ANTÓNIO CALVÁRIO
A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO
UM SENSACIONAL «BALLET» INTERNACIONAL

HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E 23 HORAS
DOMINGO «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

RIA COMO NUNCA RIU!...

ADULTOS

SALVADOR e JOSÉ VIANA nas «Senhoras Vizinhas»

MARIA VITÓRIA (ADULTOS)

UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

● Está em última fase de representações em triunfal 5.° mês, a colossal revista

ESPERTEZA SALOIA

● HOJE, às 20,45 e 23 h.
● DOMINGO «Matinée» às 16 h.

UM ÊXITO DE GARGALHADA COM:
SALVADOR ★ JOSÉ VIANA ★ MARIEMA
BARROSO LOPES ★ DORA LEAL
VÍTOR MENDES ● DINA MARIA ● CRISTINA CASSOLA
e as atracções:
HELENA TAVARES e «THE MELODIES»
A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

Pedro Moutinho e João Maria Tudella enveredam por novo campo de actividade: a publicidade e as relações publicas. Para isso fundaram uma firma (a Della Monti) que tem muitos planos para o futuro

TUDELLA E PEDRO MOUTINHO: publicidade e relações públicas

Pedro Moutinho e João Maria Tudella formaram uma sociedade comercial que vai dedicar-se à publicidade e a relações públicas.

— *Funcionaremos, basicamente, como consultores publicitários, tirando partido da experiência que possuimos no campo das relações públicas — afirmam.*

O popular locutor e o cançonetista moçambicano associaram-se na agência «Dellamouti» (Tudella & Moutinho) com escritórios na Rua Tenente Ferreira Durão, 33, r./c., em Lisboa.

— *Investimos 500 contos no negócio (garante Tudella). Deixei de ser funcionário efectivo da «Star» mas continuo ligado à firma como colaborador.*

«A crítica disse que o meu último L. P., com canções de Reinaldo Ferreira, José Gomes Ferreira e do «Juvenil» (do «Diário de Lisboa») foi um dos melhores discos aparecidos na temporada. Mas eu tinha necessidade de realização em outro sector: assim, por algum tempo, vou deixar de lado as canções e dedicar-me apenas à publicidade e relações públicas.

Pedro Moutinho (que permanece na E. N., na Cidla e como apresentador da R. T. P.) é o «criativo» da organização.

— *Já temos um programa radiofónico diário: «Terminal», das 14 e 30 às 15 em onda média e na frequência modulada de Rádio Renascença. Procuramos agora comprar «espaço» em todas as estações radiofónicas.*

Pedro Moutinho acrescenta:

— *Dentro dos nossos objectivos estão realizações artísticas, organizações de campanhas comerciais e apoio a iniciativas de âmbito social. Começámos da melhor maneira, modestamente. Vamos a ver se conseguimos, dentro de um par de anos, assegurar uma posição entre as boas agências portuguesas de publicidade.*

Nos planos da «Dellamouti» está inscrita a promoção de artistas portugueses no estrangeiro. Nomes em agenda: Fernando Tordo, Carlos Mendes, Paulo Carvalho, «Os Filhos», Filarmónica Fraude, Conjunto «1111» e «Música Nova(um)», Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira e José Afonso.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da 4.ª página)

síveis (ou menos frequentes) tragédias como a vivida pela família Clutter ou pelos próprios assassinos? Que fazer para irradiar da sociedade o crime, sem eliminar os homens? Que fazer afinal por uma sociedade mais justa e por homens mais sãos? Que fazer?

«A Sangue Frio» dá-nos algumas pistas e sugere caminhos. Mas o seu grande mérito é tornar evidente o absurdo e procurar causas para a sua explicação.

A não perder, portanto, este «A Sangue Frio» só agora aparecido em «écrans» portugueses.

LAURO ANTÓNIO

• NO AVIS

Título: «Marido velho, mulher nova».
Realização: Alberto Lattuada.
Intérpretes: Rosanna Schiaffino, Philippe Lerov, etc.

Uma das mais notáveis comédias satíricas do Renascimento italiano, «La Mandragola», de Nicolau Machavel, filmada torpemente por um velho lúbrico que consegue infectar tudo o que o seu *olhar* percorre. Do neo-realismo á mais reles pornografia, curiosa trajectória, a deste bravo ex-militante do pêcê italiano, que se dá pelo nome de Alberto Lattuada. Tão «fresco» como o Vilhena das anedotas e tão cinematograficamente abaixo de mundo cão que nem dado aconselhamos. Um plano abesta «en plein» a bandalheira institucionalizada das filmagens, quando a Schiaffino ao sentir o ventre oleado com azeite virgem não consegue, á socapa do realizador, reprimir o riso. Delícias de uma farra de truz com cinema-pretexto em pano de fundo e a mãozinha zelosa do assistente a acamar muito bem os alvos lençois por causa do *raccord* (ou do «record» tanto faz).

E já que estamos com a mão na massa, será inoportuna a pergunta: para quando «O Silêncio» e «Persona» de Ingmar Bergman? para quando «The well of ashes» de Peter Emmanuel Goldman? para quando «La Belle de Jour» de Luis Buñuel? para quando «A Religiosa» de Jacques Rivette? para quando «Une femme (est une femme) mariée» de Jean-Luc Godard?

Senhores distribuidores, «encore un effort»: nem só de pão vive o homem e a paciência do crítico tem limites.

JOÃO CÉSAR MONTEIRO

• NO TIVOLI

Título: «Sarilhos conjugais».
Realização: Fielder Cook.
Intérpretes: Deborah Kerr, David Niven, Robert Coole, Irina Demick, David Dundas, etc.

Comédias como «Sarilhos conjugais» destinam-se obviamente ao mesmo público que sustenta no cartaz as peças de «boulevard». Nada nelas é posto em causa, tudo nelas se afina em distraída digestão e alguns bebés lindíssimos. Esta de Fielder Cook não é melhor nem pior que as outras, antes pelo contrário — o «melhor» e o «pior» sendo aqui sinónimos. «Picante», «maliciosa», lantejoulada em cenários de rico luxo e fraco gosto, servindo-se de actores elegantes por tradição e necessidade (David Niven, Deborah Kerr, ambos insuportáveis de britanismo «old style»), a hora e meia de fita devidamente colorida arrasta-se numa intriga «ora agora falas tu - ora agora falo eu» (e quem fala é sempre gente de largos cabedais e meninge atrofiada), intriga que assenta, grosso modo grosso, nos inconvenientes (e, logo após, na grande felicidade familiar) de se trocar aspirinas por pílulas daquelas que não se traduzem. Será por uma tal desgraça de graça que no programa se diz que o filme «reflecte **sem exageros** (o sublinhado é nosso) o actual momento mundial»?

V. S. T.

A cançonetista brasileira Suzy actuou com bastante êxito no «show» carnavalesco de um hotel do Algarve, ao lado do animador Wilson de Sá. Suzy regressou a Madrid (onde reside) mas prometeu voltar no próximo Verão

CICLO DE COLÓQUIOS SOBRE A SITUAÇÃO DA MÚSICA EM PORTUGAL

Esta noite, pelas 21 e 30 horas, inicia-se no salão nobre do Instituto Superior Técnico, o ciclo de colóquios e concertos sobre a «*Situação da Música em Portugal*», em que participam João de Freitas Branco, António Marques de Almeida, Nuno Barreiros, Manuel Ivo Cruz, Manuel de Lima, Humberto d'Ávila, Jorge Peixinho, António Oliveira e Silva, e ainda o Coro da Academia de Amadores de Música dirigido por Fernando Lopes Graça, o Quarteto de Cordas do Porto e novamente Jorge Peixinho, na sua qualidade de pianista.

O colóquio de hoje subordina-se ao tema *Perspectiva histórica e sociológica* e nele participam o dr. João de Freitas Branco e António Marques de Almeida. É o seguinte o sumário das respectivas comunicações: «*Perspectiva histórica da Música Portuguesa. Relação com a Música Europeia:* a) criatividade própria e criatividade por importação; b) motivações subjacentes, de ordem económica, social e política; c) relacionações com factores geográficos e históricos ditos mediterrânicos; d) feições actuais da música europeia; respectivas de integração possível». «*A Ópera:* a) fases principais da sua evolução; b) funções práticas hoje atribuídas ao espectáculo de ópera, à escala europeia e) análise genérica do caso português; d) medidas preconizáveis em Portugal» (João de Freitas Branco). «*Intervenção do artista na sociedade:* a) perspectiva histórica; b) o lugar do artista no fluir da sociedade do seu tempo; c) o conceito de actualidade da obra». «*Composição social do público:* a) as motivações da música viva sobre as diversas estratificações sociais; b) adesão do público a formas tradicionais do consumo da música: c) conclusões» (António Marques de Almeida). Depois das intervenções dos conferencistas haverá debate geral sobre os diversos temas tratados.

A entrada é livre.

CAPITÓLIO
Telefone 32 03 79
HOJE ÀS 21,45 HORAS
O CRAVO ESPANHOL
de ROMEU CORREIA
O espectáculo de hoje é dedicado ao pessoal do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

TEATRO MONUMENTAL
T. 555133

AMANHÃ ÀS 21 e 45 H.
SENSACIONAL NOITE DE ESTREIA
PARA REAPARIÇÃO DA QUERIDA E POPULAR ACTRIZ
LAURA ALVES
NUM ESPECTACULO DE
Vasco Morgado
A deliciosa comédia francesa
* POBRE MILIONÁRIA *
de MARCEL MITHOIS
Tradução de MARIANA DE MORAIS
UMA COMÉDIA QUE SAI DO FRIO COM TODO O PICANTE DE PARIS!
NO ELENCO
PAULO RENATO ● RUI DE CARVALHO ● CANTO E CASTRO ● ARMANDO CORTEZ ● CARLOS JOSÉ TEIXEIRA ● ALINA VAZ ● FERNANDA ALVES ● CARLOS PAULO ● ALICE CARLA ● ANTÓNIO SEMEDO
Encenação de ARMANDO CORTEZ
Cenas de PINTO DE CAMPOS
(ADULTOS)

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
DOMINGO, 22 DE FEVEREIRO, AS 11 H. DA MANHA
Concerto pela
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA
Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.
Direcção: MAESTRO CAPITÃO SILVA DIONÍSIO
PROGRAMA
O GUARANI — Abertura — CARLOS GOMES ● CENAS ALSACIANAS — Suite — MASSANET ● RAPSÓDIA ESLAVA N.º 2 — FRIEDEMANN ● FANTASIA NEGRA — Suite — ARTUR REBOCHO (1.ª audição pela Banda) ● LA DOLORES — Jota — T. BRETON ● ZANONI (op. 40) — PAUL CRESTON
Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje
Maiores de 6 anos
Durante a execução de qualquer dos números do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortável de Lisboa (ADULTOS)
HOJE AS 21 H. e AS 23 HORAS

MARIA PAULA
na comédia
O VISON VOADOR
com
RAUL SOLNADO
IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARÍA, MARIA PAULA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA e ROLANDO ALVES

Um ÊXITO no Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
Dada a grande procura de bilhetes, está a fazer-se a venda antecipada para todo o mês de Março
Todas as noites, ás 21.45 h.
Sábados e Domingos também às 16 horas
(Maiores de 17 anos)
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
em teatralização de STAU MONTEIRO e ARTUR RAMOS
por um valioso elenco
uma nova produção de Igrejas Caeiro
Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro
CONCERTOS EM DIÁLOGO J. M. P.
Quer discutir problemas relacionados com música séria? Faça-se sócio da JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA e colabore na Série Fonsecas & Bunay — Sete Concertos em Diálogo no Teatro Maria Matos aos Domingos às 11 horas. Abertura no próximo domingo — Violino, Violoncelo e Cravo. Inscreva-se na Rua Rosa Araújo, 6, 3.º, das 18 h às 20 horas — M/6 anos

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Manuel Colares Pereira

Faleceu o dr. Manuel Colares Pereira, de 69 anos, advogado e lavrador e antigo deputado. Tendo frequentado o Colégio Militar, pertenceu ao grupo de cadetes que acompanhou o presidente Sidónio Pais no movimento de 5 de Dezembro. Como advogado, participou em processos célebres, tais como do Banco Angola e Moçambique, e pertenceu, durante dois triénios, ao conselho distrital da Ordem dos Advogados.

Escreveu diversos trabalhos forenses, colaborou em revistas literárias e outras e publicou ainda, livros de poesia.

Era casado com a sr.ª D Margarida Iglésias de Oliveira Colares Pereira, e pai do sr. dr João Pedro de Oliveira Colares Pereira, casado com a sr.ª D. Maria de Lurdes Ivens Frraz Colares Pereira; do sr. dr António Pedro de Oliveira Colares Pereira, casado com a sr.ª D. Maria Inácia Emauz Silva Colares Pereira; da sr.ª D Maria do Carmo Colares Pereira Galvão Teles, casada com o sr. dr. José Manuel Archer Galvão Teles; e do sr. dr Pedro Manuel de Oliveira Colares Pereira, casado com a sr.ª D. Maria Cristina de Melo e Faro Passanha Colares Pereira. Tinha dezasseis netos.

O funeral realiza-se amanhã, ao meio-dia, da igreja da Pena para o cemitério dos Prazeres.

Orlando Pais Soares

Acometido de doença subita quando presidia a uma reunião camarária, foi transportado ao Hospital de São José, onde veio a falecer, o sr. Orlando Pais Soares, presidente do Município de Sesimbra, de 44 anos, natural de Almada e que estava á frente dos destinos daquela edilidade desde 1968.

Industrial e proprietário, o sr. Pais Soares era casado com a sr.ª dr.ª Maria Amélia Covas Simplício Pais Soares, pai do menino José Augusto Covas Simplício Pais Soares e filho do sr. José Augusto Rodrigues Soares e da sr.ª D. Alice Pais Soares.

O funeral, a cargo da casa A. G. Magno, Ld.ª, da Avenida Almirante Reis, realiza-se amanhã, ás 10 horas, da igreja de S. João de Deus, para o cemitério de Sesimbra.

D. Antónia da Conceição Marques de Carvalho

Faleceu a sr.ª D Antónia da Conceição Marques de Carvalho de 81 anos de idade, natural da Serra de Tomar, irmã das sr.as D Olinda Marques Feliciano e da sr.ª D. Julia Marques Carlos, tia da sr.ª D. Antónia Marques Batalha e do sr. António Carlos da Costa Marques.

O funeral, a cargo da casa A. G. Magno, da Avenida Almirante Reis, 129-A, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da Avenida 5 de Outubro, 16 1.º, direito, para o cemitério dos Prazeres, para jazigo de família. Pelas 11 e 30, será rezada missa de corpo presente.

SUFRÁGIOS

DR. ARTUR CAMPOS FIGUEIRA DE GOUVEIA

No passado dia 14 faleceu na sua residência, na Rua Alcolena, n.º 13, o Dr. Artur Campos Figueira de Gouveia, advogado, industrial e presidente da Assembleia Geral da Sociedade Avenida Parque, cujos destinos geriu por muitos anos.

O extinto deixou viuva a Ex.ma Sr.ª D Cristina Ventura Campos Figueira de Gouveia, era pai do sr. Artur Manuel Ventura Figueira de Gouveia, sogro da Ex.ma Sr.ª D. Bertilia Rosa de Almeida e Silva Figueira de Gouveia, avô do menino Rafael André e irmão do Dr. Alberto Pinto Gouveia.

Não se fizeram oportunas participações por expressa determinação do falecido.

Amanhã, dia 20, serão rezadas missas de sufrágio ás 17 e 30 horas, na Igreja dos Jerónimos e ás 19 horas na Igreja de Lavre.

Maria Luisa de Gouveia Miranda Sá

Mandada celebrar por sua família, celebra-se amanhã, dia 20, pelas 8 e 30 horas, na igreja de S. João de Brito, missa do 1.º aniversário do seu falecimento.

ENCONTRO EPISCOPAL EM SETÚBAL

•Ventilada de novo a criação da diocese

Encontraram-se, na capital do Sado, os principais responsáveis pela vida da Igreja Católica na diocese de Lisboa: cardeal-patriarca, arcebispo de Mitilene, bispo de Telepte e vigário episcopal de Setubal.

O encontro, informal e amistoso, serviu para ventilar, mais uma vez, as hipóteses e fórmulas de criação de uma nova circunscrição eclesiástica (diocese), a sul do Tejo.

No caso de tal diocese ser criada, uma parte das dioceses limítrofes seriam nela integradas, uma vez que bem perto de Setubal ficam paróquias que dependem de Evora e de Beja, cidades muito distantes.

TECENDO O FUTURO!

Participe connosco no esforço
de fomento da economia nacional.
Construa a sua riqueza ajudando
a construir a riqueza do país.

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano,
isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:
LISBOA
Rua Braamcamp,5
PORTO
Av. dos Aliados, 58-64

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Voltou esta tarde a pedir-se na Assembleia Nacion a assistência dos advogados aos interrogatórios dos a

A Associação Académica da Amadora, comemorando as festas do seu XXVIII aniversário, simbolizou num medalhão o acto mais importante das comemorações: a inauguração do seu pavilhão gimnodesportivo. O medalhão, no verso, incluindo o emblema do clube, assinala o 28.º aniversário, e, no anverso, indica a inauguração a 24 de Janeiro de 1970

Na ordem do dia da Assembleia Nacional continua a discutir-se (na generalidade) a proposta de lei sobre a criação de Tribunais de Família, estando hoje inscritos para falar os deputados Raquel Ribeiro e Teixeira Canedo.

Para o período de antes da ordem do dia pediram a palavra os deputados Sá Carneiro, Neto de Miranda, Lopes Frazão, Alberto Meireles (tolerancia de ponto na Sexta-Feira Santa), Silva Mendes (hospitais e enfermeiras), Alm. Garrett (integração económica), Costa Ramos (organização cooperativa e cooperativa da lavoura) e Veiga de Macedo (política industrial da Secretaria de Estado da Industria).

O deputado dr. Sá Carneiro voltou a referir-se a um ponto da maior importancia e sobre o qual já se pronunciara na sessão de 11 de Dezembro: a falta de cumprimento do disposto no art.º 279.º do Código do Processo Penal, que assegura a assistência de advogado ou de defensor oficioso nos interrogatórios dos arguidos.

Afirmou nomeadamente o dr. Sá Carneiro na sua intervenção de hoje:

— Termina aquela minha breve intervenção declarando ficar a aguardar as providências que o Governo entenda dever decretar para que a lei seja imediatamente cumprida. Aguardei até 28 de Janeiro passado, data em que formulei a nota de perguntas agora transcrita no Diário das Sessões. E continuo a aguardar e a levantar a minha voz de protesto contra a ilegalidade, e porque nenhumas providências foram afinal tomadas. Afirmei, sem desmentido, que, qualquer que seja o crime e a autoridade competente para o instruir, é indispensável e urgente que se assegure, nos termos legais, a assistência de advogado ou de defensor oficioso nos interrogatórios dos arguidos presos. É de toda a evidência que com isto abrangia todas as autoridades instrutórias dependentes de quaisquer ministérios, entre elas avultando o Ministério Publico e a Polícia Judiciária, dependentes do Ministério da Justiça e a extinta Polícia Internacional e de Defesa do Estado, hoje Direcção-Geral de Segurança, dependente do Ministério do Interior. Por isso pedi ao Governo, que pelos departamentos competentes, esclarecesse quais as providências tomadas para restabelecer a legalidade. A resposta veio-me apenas do Ministério da Justiça. E não posso deixar de congratular-me por ver compartilhada pelo Governo a conveniência, também por mim expressa, de rever diversos aspectos do direito processual criminal, em articulação com a revisão da organização prisional, e com a reforma do Código Penal. Oxalá não tardem essas necessárias revisões e reformas. Mas enquanto elas não surgem é indispensável que se cumpra a lei vigente, tomando-se sem delongas as necessárias medidas que continuam a urgir.

O deputado passou depois a demonstrar como o parecer da Procuradoria-Geral da Republica citado pelo Governo não inutilizava «a necessidade das providências que pedi» nem impugnava «a ilegalidade que apontei» — pelo contrário, esse parecer «já maior de 24 anos» confirmava (como a opinião dos nossos dois professores de Direito Penal) a justeza das suas afirmações.

E a concluir:

— Gostaria de ter pedido a palavra para me regozijar com as providências decretadas pelo Governo para restabelecer a legalidade neste ponto essencial da instrução criminal. Lamento que tivesse de a usar para continuar a reclamar contra a ilegalidade e para insistir em que se lhe ponha termo. Não deixarei de o fazer enquanto isso se não verificar, repetindo as vezes que for necessário o apelo que aqui deixei e procurando esclarecer a opinião publica da satisfação que merece uma reivindicação que é não só justa como imposta pela própria lei vigente. Por isso termino hoje e Deus permita que o não tenha de repetir, do mesmo modo que anteriormente: «Ficam, pois, a aguardar-se as providências que o Governo entenda dever decretar para que a lei seja imediatamente cumprida.»

● NETO DE MIRANDA: Rever a política de integração económica

O deputado Neto de Miranda falou, como dissemos, sobre a integração económica e a transferência de capitais provenientes de Angola (a que se referiu em especial) e Moçambique. E afirmou em certo passo:

— As dificuldades em que se processa a livre circulação de capitais e mercadorias, desde a obtenção de autorização para transferência até á demora da sua liquidação, denunciam um descrédito para a política de integração económica nacional, causam prejuízos individuais, atrasam ou impedem que as medidas preconizadas para o povoamento se concretizem, prejudicam a melhoria do nível técnico das actividades industriais, ainda que de modesta dimensão, pois o afluxo de mão-de-obra metropolitana ás provincias do Ultramar se dificulta quando as mesadas para as famílias são limitadas e demoram a ser liquidadas vários meses; os capitais metropolitanos também se sentem desinteressados pela inconstancia fiscal e transferibilidade dos juros ou rendimentos de capitais.

E depois de outras considerações sobre o problema em apreço o orador terminou por dizer:

— Ao Governo cabe decidir pelo melhor caminho, pois que as províncias do Ultramar têm felizmente meios para poder corresponder ao apelo ou á política que for sugerida como mais adequada ao interesse nacional. É tempo, pois, de se rever a política de integração económica no espaço português. Será mais um contributo eficaz para que a política ultramarina que o Governo desde sempre vem defendendo reforce ainda mais a unidade da Nação.

● LOPES FRAZÃO: Os problemas da carne

O deputado Lopes Frazão, por sua vez, analisou os problemas da carne, começando pelas respectivas infra-estruturas da lavoura:

— grav
nom
mos
uma
com
cime
não
dos
e no
distr
ra b
O
vers
da
carn
feito
port
mam
—
o te
-esta
meti
mur
crus
lose
ou
ficar
Er
devi
man
ralis
sar
causa
ria
de
evol
sar
Tud
enca

CAIXA SINDICAL DOS TIPÓGRAFOS

QUASE 97500 CONTOS FOI A RECEITA EM 1968

Cerca de 17 mil contos alcançou, em 1968, o custo da acção médico-medicamentosa da Caixa Sindical de Previdência dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos — segundo se assinala no relatório da gerência da instituição.

A Caixa, que contava, no final de 1968, 16 779 beneficiários activos, despendeu, no referido ano, 6501 contos para financiar a construção e aquisição de casas por 47 beneficiários.

O total de receitas foi quase de 97 500 contos e o das despesas superior a 56 500 contos. As despesas com pensões e subsídios por morte foram ligeiramente superiores a 9500 contos e as despesas com subsídios na doença e maternidade quase alcançaram 26 837 contos.

Interrompidas no I. S. C. E. F. as provas para professor extraordinário por ter adoecido um dos arguentes

As provas do concurso para provimento de uma vaga de professor extraordinário do primeiro grupo de disciplinas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, ontem iniciadas, foram hoje interrompidas por ter adoecido subitamente um dos arguentes que fazem parte do juri: o prof. Manuel Neto Murta.

Como é já sabido, concorrem áquela vaga os srs. drs. Mário António Soares Madureira, Fernando de Jesus e José Ribeiro de Albuquerque.

O juri, a que preside o prof. António Maria Godinho, do I. S. C. E. F., é constituído pelos professores Francisco Leite Pinto, Bento Murteira, Pinto Barbosa e Jacinto Nunes, catedráticos daquele estabelecimento de ensino superior; Dias Agudo e Tiago de Oliveira, catedráticos da Faculdade de Ciências de Lisboa; dr. Campos Ferreira, do Instituto Superior Técnico; e pelo professor Neto Murta, catedrático da Faculdade de Ciências de Coimbra, que, como dissemos, adoeceu.

Segundo o secretário do I. S. C. E. F. «as provas prosseguirão quando o prof. Neto Murta estiver de boa saude», pois «é práticamente impossível improvisar um arguente para discussão de um tema científico».

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Ourivesaria da GUIA
GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
Fundada em 1875

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É ME

FIM DE TARDE EM S.BENT

★ *A Assembleia Nacional reuniu ontem com a presença de 94 deputados. E esteve animada, chegando a haver numerosas interrupções e debate, principalmente a propósito do problema da emigração — aliás tema já muito versado nesta legislatura.*

★ Foi o deputado Menezes Falcão, no período antes da ordem do dia, que se ocupou de novo do assunto, em termos um tanto dramáticos: «A Nação inquieta-se. Formulam-se as mais variadas interrogações». Aquele parlamentar admitiu que a emigração, em certos locais, tenha sido «uma lógica e legítima busca de melhores condições de vida» ou «de natural reacção em presença de injustiças sociais»

★ *Aquele parlamentar, porém, disse mais adiante que competia ao Estado «usar da sua autoridade» reprimindo «eficazmente a emigração clandestina». Interrompido pelos deputados Camilo de Mendonça e Cunha Araújo, em reforço dos seus pontos de vista, o orador lembrou as condições miseráveis em que vivem os emigrantes portugueses em França e lembrou que a Televisão devia ir ali colher imagens dessas condições.*

★ Interrompendo o orador, o deputado Correia da Cunha discordou. Antes disso, a Televisão deveria — sim — ir às nossas aldeias serranas, para mostrar as condições em que ali vivem os nossos camponeses, o que explica, em grande parte, a emigração, que resulta da aspiração a uma vida melhor e não a um espírito de aventura.

★ *Réplica do deputado Menezes Falcão: — Noventa por cento dos portugueses têm uma camisa lavada ao domingo e uma sopa quente...*

O dr. Cunha Araújo:

— A aventura, o espírito de aventura já esteve na base das descobertas e de toda a nossa emigração.

O deputado Sousa Pedro:

— Nas ilhas adjacentes, se não tivesse sido oportunamente autorizada a emigração, já nos teríamos comido uns aos outros.

★ Retomando o seu discurso, disse ainda o deputado Menezes Falcão: «Todos sabemos que elevado número de mancebos falta todos os anos ás inspecções militares. Aquilo que começou por ser protecção doentia de meninos mimados ou negócio de ocasião, está a transformar-se em escandalosa evasão. E será neste ponto que todos sentimos atingidas pela emigração as estruturas da defesa nacional. Não será exagero contar por batalhões o número traídos ás fileiras das forças armada extemporânea para o estrangeiro»

E ainda: «Esta fuga, que é i da maioria e traição de alguns, neadoras que nos afastam do ab crime em todo o Mundo civilizad ser encarada. A inconsciência po cívica, é fruto dos tempos e temo batê-la a partir das primeiras letr acordes do Hino Nacional».

★ *O deputado Linhares de Andra cupado com a imutabilidade em Lisboa e no Porto. É certo qu (por defeito e por excesso) de re das dos limites razoáveis. Mas o actualização das rendas baixas, da-se, que significaria «aumento d escalonadas»*

★ A proposta de lei sobre a cr de Família continuou a ser a lidade, na ordem do dia, usando tados Leonardo Coimbra, Pinto neiro

★ *A intervenção deste último p as atenções gerais, por ter sid a proposta de lei, por discordar d bunais especiais. E a propósito, s uma comissão parlamentar encar um projecto de alteração a certo tituição.*

Apontou, em abono do seu po niões de procuradores discordan lei e de outras autoridades. E co

«Entendo que a proposta do rejeitada na generalidade, *para o necessário a respectiva questão votos para que o Governo* protecção da família e á p tenciosos familiares, generalize uma eficaz assistência social dos res mais necessitados; promova a processuais com vista a possibili Justiça mais individualizante e hu as acções e providências relativas a todo o território nacional a tribunais tutelares especializados, sários serviços de assistência soc necessário, o alargamento da su

onal arguidos

— De forma alguma, sem grave dolo para a nossa economia em retracção, podemos continuar a suportar uma agricultura desfalecida, com uma taxa anual de crescimento tão minguada, que não chega, pela maior parte dos anos, a passar de 1 %, e no Alentejo, nos seus três distritos, situa-se mesmo para baixo do zero.

O orador referiu-se a diversos aspectos da »política da carne» («porque não há carne e muito pouco se tem feito por isso, vá de a importar (...). e concluiu afirmando:

— O apresto para a luta só o teremos com as tais infra-estruturas ansiadas e já prometidas; os redutos-regime municipalista obsoleto incrustado no circuito e anquilose transitária da carne —, ou caem, e avançamos, ou ficam de pé, e recuamos.

Enquanto não estivermos devidamente aprestados e se mantiverem as amarras paralisantes, escusamos de pensar em carne nacional, escusamos de pensar em pecuária densificada, e s c u s a m o s de pensar em agricultura evoluída, escusamos de pensar em economia promovida. Tudo isto está em perfeito encadeamento.

HERMANO NEVES

EDITADO EM FRANÇA O POETA PORTUGUÊS HERMANO NEVES

O poeta português Hermano Neves, de quem anunciámos há tempos o lançamento de «*L'impudique poursuite*» e «*L'important c'est aimer*», viu entretanto mais dois livros seus editados pela casa Peirre-Jean Oswald, de Monfleur — Paris. Radicado na capital francesa depois de uma estadia em Londres, a sua carreira literária ali se iniciou e ali prossegue com notável perseverança.

Não é vulgar isto que sucede a Hermano Neves: aos trinta e poucos anos abandona uma carreira profissional e dedica-se por inteiro à literatura, adoptando o francês como veículo de comunicação. Em ritmo intenso a obra cresce — «*L'impudique poursuite*», «*L'important c'est aimer*», agora «*Poèmes clandestins*» e «*Les laptidés*». Se quiséssemos classificá-lo diríamos que é um autor possuído de veemência, a mesma que o leva a versejar em medida curta e sincopada ou a inquietar-se (e inquietar-nos) com as «dolorosas visões» que há muitos anos o perseguem.

Nesse sentido «*Les laptidés*», estranha e atormentada narrativa surgida de uma aventura pouco vulgar — seis semanas de internamento, por precipitação do médico assistente, num hospício —, constitui um terrível documento em que o autor aceita *descer aos infernos* para melhor entender a *mediocracia* que o cerca.

Poeta perturbante, neto de um jornalista ilustre, Hermano Neves continua por vontade própria à margem da literatura portuguesa. É isso que mais uma vez se lamenta

APOIO FINANCEIRO ÀS ACTIVIDADES NACIONAIS

CARACTERIZOU O EXERCÍCIO DO BANCO BORGES & IRMÃO

Acabam de ser tornados públicos o relatório do Conselho de Administração e as contas da gerência do Banco Borges & Irmão, referentes ao exercício de 1969, destinados á apreciação pela assembleia geral que se reune no próximo sábado.

Da simples leitura do documento elaborado pelo Conselho de Administração sobressai imediatamente um aspecto sigificativo da política seguida durante o ano findo: o prosseguimento do esforço de modernização, com vista a imprimir á acção desenvolvida pela instituição um carácter cada vez mais apropriado ás crescentes necessidades de progresso das actividades económicas nacionais Com efeito, não só foram modernizadas e ampliadas as instalações do Banco, como se lançaram novos serviços e se imprimiu á sua estrutura, através de uma vasta acção reorganizadora, uma actualização e um dinamismo que tornam mais próximas, eficazes e fáceis as relações entre a instituição e o publico.

Apresentado com clareza e objectividade fundamentado nas realidades testemunhadas pelos numeros e pelos empreendimentos concretizados, o Relatório evidencia como o Banco Borges & Irmão, perseverando nos propósitos há muito enunciados, procurou dotar-se dos meios indispensáveis para corresponder ás exigências actuais e ás alterações que têm ocorrido e que se anunciam nos mercados monetário e financeiro á escala nacional e internacional.

Uma política de crédito tendo em vista o apoio financeiro aos sectores primordiais que mais dele carecem

Cônscio da função social que cabe á banca comercial desempenhar como elemento dinamizador das actividades económicas nacionais, o Banco Borges & Irmão tem procurado estar presente em todas aquelas regiões onde mais necessário se torna o apoio de uma grande organização bancária, através de uma rede de dependências e agências que cobre hoje, práticamente, todo o território metropolitano e alargando mesmo a sua acção ao Ultramar por intermédio do Banco de Crédito Comercial e Industrial, de que foi fundador e é um dos principais accionistas. Daí resulta, naturalmente, a assinalável expansão geográfica alcançada por esta prestigiosa instituição de crédito, que ocupa hoje uma posição de vanguarda no sector

Esta preocupação de apoio á actividade privada, que constitui outra das constantes na linha de rumo traçada e firmemente observada pelo Banco Borges & Irmão é, igualmente, patenteada no Relatório que põe em relevo a evolução registada, nos ultimos cinco anos, pelo saldo do crédito concedido, cujos valores, em milhares de escudos foram os seguintes: em 1966, de 5 104 415, com um aumento de 11 por cento em relação a 1965; em 1967, de 6 030 573, subindo 18 por cento; em 1968, de 7 864 715, aumentando 30 por cento; e no ano passado, de 9 542 926 com uma elevação de 21 por cento.

Estes numeros testemunham a continuidade da acção realizada pelo Banco, numa política de crédito orientada no sentido de uma expansão da instituição, subordinada a sãos principios de actuação, de uma criteriosa selecção de operações, tendo em vista o apoio financeiro aos sectores primordiais que dele mais carecem e de manutenção de uma forte liquidez, sem o que a própria acção do Banco em defesa dos interesses da economia portuguesa se não poderia desenvolver convenientemente.

Igualmente significativos são os progressos registados em outras rubricas, como na dos depósitos, que atingiram mais de 12,5 milhões de contos (aumento de 23 % em relação ao ano anterior) e na das disponibilidades de caixa que subiram 31 %, ultrapassando já os 3 milhões de contos.

O documento termina referindo «a sempre valiosa contribuição do Conselho Fiscal que constantemente acompanhou as actividades de gestão do Banco» e manifestando «reconhecimento ao pessoal, exemplar no desempenho das mais variadas tarefas que lhe foram confiadas».

EXPO'70
OSAKA
JAPÃO
PROGRESSO E HARMONIA PARA A HUMANIDADE

O ACONTECIMENTO DO ANO

VIAGENS ESPECIAIS

com partidas todos os meses de Março a Setembro *

* excepto Julho

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:

SAS

Rua Joaquim António de Aguiar 41 LISBOA Telef. 4 93 74

TRADICIONAL CRUZEIRO ABREU desde 1840 à RUSSIA

a bordo do modernissimo paquete «Ivan Franko» de 20 000 tons. na companhia de competentes Delegados ABREU De 18/4 a 11/5

NICE-MARSELHA-ATENAS-CORINTO-DELFOS-ISMIR-ISTAMBUL-ODESSA-LENINEGRADO-MOSCOVO-YALTA-PALERMO e AGRIGENTO

Preços desde 14.900$00 • Peça programa detalhado

Escolha dos camarotes no acto da inscrição

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 • PORTO - Avenida dos Aliados, 207 • COIMBRA - Rua da Sota, 2

Mais uma cruzeiro - sucesso ABREU

JÓIAS

Antigas e modernas Compra cobrindo todas as ofertas

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253—Tel. 32 45 64

TÉCNICAS MODERNAS DE ORGANIZAÇÃO DIRECÇÃO E GESTÃO

Oportunidade excepcional para adquirir a CRÉDITO esta valiosissima Enciclopédia

Colecção DIRECÇÃO de EMPRESAS

a mais notável série portuguesa ao serviço das empresas e dos seus quadros

Titulos disponiveis:

1. A Direcção Moderna. 50$00
5. Gestão Económica dos «Stocks». 50$00
6. O Chefe — Sua Formação e Missão. 40$00
8. Indicadores de Gestão. 50$00
13. Formar Chefes — Promover os Homens. 50$00
14. Manual da Secretária Moderna. 80$00
16. Técnicas Modernas de Expansão de Vendas na Indústria. 80$00
17. Prática do Estudo da Rentabilidade das Empresas. 50$00
18. Controle Orçamental na Empresa. 80$00
19. Prática da Cronometragem. 50$00
20. Conquista dos Mercados ou «Marketing» à Europeia. 70$00
21. A Publicidade — Teoria e Técnica. 70$00
22. Lançamento dos Produtos. 50$00
23. A Psicologia e as Ciências Humanas na Empresa. 90$00
24. Simplificação Administrativa. 50$00
25. Preparar o Futuro. 60$00
26. Técnicas Modernas da Escolha de Homens. 100$00
27. A Publicidade — Prática. 120$00
28. Técnicas de Condução de Reuniões. 60$00
29. O Plano Financeiro nos Projectos de Modernização Industrial. 70$00
30. Como Organizar o Arquivo. 90$00
31. Manual do Vendedor Moderno. 100$00
32. PERT e CPM — Aplicações Práticas. 100$00
33. Gestão Previsional dos Quadros. 60$00
34. Os Quadros e a Revolução Informática. 100$00
35. Relações Públicas na Indústria. 80$00
36. A Organização do Gabinete de Estudos. 100$00
37. As Previsões de Venda. 100$00
38. Direcção Participativa por Objectivos. 60$00
39. Manual do Chefe Administrativo. 80$00
40. As Novas Técnicas de Venda. 50$00

DIRECÇÃO e GESTÃO de EMPRESAS

Desejo adquirir a crédito, em prestações mensais de 150$00:

Colecção DIRECÇÃO de EMPRESAS

☐ Todos os volumes disponíveis. 2240$00

Sòmente os volumes cujos números indico: _____

_____

Revista DIRECÇÃO e GESTÃO de EMPRESAS

☐ Volume com os números 7 a 12. 240$00

☐ Volume com os números 13 a 18. 240$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Preencha, recorte e envie este cupão a

EDITORIAL PÓRTICO • R. Dr. Júlio Dantas, 4 — Lisboa

Actualidade internacional

A TASS COMENTA A MENSAGEM DE NIXON

OS OBJECTIVOS PRINCIPAIS DA POLÍTICA AMERICANA CONTINUAM IMUTÁVEIS

LONDRES, 19 — (A. N. I.) — Comentando a mensagem do presidente Nixon sobre a política internacional designada por «nova estratégia para a paz», a Tass afirma hoje que «embora a mensagem aponte a necessidade de uma revisão cuidada de algumas das antigas posições e de uma forma nova de encarar os problemas da paz, os principais objectivos e funções da política norte-americana continuam imutáveis».

E a agência soviética acrescenta: «Conclui-se da mensagem que os Estados Unidos continuam a dar ênfase ás forças militares como base da política norte-americana».

A agência ADN, da República de Pankow, afirma por seu turno que «Nixon chamou demagogicamente á sua mensagem de 11 páginas uma estratégia para a paz, ao mesmo tempo que confirmava abertamente o seu esforço para encorajar as guerras e os conflitos locais».

«A intensificação da estratégia global imperialista continua a ser o objectivo principal da política externa norte-americana», conclui a ADN.

O Japão recebeu entusiásticamente a mensagem do presidente Nixon e o Ministério dos Negócios Estrangeiros mostrou-se especialmente interessado na parte em que o presidente dos Estados Unidos se refere ao Japão como «o elemento chave da estabilidade na Ásia».

Em Joanesburgo, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Hilgar Muller, declarou que algumas referências de Nixon á política sul-africana indicam uma «visão realista» dos problemas na área.

«Parecem existir também certos aspectos da política que estão de acordo com a posição do Governo sul-africano», afirmou o ministro.

«APOIO TOTAL A ISRAEL»

CAIRO, 19 — (F. P.) — A mensagem do presidente Nixon ocupa pouco espaço na primeira página da Imprensa egípcia esta manhã, cujos títulos dão mais destaque á entrevista concedida pelo presidente Nasser ao jornal «Le Monde». A mensagem do presidente Nixon é unânimemente considerada como «apoio total a Israel».

«Al Ahram», no seu comentário á passagem consagrada á crise do Médio Oriente, destaca os seguintes pontos:

1 — Uma harmonia perfeita entre a política de Israel e a do Governo americano, que procura fazer da crise um eco da «guerra-fria» entre os Estados Unidos e a U.R.S.S.

2 — A propósito da assistência militar suplementar a Israel, Nixon reserva-se o direito de interpretação de «equilíbrio das forças na região».

3 — Nixon reafirmou o princípio de negociações directas, deixando em silêncio total o ponto de vista dos países árabes a este respeito.

4 — A mensagem presidencial esquece totalmente a resistência palestina bem como os direitos dos palestinos.

GEORGE BROWN: «Todos os judeus ocidentais lutarão até ao último israelita»

TÉCNICOS JAPONESES IRÃO À SIBÉRIA

TÓQUIO, 19 — (R.) — Equipas de técnicos japoneses irão á Sibéria, em breve, para estudarem as possibilidades de desenvolvimento da extracção de carvão, minério de ferro e gás natural naquela região — anunciou Shigeo Nagano, presidente da companhia siderurgica Fuji.

Nagano fez esta declaração ao regressar a Tóquio, depois de ter chefiado uma delegação de 60 industriais e homens de negócios japoneses que foram a Moscovo efectuar negociações sobre cooperação económica.

A primeira equipa japonesa de prospecção irá a Yakutsk, na Sibéria Oriental, procurar gás natural.

O primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, disse á delegação japonesa que as reservas de gás natural em Yakutsk atingem cerca de um bilião de metros cubicos, ao passo que na Sacalina do Norte, onde os japoneses tencionavam abastecer-se, as reservas são inferiores ao que se pensava.

«AMIGOS DE ISRAEL» INDIGNADOS COM GEORGE BROWN

LONDRES, 19 — (R.) — O discutido ex-ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, George Brown, que tanto tem dado que falar com as suas atitudes pouco diplomáticas, voltou hoje a ser noticia por ter declarado num comicio pró-israelita que «todos os judeus ocidentais lutarão até ao ultimo israelita.»

O jornal «Daily Express» relatando o discurso feito por Brown numa reunião de «amigos de Israel» ontem á noite no Parlamento, disse que ele começou por afirmar: «Penso que antes de mais nada devo dizer-lhe que gosto do presidente Nasser.»

A assistencia achou graça á afirmação mas começou a pensar que o orador estava a ir longe de mais quando ele acrescentou: «Quanto mais nos afastamos da cena do crime mais fácil se torna fazer discursos sanguinários.»

A assistência começou a agitar-se e a ficar francamente indignada quando George Brown sem se perturbar prosseguiu: «Todos os ingleses lutarão até ao ultimo francês, todos os naturais do Kuwait lutarão até ao ultimo egipcio e todos os judeus ocidentais lutarão até ao ultimo israelita.»

Brown, que recentemente se envolveu em azeda polémica com os dirigentes israelitas durante uma visita a Israel confundiu ainda mais os seus ouvintes quando disse pensar que o movimento de libertação da Palestina é chefiado por «individuos relativamente moderados.»

O antigo ministro tentou acalmar a inaignada assistência com conversações:

«Eu não consigo distinguir um arabe de um judeu. Ambos são povos semitas e ambos têm o nariz comprido como o meu.»

Segundo o jornal «Guardian» Brown teria ainda dito que também gosta muito da sr.ª Golda Meir, chefe do Governo israelita.

«Eu discuto com ela e oponho-me a ela mas gosto muito dela e tenho-lhe uma grande admiração.

No entanto, também sou muito amigo do presidente Nasser.»

NOVO MASSACRE NO VIETNAM — segundo a NBC

NOVA YORK, 19 — (R.) — A National Broadcasting System (N.B.C.) comunicou a noite passada que descobrira pormenores de um segundo alegado massacre de cerca de cem civis vietnamianos, que ocorreu no mesmo dia da chacina em My Lai, em 1968.

Em Washington, um informador do Exército, ao ser-lhe solicitado para comentar a notícia da N.B.C., declarou: «O Exército está a investigar todos os alegados incidentes relacionados com a área de operações de Son My por volta de 16 de Março de 1968 e continuará o seu inquérito sobre quaisquer novas revelações ou provas á medida que forem apresentadas».

U THANT E JARRING CONFERENCIAM

GENEBRA, 19. — (R.) — U Thant, secretário-geral da ONU, conferenciará hoje, de novo, com o seu enviado de paz ao Médio Oriente, dr. Gunnar Jarring, antes de seguir de avião para a Birmânia, em visita particular.

U Thant e o diplomata sueco conversaram a noite passada durante duas horas, mas não foi emitida qualquer comunicação.

Antes, o secretário-geral, que proferiu um discurso na conferência internacional do desarmamento, durante a sua permanência de 24 horas nesta cidade, afirmara que discutiria com o dr. Jarring se chegara a altura de reactivar a missão de paz no Médio Oriente.

Novos foguetões soviéticos

BRUXELAS, 19 — (F. P.) — O Conselho do Atlântico examinou ontem, com Gerard Smith, chefe da delegação dos E. U. A. ás conversações de Helsínquia os problemas levantados á Aliança Atlântica pelas negociações americano-soviéticas acerca da redução dos armamentos nucleares estratégicos.

Smith expôs ao Conselho o modo como decorreram as discussões de Helsínquia e como prevê que decorram as próximas discussões de Viena. Nada filtrou das perguntas que os membros do Conselho fizeram ao negociador americano, mas supõe-se que o terão interrogado acerca dos novos foguetões soviéticos de grande potência e raio de acção, bem como acerca do destino reservado, num eventual acordo, aos 700 mísseis soviéticos de alcance médio, que estão apontados para a Europa Ocidental.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Sede — Avenida da República, 29
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

SECÇÃO PROFISSIONAL DE ARMAZÉM

Em cumprimento do preceituado no n.º 1 do Artigo 45.º e Artigo 46.º dos Estatutos deste Sindicato Nacional, é convocada a Assembleia Geral Ordinária da Secção Profissional de Armazém, a reunir na Sede deste Organismo, no dia 20 do próximo mês de Março, pelas 20 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Eleição da Direcção da Secção e dos representantes desta mesma Secção à Assembleia Geral do Sindicato

Não havendo número legal de sócios presentes, desde já se convoca nova reunião para as 21 horas do mesmo dia, que funcionará com qualquer número de sócios, conforme determina o artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1970.

A presente convocatória é motivada pelo adiamento da Assembleia anteriormente convocada.

A DIRECÇÃO DA SECÇÃO

SERRA — TOMAR

D. Antónia da Conceição Marques de Carvalho

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Olinda Marques Feliciano, sua filha genro e neto; Julia Marques Carlos, seus filhos, genros e netos; Antónia Marques Batalha, seu marido e filhos; Dr. António Carlos da Costa Marques, sua mulher e filhos e mais família participam que Deus chamou à sua divina Presença a sua muito extremosa irmã, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Avenida 5 de Outubro, n.º 18-1.º, Dt.º, em Lisboa, para Jazigo de Família no cemitério dos Prazeres, onde será rezada Missa de Corpo Presente, pelas 11,30 horas.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A (Telef. 51586)

CHU EN LAI, que é defendido por cartazes afixados em Pequim

A extrema-esquerda contra Chu En Lai

HONG-KONG, 19 — (R.) — Cartazes de parede apareceram recentemente em Pequim pedindo á população que não se oponha ao primeiro-ministro Chu En Lai —revela hoje o jornal «South China Morning Post».

Os cartazes, em que se afirma que os adversários de Chu En Lai serão abatidos coincidem com julgamentos em massas de elementos radicais da extrema esquerda, segundo revelam viajantes vindos da China.

O jornal acrescenta que os cartazes dão a entender que o primeiro-ministro tem sido atacado pela extrema esquerda, devido á sua política pragmática. Chu En Lai é actualmente o terceiro na hierarquia chinesa, logo após Mao Tsé Tung e Lin Piao.

Os guerrilheiros pretendem partidários seus no Governo jordano

AMÃ, 19 — (R.) — Os guerrilheiros da Palestina começaram hoje a endurecer a disciplina nas suas fileiras, aprontando-se para as conversações cruciais no fim da semana com o rei Hussein, que determinarão as relações futuras entre as duas partes.

O comando unificado, sob a égide do qual dez grupos de guerrilheiros se associaram para resistir ás novas e duras medidas jordanas de segurança interna, impostas na semana passada, anunciou, ontem á noite, severos regulamentos disciplinares para os seus subordinados.

O comando, segundo uma fonte geralmente fidedigna, decidiu proibir os seus homens de transportarem armas em lugares publicos ou quando angariam fundos. Não podem também prender pessoas, excepto com autorização do seu quartel-general militar

O efeito será o mesmo: levar os guerrilheiros á observação das leis jordanas, como era projectado no gorado decreto real sobre medidas de segurança, que foi «congelado», após sérios recontros entre «comandos» e forças jordanas.

Contudo, a grande diferença, disseram observadores desta capital, está no facto de os regulamentos dos guerrilheiros serem postos em vigor pela sua própria Polícia Militar e não pelas autoridades jordanas, como o rei tinha planeado.

Assim, os regulamentos, embora em conformidade com o objectivo das medidas reais, não implicam o reconhecimento da autoridade do soberano sobre o movimento «fedayin».

A iniciativa dos guerrilheiros foi considerada em Amã mais como um âmbito de abertura, antes do diálogo do fim-de-semana.

Nesse diálogo, as autoridades jordanas e os chefes dos guerrilheiros procurarão um acordo, que reconheceria tanto o direito dos «fedayin» de operarem livremente da Jordânia contra Israel como a necessidade dos seus membros observarem os requisitos da lei e ordem na Jordânia.

Espera-se que os guerrilheiros insistam enérgicamente em concessões reais em troca de uma promessa de manterem sob domínio os seus elementos mais turbulentos e da proibição do transporte de armas em publico, de angariar fundos sob a ameaça de armas e da utilização de veículos sem matrícula.

Fontes fidedignas desta capital afirmam que os guerrilheiros pediriam a demissão de conselheiros conservadores do rei, a nomeação de um Governo de unidade nacional — isto é, um que inclua partidários confessos dos «fedayin» — e o cancelamento do decreto real de segurança interna.

Barnard e a esposa nos EUA

NOVA YORK, 19 — (F. P.) — O dr. Barnard e a esposa chegaram ontem a Nova York vindos de Roma. Hoje o dr. Barnard irá a Filadélfia, de onde se dirigirá num avião particular, na companhia de um grupo de sábios da General Electric, para a estação espacial da N.A.S.A. em Huntsville, no Alabama.

O dr. Barnard declarou que tomaria parte durante dois dias nas discussões a respeito do programa biológico da N.A.S.A. no qual a General Electric coopera.

O dr. Barnard e a mulher irão seguidamente a Palm Beach para uma «lua-de-mel» de dois dias.

CRISE NO PARTIDO MAOISTA ITALIANO

ROMA, 19. — (F. P.) — Surgiu uma crise na direcção do Partido Comunista Marxista-Leninista italiano (pró-chinês). O numero dois do partido, Osvaldo Pesce, foi expulso pela Comissão Central, após ter entrado em diferendo ideológico com o secretário-geral, Fosco Dinucci.

Pesce é acusado de «burocracismo, desviacionismo, ambições pessoais e falta de sentido autocrítico». O partido, fundado em 1966 já passou há meses por outra crise interna, de gravidade.

Faziam-se passar por Deus

LONDRES, 19 — (F. P.) — Dois burlões, um inglês e um grego, foram ontem condenados a oito e a quatro anos de prisão, respectivamente, por terem no espaço de um ano subtraído 42 000 libras (cerca de 2900 contos), utilizando um processo muito simples.

Fazendo-se passar por Deus, todos os dias telefonavam a uma rica quinquagenaria, pedindo-lhe dinheiro para organizações de caridade. A piedosa senhora caía em extase sempre que o telefone tocava e naturalmente acedia aos pedidos formulados.

Ex-polícia condenado

WHITBY (Ontário), 19 — (R.) — Um ex-polícia foi condenado ontem a 12 anos de cadeia por raptar a filha de um milionário.

Richard Heowart foi o ultimo membro de uma quadrilha a ser condenado pelo rapto da sr.ª Mary Nelles, de 26 anos, filha do milionário Marshall Davis, da sua residência em Clerfront, perto desta cidade, em 7 de Setembro passado.

MULHER EM CONVALESCENÇA DEPOIS DE PASSADA A CERTIDÃO DE ÓBITO

BRIGHTON (Inglaterra), 19 — (R.) — Uma mulher iraniana de 25 anos, que foi encontrada com vida depois de um médico lhe ter passado a certidão de óbito, está em franca convalescença no hospital.

A jovem Hyder Javaher foi encontrada sem sentidos, no sábado, no quarto de um hotel e levada de urgência para o hospital onde chegou «morta», pelo que o corpo foi removido para a morgue.

Os funcionários da ambulância que a transportou, ao chegarem à morgue, notaram porém que a «morta» contraía os músculos e por isso voltaram a toda a velocidade ao hospital.

Após intenso tratamento de reanimação a jovem recuperou os sentidos e regista agora sensíveis melhoras, depois de ter passado os últimos dias em estado grave.

Um informador do hospital disse que o caso vai ser objecto de um inquérito.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

MORADIA
ANDAR
TERRENO

Vendem-se: Moradia em Carcavelos, 850 contos — Andar próximo da praia, em Carcavelos, 420 contos — Terreno em Caxias, para moradias, 360 contos cada lote. — Moradias em Cascais 950, 1.050, 1.400 e 1.500 contos cada — Moradias em Parede, 690 contos cada—Quintarola perto do Estoril, 470 contos. Facilito pagamento em tudo. Trata o dono. T. 539773 e 539774 escritório e 771664 residência ou carta para Apartado 1.048, Lisboa-1.

Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

A SOPAL DL
Rua Ivens, 58-64

Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.

Nome .....

Morada .....

Austin Maxi
o carro dos anos 70

o que haverá de novo no Maxi?

Maxi segurança
Maxi economia
Maxi espaço
Maxi versatilidade

e que mais?...
venha experimentá-lo;
verá algumas
características que
nenhum automóvel
ofereceu até hoje

DISTRIBUIDORES GERAIS: J.J.GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L.

Em exposição de 16 a 20 de Fevereiro nos salões de venda de Lisboa: R. Alexandre Herculano, 4, R. Tomás Ribeiro, 50-A, Av. da República, 36-A.

70amx01

O embaixador francês visita amanhã o Museu Militar

O embaixador da França em Lisboa, sr. Jacques Tiné, visita amanhã, pelas 15 e 30, o Museu Militar, acompanhado pelo adido militar daquele país, comandante Louis Taillades.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

Grupo II — Concurso para fornecimento de produtos para lavandaria (desinfectantes, detergentes, sabões, etc.).

Até às 17.30 horas do dia 3, do próximo mês de Março, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13.30, as condições para o fornecimento em referência.

Lisboa, em 17 de Fevereiro de 1970.

O CHEFE DO SERVIÇO

DOUTOR MANUEL COLLARES PEREIRA

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Margarida Yglésias de Oliveira Collares Pereira, João Pedro de Oliveira Collares Pereira, sua mulher e filhos; António Pedro de Oliveira Collares Pereira, sua mulher e filhos; Maria do Carmo de Oliveira Collares Pereira Galvão Teles, seu marido e filhos; Pedro Manuel de Oliveira Collares Pereira sua mulher e filhos; Madalena Collares Pereira Yglésias d'Oliveira, Maria Emília Collares Pereira, Maria do Carmo Anjos Bonniz Collares Pereira, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença, o seu muito querido Marido, Pai, Sogro, Avô Irmão e Cunhado, e que o seu funeral se realiza amanhã, sexta-feira dia 20, às 12 horas da Igreja da Pena, para Jazigo de Família no Cemitério dos Prazeres. Será celebrada missa de corpo presente às 11 horas do mesmo dia.

AGÊNCIA BARATA

Interessa às Senhoras

SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas
★ menos actualizados ★

DESDE **40$00**

BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA

TINTURARIA GUANABARA
Av João XXI, 5-D — R Infantaria 16, 55-C — LISBOA

HERMANN RANNINGER

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Helena Pardo Ranninger vem por este meio, e na impossibilidade de o fazer directamente por desconhecimento de moradas, agradecer a todos quantos lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do seu saudoso marido. Participa, também, que amanhã, dia 20, pelas 9 e 30, será celebrada, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, junto ao altar-mor, missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a quantos se dignem assistir a este piedoso acto.

A QUARTA JORNADA DO COLÓQUIO DE POLÍTICA INDUSTRIAL

A TRIBUTAÇÃO EM PORTUGAL UM DOS TEMAS EM DEBATE NA SESSÃO DESTA MANHÃ

O dr. Rogério Fernandes Ferreira quando abordava alguns pontos sobre a actual situação fiscal

A quarta jornada do Colóquio Industrial abriu, esta manhã com uma sessão dedicada á «Fiscalidade», durante a qual se procedeu ao debate de dois relatórios: «Análise crítica da actual situação fiscal» pelo dr. Rogério Fernandes Ferreira, e «Incidências económicas da fiscalidade», da autoria do dr. Alexandre Coelho do Amaral. Presidiu o dr. Jórge de Mello ladeado pelo dr. Camilo Cimourdain de Oliveira e secretariado pelo dr. Fernando Azevedo Mendes.

Na sua comunicação, o dr Fernandes Ferreira, depois de afirmar que «como nos demais países do chamado *Mundo ocidental, também entre nós não há práticamente sector de vida económica em que a fiscalidade se não manifeste de modo mais ou menos acentuado*» fez uma análise do nosso sistema fiscal, o qual considerou «*estruturado em bases modernas*» e «*orientado no sentido da tributação dos rendimentos reais dos contribuintes*». Afirmou, nomeadamente a propósito:

— *Pode dizer-se que no nosso sistema fiscal se procura não agravar os sujeitos económicos de menor capacidade (existem isenções em relação a certos mínimos de rendimento v. g. no imposto profissional e imposto complementar). Por outro lado, a progressividade inicialmente fixada não era muito elevada pois procurou-se também não prejudicar os necessários estímulos ao investimento e ao trabalho.*

Sobre o imposto de transacções criado em 1966 (cuja receita para este ano se prevê em 2600 milhares de contos), disse:

— *Este imposto será um elemento de estabilização das flutuações da conjuntura a que os impostos directos (muito em especial a contribuição industrial) estão particularmente sujeitos e a sua criação foi justificada também em face da quebra de receitas que naturalmente se está processando, por virtude das reduções nas tarifas aduaneiras resultantes de compromissos internacionalmente assumidos.*

Acerca da tributação das várias categorias de atribuições de rendimentos feitas aos sócios pelas sociedades em Portugal, o autor do relatório escreveu:

—*Como se sabe, em Portugal não vigora um «sistema de imposto único» sobre os rendimentos. Os titulares dos rendimentos estão sujeitos a impostos parcelares diferentes, consoante natureza dos rendimentos, e a um imposto de rendimento global ou de sobreposição — imposto complementar. (...) Deste esquema de tributação resulta que muitas sociedades preferem apresentar menores lucros do que os reais fazendo atribuições excessivas a título de juros a sócios que fizeram empréstimos ás sociedades ou a título de remunerações de trabalho a sócios com funções de gerência ou de outra natureza.*

Mais adiante, e depois de esclarecer que «*a tributação em Portugal não é mais suave que a de muitos outros países, como julgam entre nós muitas pessoas responsáveis*», o dr. Fernandes Ferreira analisou alguns aspectos da tributação dos rendimentos de trabalho e traçou um mapa comparativo da tributação dos ganhos das empresas em Portugal e noutros países da O. C. D. E.

Esclareceu que as aplicações de capitais em prédios de rendimento e em empréstimos estão hoje fiscalmente favorecidas em comparação com aplicações em actividades industriais, o que poderá prejudicar o necessário esforço de desenvolvimento económico a fazer no País. Uma afirmação.

— *As elevações das taxas dos impostos seria em muitos casos preferível o aperfeiçoamento das regras de tributação e dos meios de acção de Administração Fiscal de modo a evitar evasões. Há que procurar preferentemente alargar a base de tributação a novas categorias de sujeitos económicos e de espécies tributárias.*

O autor do relatório pôs em causa a oportunidade do imposto de mais-valias respeitante aos bens do imobilizado e, ainda, da separação entre ganhos de gestão ou ordinários e ganhos de mais-valias. Finalmente:

— *Devem discutir-se as opções possíveis da tributação das transacções de mercadorias bem assim até onde convém reduzir e simplificar as actuais exigências previstas na legislação sobre o imposto de transacções.*

«*O nosso sistema fiscal estabelece uma forte discriminação contra os rendimentos do exercício de comércio e industria, o que é de molde a provocar distorções acentuadas, com efeitos contrários aos pretendidos pela política de desenvolvimento*» — escreveu o dr. Alexandre Coelho do Amaral no seu relatório «Incidências económicas da fiscalidade.»

O autor afirmou ainda:

— *O imposto de transacções é a forma de tributação da despesa que se revela mais adequada ao nível do desenvolvimento do País e as possibilidades da Administração, podendo no entanto, discutir-se soore se ela não seria simplificada fazendo recair o imposto sobre o produtor e á saida dos bens da alfândega. Por outro lado, talvez fosse conveniente uma maior discriminação das suas taxas de acordo com a elasticidade-rendimento das diversas categorias de bens e fazê-lo recair mais fortemente sobre os bens não produzidos no País, de forma a poder servir de instrumento de equilíbrio da balança de pagamentos.*

COLOQUIANDO...

■ **Durante os debates de ontem, o eng. Alfredo Taillet Alves afirmou que se impõe, com urgência, a publicação de diplomas legislativos favorecendo os agrupamentos e concentrações.**

■ Foi distribuída uma comunicação do sr. João Martins intitulada «Concentração industrial em que se defende, igualmente, a política dos agrupamento como meio de contribuição para o incremento do desenvolvimento industrial do País.

■ **Sobre eventuais vantagens fiscais a conceder aos agrupamentos, o dr. Alberto Xavier deu conta de estudos elaborados na Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.**

■ A necessidade de uma reforma da mentalidade empresarial, como condição prévia de uma política eficaz de concentração e agrupamento, foi apontada pelo eng.º J. Fragoso. A palavra reforma», continua pois na ordem do dia...

■ **Sobre o tema da pequena e da média emoresas foram distribuídas duas comunicações: «Concentração e concorrência da pequena e da média empresas á luz da sua localização», de Ruy Moreira e eng.º Argel de Melo e «Urgência de uma política de apoio á pequena empresa — reflexões de um empresário», do eng.º Francisco Lopes Pereira.**

■ Uma maior autonomia da Universidade, como meio de melhoria da investigação universitária portuguesa, foi defendida pelo eng.º Oliveira Dias, autor da comunicação «A investigação tecnológica na industria».

■ **Para debate do relatório «Normalização e qualidade», do eng.º António Almeida Junior e do dr. Jorge Colaço Dias, que, por falta de tempo, não foi discutido na sessão da tarde de ontem, realizar-se-á, amanhã, ás 15 horas, uma sessão especial.**

O PROGRAMA DO COLÓQUIO

Esta tarde houve duas sessões: uma com início ás 15 horas, para debate dos relatórios «Defesa da concorrência», do dr. António Labisa, e «Condicionamento industrial e regulamentos da industria», do dr. Pedro de Vasconcelos, os quais não houvera tempo de discutir ontem de manhã; e a outra com início ás 17 e 30, dedicada ao tema «Financiamento e promoção industrial», na qual foram debatidos os relatórios intitulados «Financiamento», pela dr.ª Maria Manuela Morgado Baptista e pelos eng. José Joaquim Fragoso e dr. Manuel dos Santos Loureiro (Banco de Fomento Nacional), «Promoção industrial», pelos drs. João Manuel Cruzeiro e Manuel dos Santos Loureiro e «Viabilidade de emoreendimento industrial», pelo eng. Alfredo Nobre da Costa.

Amanhã, na sessão da manhã, dedicada ao tema «Planeamento», serão discutidos os relatórios «Estatísticas industriais», pelo dr. Adrião Ferreira da Cunha, e «Planeamento industrial», pelo dr. Francisco Pereira de Moura; na sessão da tarde, proceder-se-á ao encerramento dos debates.

TECIDOS DE AMIANTO
Em peças e a retalho sob medida
LUSOSITE
Rua Armando Cardoso, 119
PORTO
TEL.: 44637

À MARGEM DAS SESSÕES

● «Em todos os países do Mundo, quer sejam muito industrializados ou estejam em vias de industrialização, verifica-se que as P. M. E. (pequenas e médias empresas) representam sempre, pelo menos, 50 por cento do produto nacional bruto e 50 por cento do emprego», *lê-se na comunicação sobre concentração ontem de manhã apresentada. Em Portugal, as P. M. E. representavam ainda em 1964, 99,4 % do total de estabelecimentos industriais e davam emprego a 72 por cento da mão-de-obra industrial. O papel a desempenhar pelas concentrações e pelas fusões adquire pois, no actual estádio do desenvolvimento do capitalismo em Portugal, uma importancia basilar. O problema, porém, não é meramente quantitativo, mas também qualitativo: não é apenas o numero das P M. E. que está em causa; o tipo e a função das empresas pequenas e médias terão também que ser revistos. Numa economia industrializada, as P. M. E. desempenham um papel de complementaridade face ás grandes unidades industriais; em Portugal, o respectivo crescimento desordenado e o carácter familiar que (tal como as grandes empresas...) frequentemente assumem não permitem prevêr uma «racionalização» (isto é: uma entrada na órbita do grande capital) fácil e sem convulsões. O debate em torno do tema não foi tão vivo e tão acerado como seria de esperar, mas tal facto deve-se certamente ao carácter (prudentemente) descritivo do relatório dos drs. Fernando Cruz, Pedroso Rodrigues e Ferreira do Amaral. A intervenção do sr. Armandino Rocha, que a si próprio se definiu como pequeno patrão, não é tão pouco representativa como o silêncio que lhe respondeu poderia fazer crer.*

● *A sessão da tarde decorreu sob o signo da investigação e teve como pano de fundo o papel do ensino numa sociedade industrializada (e capitalista, evidentemente...). Já no dia anterior, ao ser discutido o relatório sobre mão-de-obra industrial, da autoria das dr.as Aurora Murteira e Isilda Branquinho, o ensino esteve na ordem do dia. A ligação da escola á industria (e sobretudo da Universidade á industria) é uma das condições «sine qua non» do êxito de um programa de industrialização. A resistência das burocracias universitárias e do conservantismo catedrático a uma modernização exigida pelo poder do grande capital, ficou documentada pela intervenção de um professor universitário que assistia á sessão:* «A Universidade não pode próprìamente casar-se com a industria». *Talvez que, neste tempo de colóquios, um futuro «colóquio sobre política educativa» diga algo sobre esta matéria. Ou talvez que um tal colóquio seja de feitura muito mais problemática do que os até agora realizados. O eng.º Oliveira Dias, ao apresentar a sua comunicação, exprimiu o relativo desencanto da inteligência tecnocrática perante as hesitações governamentais no campo da educação:* «Há grandes esperanças mas nada ainda se modificou».

● *Sobre os custos da investigação tecnológica e a propósito do relatório do eng.º Salles Luís, o eng.º Carlos Alves teve algumas palavras de cepticismo. Com a investigação, os E. U. A. gastam cerca de 660 milhões de contos e a Europa 270 milhões; como poderá este país relativo competir com tais verbas? Falta de verbas, falta de outras coisas e ainda excesso de outras põem efectivamente em perigo a realização dos belos e fogosos projectos do eng.º Salles Luís e dos seus pares ideológicos e políticos. A invectiva de Ferreira Dias (trágica, disse o secretário de Estado da Industria) continua a pairar sobre os pavilhões da F. I. L.*

Movimento de apoio

No gabinete do secretário de Estado da Industria, têm sido recebidos numerosos telegramas, telefonemas e cartas de aplauso ao discurso proferido pelo eng.º Rogério Martins, na sessão inaugural do Colóquio sobre Política Industrial.

Diário do Porto

Grupo de Estudos Brasileiros

Foi conferida posse aos novos dirigentes do Grupo de Estudos Brasileiros do Porto. Presidem á assembleia geral, á direcção e ao conselho de cultura e recepção, respectivamente, os srs. H. Amílcar Freitas Rocha, eng. Manuel de Oliveira, Amén e D. Maria Isabel Guerra Junqueiro; presidente honorário, o sr. Artur Supertino de Miranda.

Acidente de viação

Recolheu ao Hospital de S. João o mecânico sr. António Vieira, de 52 anos, casado, Rua Nova do Corim, Aguas Santas (Maia), cuja motorizada embateu numa camioneta de carga. Sofreu diversas contusões pelo corpo.

Curso de Estomatologia

Depois de amanhã, e todos os sábados, à tarde, prosseguirá no Hospital Escolar de S. João, o Curso de Estomatolog para Pós-Graduados, subsidiado pela Fundação Gulbenkian.

Próximas lições: «Anatomia Regional», pelo sr. prof. dr. Castro Correia; «Prótese Total», pelo sr. dr. Alcino de Magalhães e «Prótese Fixa», pelo sr. dr. Alvaro Torres.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu!» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Cerimónia secreta» (17 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Ben-Hur» (12 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Com a fortuna ás costas» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «A quadrilha selvagem» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «O 41!» (17 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «O homem da cabeça rapada» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Serafino — amor livre na aldeia» (17 anos)
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A pele de um malandro» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Um império na selva» e «As Aguias Negras de Santa Fé» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «O «Ballet» «Romeu e Julieta» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Divórcio á italiana» (17 anos)
NUN'ALVARES — Às 21 e 30: «Meu amor, meu amor!» (17 anos)
ODEON — Às 21 e 30: «Quem brinca com o fogo... queima-se!» (12 anos)
CINE-ERMESINDE — Às 21 e 30: «Inferno na Terra» (17 anos).

Amanhã

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Cerimónia secreta» (17 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Com a fortuna ás costas» (12 anos)
RIVOLI — Às 15. «Ben-Hur» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «A Quadrilha Selvagem» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 15: «O 41!» (12 anos)
ESTUDIO — Às 15 e 30: «O homem da cabeça rapada» (17 anos)
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Serafino — Amor livre na aldeia» (17 anos)
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A pele de um malandro» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Nada de rosas para OSS 117!» e «Larápios da Alta Roda» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «O «Ballet» Romeu e Julieta» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «Divórcio á italiana» (17 anos).

Último dia da visita da Missão Rodesiana

O sr. tenente-coronel Knox, chefe da Missão Rodesiana em Portugal, acompanhado pela esposa e pelos srs. Robert Terry e Michael Griffith que veio, como dissemos, em visita ao Porto e ao Norte do País visitou, esta manhã, Leça da Palmeira, onde observou funcionamento duma instalação fabril. Foi aqui oferecido depois aos visitantes um almoço no Hotel Infante de Sagres.

O problema da asma como doença social

No salão nobre do Clube Fenianos Portuenses a sr.ª dr.ª D. Celeste Soares de Miranda faz hoje, ás 21 e 30 a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma conferência subordinada ao tema: «A Asma e o Seguro Social», com o seguinte sumário: «A asma doença que reduz a produtividade do paciente, pelo que deve ser considerada no planeamento social ao abrigo da Previdência.»

Farmácias de serviço esta noite (1.º turno)

ANACLETO DE BARROS, Rua do Loureiro 04 (Tel. 3-5075) ● CAMAREIRA, R. do Heroísmo 90 (Tel. 5-2583) ● CANAVARRO, R. da Restauração 53 (Tel. 5-0754) ● CONFIANÇA, R. de Santo Ildefonso 460 (Tel. 2-2884) ● COSTA CABRAL, R. de Costa Cabral 835 (Tel. 4-0780) ● FIGUEIREDO, Rua do [illegible] (Tel. 2-620) ● FONTE DA MOURA, R. de Tânger 455 (Tel. 68 444) ● MONTE DOS BURGOS, R. do M. dos Burgos 53 (Tel. 5-2279) ● MONTE CATIVO, Rua do Monte Cativo 444 (Tel. 4-687) ● NOVA AVENIDA, Av. Fernão Magalhães 692 (Tel. 5-2250) ● PADRÃO, L. do Padrão, 342 (Tel. 52 45) ● PARENTE, R. das Flores 4 (Tel. [illegible]6) ● POMBEIRO, Campo dos Mártires da Pátria 52 (Tel. 3-[illegible]95) ● SÁ DA BANDEIRA, R. de Sá da Bandeira 136 (Tel. 3-6687) ● NACIONAL, R. Senhora da Luz 56

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	528$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	1.480$	1.495$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	600$	660$
Externo 1.ª Série c	—	—	825$
Externo 3.ª Série	—	720$	—
Externo 3.ª Série c	—	800$	820$
Cautelas 3.ª Série	—	[illegible]55$	200$

OBRIGAÇÕES	Efec.	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P T 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	925$	—	925$
C P 5 1/2% 67	—	1.020$	—
C U F 6%	—	—	—
C U F 6% 68	1.000$	997$	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	800$	—
Gas Elect 4 1/2% 51	—	840$	850$
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	895$	—
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gas Elect 5% 63	—	925$	—
Gas Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	—	1.016$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	—	820$
H E Cávado 6%	—	997$	—
H E Douro 5%	820$	815$	820$
H E Douro 6%	1.000$	—	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	—
H E Zêzere 5% 55	—	995$	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	875$	—	—
Moçambique 5%	1.015$	1.010$	1.015$
Nac Electr 5%	—	800$	—
Nitratos 5%	—	850$	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	795$	8[illegible]0$
Port Celul 5%	—	855$	860$
Sacor 5% 54	—	950$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	900$	910$
Siderurgia 5% 3.ª	—	805$	815$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	825$	825$	830$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	84$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—

ACÇÕES

Bancos	Efec.	Compra	Venda
Agricultura	2.350$	2.330$	2.315$
Alentejo	1.175$	1.170$	1.180$
Angola	4.000$	4.000$	4.100$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.650$	5.650$	5.700$
E Santo	23.000$	22.000$	23.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	21.000$	22.000$
Fomento Nacional	2.720$	2.700$	2.720$
L & Açores p	—	7.400$	7.450$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.220$	6.200$	6.240$
Portugal n	—	3.380$	—
Portugal p	4.420$	4.400$	4.450$
Totta Aliança	—	6.550$	6.700$
Ultramarino n	3.800$	3.800$	—
Ultramarino p	4.080$	4.080$	4.085$

Seguros	Efec.	Compra	Venda
Alentejo	172$	172$	—
Douro	—	—	—
Mundial	875$	875$	880$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Açúcar de Angola	—	840$	860$
Ag Cassequel	805$	800$	810$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	335$	350$
Boror	—	—	—
Buzi	—	87$5	88$5
Cabinda	232$	231$	234$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.920$	2.910$	2.930$
H E Revue	—	—	670$
Ilha do Príncipe	—	850$	1.000$
Moçambique	197$	197$	198$
Sonete n	—	480$	—
Sonete p	495$	495$	500$
Zambézia	87$5	87$	88$
Angolana	—	—	—

Diversas	Efec.	Compra	Venda
Cidla	—	7.650$	7.700$
Cim Leiria	—	7.650$	7.700$
Cim Tejo	—	5.200$	5.700$
Col Navegação	—	—	—
C U F	1.510$	1.500$	1.520$
Ind Aliança	—	1.850$	1.950$
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	4.850$	4.800$	4.900$
Port e Colónias	2.100$	—	2.[illegible]20$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	4.700$	4.700$	4.750$
Port Tabacos	1.050$	1.040$	1.070$
Sacor	790$	788$	790$
Siderurgia Nac	—	4.850$	4.950$
Soce	—	—	2.280$
Tabacos de Portugal	3.700$	3.700$	3.750$
Tabaqueira	—	1.950$	2.100$
U F Azoto	—	—	8.200$
	900$	900$	910$

Agua Elect. e Gás	Efec.	Compra	Venda
Águas Lisboa p	—	440$	445$
Aguas Lisboa 34	440$	440$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	1.700$	1.700$	1.710$
Gas Electr	457$	455$	557$
H E Alto Alentejo	179$5	179$	179$5
H E Cávado	—	1.290$	1.300$
H E Douro	1.300$	1.298$	1.300$
H E Norte Portugal	320$	318$	320$
H E S Estrela	—	1.700$	1.750$
H E Zêzere	—	1.295$	—
Nac Electricidade	1.290$	1.290$	—
Termoeléctr Port	1.290$	1.290$	1.297$
U E P	200$	200$	201$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	Efec.	Compra	Venda
F I Atlântico	—	217$	228$5
F I D E	—	131$4	135$3

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 = 100)

	11/2/70	17/2/70	18/2/70
GERAL	166,5	163,8	164,4
METROPOL.	155,7	153,6	154,0
ULTRAM.	245,5	238,6	240,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$[illegible]0	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$55	28$95
Canadá	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$05	$08
Áustria — Schilling	$08	$[illegible]5
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,3	$04,6
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$85	5$25
Suíça — Franco	6$65	6$85
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$[illegible]5
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra sober.	295$00	3[illegible]5$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	3[illegible]0$00
Ouro fino — Barra	33$70	35$70

J. BURNAY, L.DA — RUA DO OURO, 72 — Notas estrangeiras — Papéis de crédito — Tel. 321273

Diário de Coimbra

DOUTORAMENTO PELA FACULDADE DE LETRAS

Na Sala dos Capelos da Universidade prosseguiram hoje as provas de doutoramento em Filosofia, pela Faculdade de Letras, prestadas pelo sr. dr. José Pires Ferreira da Silva.

Presidiu o sr. prof. dr. Costa Pimpão, director daquela Faculdade e a prova de um ponto tirado à sorte, cujo tema foi «Psicologismo e Fenomenologia» de que foi arguente o sr. prof. dr. Miranda Barbosa.

As provas terminam amanhã, no mesmo local, ás 11 horas, com a apreciação e discussão da dissertação apresentada pelo candidato.

Sindicato dos Motoristas

Foi convocada reunião da assembleia geral do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Coimbra para o dia 28, ás 20 horas, destinada à apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1969.

Escola de Regentes Agrícolas

Na Escola de Regentes Agrícolas haverá no dia 2 de Março, ás 14 horas, o concurso publico, por licitação verbal, para o arrendamento dos lotes dos camalhões livres de São Tiago, Vagem Grande e Remolhas, entrando os referidos lotes em praça pela ordem porque vão indicados.

O arrendamento é feito sómente a cultivadores directos, nos termos do art.º 1080 do Código Civil, portanto com a duração de um ano renovável.

Confraternização de pessoal de enfermagem

Promovida pela Associação Católica dos Profissionais de Enfermagem e Saúde, haverá no domingo, ás 15 horas no salão de festas da Casa da Sagrada Família, uma reunião de confraternização de profissionais de enfermagem católica, incluindo récita.

Os bilhetes podem ser adquiridos no gabinete do superintendente de Enfermagem dos Hospitais da Universidade.

Casa da Inglaterra

Os candidatos aos exames de Cambridge na época de Junho, na Casa da Inglaterra, residentes nesta cidade, devem requisitar os boletins de inscrição até 13 de Março. Os boletins ou qualquer outra informação sobre os exame podem ser ali obtidos entre as 10 e as 13 h. e as 14 e as 19 e 30, nos dias uteis.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «se o meu carro falasse!...» (12 anos).
AVENIDA — Às 17 e 45: «Uma mulher sem freio» (17 anos) e ás 21.30: «Três quartos em Nova York» (17 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «Os quatro brutos no Oeste» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «O agiota» (17 anos).

Farmácias de serviço

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges (Telefone 24348).
SANTA CRUZ — Rua das Padeiras (Tel. 23569).
CORREIA — Rua Visconde da Luz (Tel. 22834).
S. JOSÉ — Arcos do Jardim (Tel. 24697).

NUM IMOVEL DE LUXO DE 9 PISOS
ANDARES DESDE 230 C.
TRAVESSA DOS ARNEIROS LOTE 6 BENFICA
TRATA
LARANJO, ALEGRE & GARCIA, LDA.
MEDIADOR OFICIAL DESDE 1951
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
LISBOA — TELEF. 32 78 03 - 32 67 18 - 32 85 67

LINHARES — CELAVISA

†

FILIPE CEREJEIRAS TOMÉ

MISSA DE 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Laura de Jesus Cerejeiras, Álvaro Cerejeiras Tomé, Emília da Silva Lopes Cerejeiras e Álvaro Lopes Cerejeiras Tomé, reconhecidamente agradecem a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada o seu filho, irmão, cunhado e tio, neste tão lamentável transe e comunicam que amanhã, dia 20, às 9 horas, será rezada missa por seu eterno descanso, na igreja da Graça.

Agência CASTANHEIRA & TELES, LDA.
Telefones 48730 - 561984

A POSSE DO NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(Continuação da 1 página)

tor, enquanto o prof. dr. Lopes de Almeida, com os profs. drs. Costa Pimpão e Afonso Queiró, aguardava á porta da Sala dos Capelos a chegada do prof. dr. Gouveia Monteiro.

Entretanto, nas salas da reitoria formava-se um cortejo que abria com a guarda de archeiros, seguidos pelo secretário e pelos dois doutores a ladearem o novo reitor e, atrás, pelo guarda-mor e contínuos com trajos académicos. Ainda de acordo com o Regulamento, os doutores que acompanharam o prof. Gouveia Monteiro apresentaram o novo reitor ao reitor cessante, tendo-se dirigido todos, a seguir, para o estrado reitoral onde apenas ficaram os dois reitores. Após esta cerimónia, abriram-se as portas da Sala dos Capelos e deu-se entrada ao público. Fez-se silêncio e o secretário pediu vénia ao reitor cessante que mandou ler o despacho da nomeação. O secretário convidou, então, os profs. Lopes de Almeida e Gouveia Monteiro a descerem á mesa onde o novo reitor leu o compromisso e o secretário o termo de posse que foi assinado por todos.

«Instituição venerável...»

De acordo com o disposto no Regulamento, falou, em primeiro lugar, o prof. dr. Manuel Lopes de Almeida, catedrático da Faculdade de Letras, que foi ministro da Educação em 1962 e é actualmente o Decano do Senado Universitário. No seu discurso, o prof. dr. Lopes de Almeida começou por aludir ás circunstancias em que presidiu ao acto e referiu-se, depois, á Universidade, «*instituição venerável, cujo espírito, não digo as formas, há-de pairar acima da contingência das pessoas sejam quais forem os trabalhos e os dias*».

Insistindo, depois, na tarefa que compete aos que governam e administram, o Decano do Senado recordou que «*no plano universitário e no que especificamente lhe concerne a gravidade desse duro senão penoso encargo obriga a ponderações que parecem preceituar um onus determinante e optativo. Em que sentido? Que novas estruturas? Que autonomia? Que representação colegial e estudantil? Eu não sei responder a estas interrogações, pois nunca me presei de reformador, aliás num país onde os há tantos e de tantas sortes, que a gente se admira como abundam e lecciona, com eloquência ou sem ela, desde o mais modesto periódico regional á mais alta e responsável tribuna.*»

O prof. dr. Lopes de Almeida dirigiu-se, depois, ao novo reitor, cujas qualidades enalteceu, apresentou-lhe «*os mais cordiais cumprimentos de distinto apreço*» em seu nome e no do Claustro Pleno e formou «*calorosos votos de feliz reitorado*». A terminar recordou os profs. drs. Andrade Gouveia e Miranda Barbosa, «*pois o primeiro e mais glorioso lugar entre as batalhas é de não ter perdido o nome nem poluído a autoridade no comando*».

Revisão das disposições vigentes — pediu o novo reitor

Falando a seguir, o prof. dr. Gouveia Monteiro começou por se dirigir ao Decano do Senado: «*Agradeço-lhe, penhorado, as palavras que teve a gentileza de me dirigir e felicito-o pelo brilho da sua saudação. Ela foi, no contexto como nas roupagens, o que ousaríamos esperar de V. Ex.ª. Na sua pessoa cumprimento todos os meus prezados colegas do Claustro Pleno, e também os restantes membros do corpo docente, que ainda não alcançaram assento nos cadeirais, mas nem por isso me merecem menor respeito*».

Depois, referiu-se á ausência da «fala sincera de um estudante» na cerimónia e, sobre isto, acentuou:

«Meditei muito no caminho a propor e, embora pesaroso, concluí que a cerimónia deveria decorrer conforme se encontra estatuído. Só tem autoridade para invocar a protecção da lei, quem a lei sempre respeitou. Infringir o regulamento, poderia ser espectacular, mas fazia-nos entrar num caminho deveras perigoso. Não sei se, para honrar a lei que nos salvaguarda, teremos a coragem de beber cicuta; mas acredito que todos nos disporemos, estoicamente, a tragar uns restos de fel.

«Aceite-se, pois, esta cerimonia mutilada, mas reconheça-se, simultaneamente, que a situação não pode manter-se, neste como noutros domínios. Revejam-se as disposições vigentes, tantas delas desactualizadas, injustas ou mesmo iníquas. Se não me for possivel fazê-lo dentro de um prazo razoável, então serei eu quem terá que convocar o Claustro Pleno para a posse de um novo reitor.

«As considerações que acabo de fazer a propósito dos estudantes, têm igual cabimento em relação aos numerosos funcionários da Universidade que não pertencem nem ao corpo docente, nem ao discente. São igualmente preciosas para esta casa a sua colaboração e a sua lealdade. Também não poderemos continuar a ignorá-los.»

«A Universidade é capaz de auto-reformar-se»

Continuando, o prof. dr. Gouveia Monteiro afirmou:

«Dia 19 de Fevereiro de 1970. Mais um evento ocorre na velha Universidade de Coimbra. Velha porque vetusta e, como tal, honrosa de altos serviços prestados á Cultura. Para nós, que a servimos, velha também porque muito querida: uma velha amiga. Infelizmente, velha ainda porque obsoleta, desfasada do tempo que vivemos e impreparada para enfrentar o futuro. Nas multiplas facetas da sua anciania, faz-me lembrar uma mãe que a esclerose fez decrépita, que já não nos entende, mas que todavia continuamos a amar, porque é nossa mãe e porque não podemos esquecer o muito que lhe devemos.

«Para felicidade de todos nós, da instituição e do próprio País, a similitude da imagem pára aqui. À pobre mãe senil, sómente poderemos ampará-la com o nosso desvelo, na expectativa, entre temida e acarinhada, de um fim inevitável. Mas á instituição, a essa podemos tirar-lhe por completo o peso dos anos; ou melhor ainda, deixar dos anos apenas os nobres pergaminhos, ao mesmo tempo que lhe damos a feição da sua era e a força estrutural que lhe permita afrontar, com firmeza e eficiência, todos os desafios da vida. No fundo, ela só continuará velha. Se nós próprios o formos.

«Todavia, para a obra de renovação, é mister que os astros se conjuguem. Discordando, neste ponto, de pessoas que muito estimo e aprecio, pela elevação com que têm analisado a crise universitária, acredito firmemente que a Universidade é capaz de auto-reformar-se. Só é preciso que a deixem fazê-lo. Pois haverá quem melhor conheça os seus problemas que os seus próprios membros — mestres, alunos e demais servidores? Pois não clamaram já tantos deles por uma reforma profunda e honrada, para cuja consumação se dispõem a fazer todos os sacrifícios?

«Ora parece-me que os astros entram, finalmente, na conjunção propiciatória. Por isso aqui estou. Por isso os concito a todos — prezados colegas, caros estudantes e estimados funcionários — para a obra tremenda, mas também fascinante, que nos desafia. Teremos que pagar, em esforços redobrados, atrasos e erros que se foram deixando acumular. Mas não há outro caminho. O nosso dever é claro — pois vamos cumpri-lo!»

«Creio na pureza e na capacidade da grande massa dos nosssos estudantes»

Prosseguindo o seu discurso, o novo reitor da Universidade de Coimbra justificou as suas afirmações:

«Porque acredito que a hora é propícia? Porque as longas e franquíssimas conversas que tive com o sr. ministro da Educação Nacional, entre o convite com que me honrou e a aceitação que não lhe pude negar, me convenceram inteiramente da sua perfeita isenção, dos seus altos ideais universitários, do seu espírito aberto e progressivo. Porque deduzo que um chefe de Governo, universitário ele próprio, que convida aquele homem para aquele lugar, depois das declarações que tinha feito e das medidas que havia tomado como reitor de uma Universidade, não pode faltar-lhe com o seu apoio. Porque acredito que a imensa maioria dos docentes desta casa está perfeitamente consciente da necessidade de uma reforma e devotadamente disposta a nela colaborar. Porque creio na pureza e na capacidade da grande massa dos nossos estudantes, vítimas maiores da situação vigente (se alguns o não esquecessem, saberiam compreender a razão profunda de certas reacções suas, só aparentemente malignas). Porque conto, finalmente, com a dedicação de todo um funcionalismo, tantas vezes sacrificado, na obscuridade das suas todavia valiosas tarefas.

«Qual é o meu programa? Em primeiro lugar, promover um vasto movimento de pacificação, indispensável á abertura de um clima de trabalho frutuoso, no presente e para o futuro. Passaram-se nesta Universidade dez meses negros, em que aos defeitos de base veio acrescentar-se o gravame de atitudes lamentáveis e inoportunas, com enorme prejuízo para professores e alunos, para a instituição, para a cidade, para o País. Dez meses durante os quais se fez uma horrível sementeira de ódios, que só por milagre não brotou em destruição total.

«Não tenho a ingenuidade de supor que tamanha convulsão seja possível de amainar fácilmente e sem deixar sequelas. Mas quero acreditar que as consequências podem e devem ser reduzidas ao mínimo. Daqui lanço o apelo mais veemente a governantes, mestres e alunos para que procurem remediar e esquecer o que se passou. Esquecer afectivamente, entenda-se, porque intelectualmente precisamos é de estar bem lembrados, para não cairmos nos mesmos erros e para termos a previdência de criar estruturas capazes de impedir nova deflagração.»

«Não me considero um delegado do Governo junto da Universidade»

O prof. Gouveia Monteiro afirmou a seguir:

«Depois, entendo que a Universidade deve ser despolitizada. Bilateralmente, claro está. O estudo, o ensino, a investigação exigem um clima de serenidade incompatível com a luta política. A delicadeza deste ponto exige que o esclareça um pouco melhor, sob dois aspectos.

«Em primeiro lugar, não estou defendendo que na Universidade deva ser interdito falar de política. Pelo contrário, tem todo o cabimento discuti-la, nos lugares e momentos oportunos. Porém, no terreno intelectual puro, como se pode discutir arqueologia ou física nuclear. Citando-me a mim mesmo, direi que ao livre debate de ideias, em todos os ramos da cultura, não vejo qualquer perigo sério. De um lado, porque o futuro de uma doutrina depende apenas do seu valor intrínseco, e este acabará sempre por determinar-lhe o sucesso ou o malogro, independentemente das ajudas ou dos entraves que procurarem impor-lhes. A História está cheia de exemplos. Não foi por coagirem Galileu a dizer o contrário que a Terra deixou de girar, ou que os homens fecharam indefinidamente os olhos a essa verdade. Por outro lado, a única protecção segura contra qualquer teoria malsã é a convicção, consciente e livremente adquirida pelos homens, acerca do seu carácter erróneo. É com os homens de personalidade que a Pátria terá que contar sempre, nos momentos difíceis, e a personalidade só se adquire livremente.

«Em segundo lugar, quero dizer-lhes que, não tendo pessoalmente vocação para a política militante, nutro todavia o maior respeito pela acção política, quando elevada e altruísta, e entendo que ela deve ser encarada como perfeitamente normal nos lugares que lhe são próprios.

«Colocada á margem da política, poderá então a Universidade trabalhar com serenidade e eficiência e contribuir, como lhe cumpre, para a promoção de uma mobilidade social ascendente, sem quebra da paz que todos desejamos. A governantes, professores e alunos dirijo também um apelo neste sentido. Pessoalmente, já dei o exemplo, deixando bem claro, ao aceitar o cargo de Reitor, que não me considero um delegado do Governo junto da Universidade, mas um representante da Universidade junto do Governo.

«Pacificação e despolitização constituem, pois, duas condições básicas do meu programa. Mas sobre elas é depois necessário construir a Universidade nova. A essa tarefa nos devemos lançar todos imediatamente, com o maior vigor e com a mais ámpla audiência e colaboração de professores, alunos e demais pessoal. Vai ser um trabalho duro, porque o nosso atraso é grande, mas há que fazê-lo se queremos sobreviver. As medidas a tomar não posso anunciá-las, embora sejam conhecidos os meus pontos de vista pessoais, por tantas vezes os ter dito e escrito. Mas é que não sou eu quem vai propor a reforma, nem quero sê-lo. Apenas desejo colaborar, com a minha participação, nos debates e grupos de trabalho, de cujas discussões deverá democráticamente sair a solução desejada.»

É urgente a revisão do regime de trabalho dos assistentes e a normalização da vida associativa dos estudantes

Na ultima parte do seu discurso, o prof. Gouveia Monteiro apontou algumas medidas a tomar com urgência:

«O que naturalmente se pode adiantar desde já é que haverá medidas de emergência, a adoptar urgentemente — v. g. a revisão do regime de trabalho dos Assistentes e a normalização da vida associativa estudantil. Por outro lado, teremos que encarar a reforma de fundo, tanto no campo técnico, como no plano institucional, em cuja problemática se terão de incluir, por exemplo, a atribuição de genuina representatividade aos corpos dirigentes, o alargamento dos quadros docentes, a modificação das técnicas pedagógicas, a democratização do ensino e a colaboração activa da Universidade com a Nação, no estudo e resolução dos seus problemas técnicos e culturais.

«Programa imenso, que não pode executar-se, nem mesmo equacionar-se, de repente, e que irá obrigar a uma tremenda mobilização de inteligências e de cabedais. E o nosso esforço não pode ficar isolado, porque sózinho carece de viabilidade. Haverá de ser acompanhado por outras reformas também prementes, mormente nos [illegible] graus de ensino, e por todo um conjunto de medidas que promovam a elevação social, económica e cultural da Nação inteira.

«A História da nossa Universidade lança-nos um repto. Sem o desejar e com enorme sacrifício, aceitei dele o peso maior. Mas nada, absolutamente nada poderei fazer sem vós. Por isso vos peço que tomeis também cada um o vosso quinhão, prezados colegas, caros estudantes e estimados funcionários. Aceitai-o com espírito de sacrifício, com audácia a que não falte ponderação, com entusiasmo que não turve a lucidez, de boa fé, com honestidade, com respeito mútuo, disciplinadamente, dignamente.

«Não sei por quanto tempo aqui permanecerei: poderão ser anos ou apenas meses. No remate do meu acto de posse, quero porém fazer-vos, solenemente, uma afirmação e uma promessa. Afirmo-vos que, não tendo qualquer apego pessoal ao lugar, abandoná-lo-ei, inapelàvelmente, quando me convencer de que me não é dado realizar uma obra válida. Prometo-vos, enquanto estiver, aquilo que também espero de todos vós: trabalho, franqueza e lealdade.»

O comércio de Coimbra saúda o novo reitor

Assinada por 250 comerciantes, foi enviada ao prof. dr. Gouveia Monteiro uma mensagem do seguinte teor:

«Conhecedores da posição de V Excelência sobre os problemas académicos e do modo como vai tentar resolvê-los e porque esses problemas estão estritamente ligados com o prestígio e economia da Cidade, os comerciantes de Coimbra saudam V. Excelência no acto de posse de tão prestigioso cargo, patenteando-lhe a sua admiração, confiança e apoio».

O novo reitor com os estudantes

Após a cerimónia, que decorreu na Sala dos Capelos, o prof. dr. Gouveia Monteiro dirigiu-se para o Pátio da Universidade onde, entretanto, os estudantes se concentraram. Aí, a estudante Fernanda da Bernarda, da direcção-geral da A. A. C. de 1968-69, apresentou ao novo reitor as pretensões dos estudantes, no sentido de se normalizar a vida académica. A seguir, o prof. dr. Gouveia Monteiro pronunciou para os estudantes o discurso que antes proferira na Sala dos Capelos.

†

Dr. Manuel Collares Pereira

FALECEU

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO e O CONSELHO FISCAL das Companhias Reunidas Gás e Electricidade cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do ilustre Presidente do Conselho Fiscal, Senhor Dr. Manuel Collares Pereira, cujo funeral se realiza amanhã, dia 20, pelas 12 horas da Igreja da Pena para o cemitério dos Prazeres.

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco de Leste e o céu estava limpo.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 18°,5; mínima: Penhas da Saúde, —2°,8

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 8°; Faro, 14°; Funchal, 15°; Lisboa e Portalegre, 9°; Porto e Penhas Douradas, 5°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 6°, na água do mar: 18°,4.

REVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu limpo ou pouco nublado e vento fraco

Amanhã
Nascer ás 8 e 23
Ocaso ás 19 e 19

Dia 21 Dia 1 Dia 7 Dia 14

MARÉS:

PRAIA-MAR — Hoje — 3 e 25 (3,7 m); 15 e 52 (3,5 m). Dia 20 — 4 (3,8 m); 10 e 22 (3,6 m). Dia 21 — 4 e 30 (3,9 m); 16 e 48 (3,7 m). BAIXA-MAR — Hoje — 9 e 18 (1,3 m); 21 e 20 (1,3 m). Dia 20 — 9 e 46 (1,2 m); 21 e 51 (1,2 m). Dia 21 — 10 e 12 (1,0 m); 22 e 20 (... m).

CHEIA PARCIAL EM ALGUNS CAMPOS DO RIBATEJO

SANTARÉM, 19 — Encontram-se parcialmente inundados os campos da Barquinha, Chamusca, olegã, Pombalinho e Reguengo do Alviela, o que faz aumentar o pessimismo dos agricultores quanto as possibilidades da sementeira. Parece serem duas as causas desta cheia: as descargas da barragem espanhola de Alcantara e o assoreamento do rio Tejo. Como as descargas da barragem têm estado a diminuir, espera-se, para breve, uma descida das águas.

ENCERRADA A FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo distribuiu a seguinte comunicação:

«Tendo-se verificado incidentes graves na Faculdade de Direito, motivados por um grupo de estudantes e elementos estranhos á Faculdade, que pela violência fizeram obstrução á entrada nas aulas e chegaram á agressão e injuria a alguns alunos, o Conselho Escolar da Faculdade resolveu encerrá-la até nova deliberação e sem prejuizo da averiguação de responsabilidades.

O director do «Diário de Lisboa» proferiu hoje uma palestra na reunião mensal do Vet Clube

«Vida e renovação de um grande vespertino» — assim se intitula a palestra que o director do «Diário de Lisboa», sr. dr. António Pedro Ruella Ramos, proferiu, ao princípio da tarde, na reunião mensal do Vet Clube, efectuada no Hotel Flórida.

O Vet Clube, agremiação de convívio agradável e interessado em problemas culturais, todos os meses senta á mesa da reunião um convidado de honra.

Desta vez, o convite foi dirigido ao nosso director, que, numa exposição objectiva, sublinhou o lugar do «Diário de Lisboa» no panorama da Imprensa nacional.

INCÊNDIO NUMA SERRAÇÃO

CASTRO DAIRE, 19 — Manifestou-se violento incêndio na fábrica de serração do sr. Florêncio Rodrigues Poças, em Arcas. A pronta comparência dos Bombeiros Voluntários evitou que o fogo se propagasse a toda a fábrica e que os prejuizos fossem mais volumosos — e sem que estivessem cobertos pelo seguro.

Faltem só 500 contos para o «aluguer» até Dezembro

O Vasco da Gama oferece 3500 contos ao Benfica pela cedência de Eusébio

RIO DE JANEIRO, 19 — (F. P.) — «Os dirigentes do Vasco da Gama receberam ontem um telefonema de Francisco Calado, dirigente benfiquista, que desejava ser elucidado acerca das pretensões do clube carioca sobre Eusébio. O presidente do Vasco da Gama, Agartino Gomes, e o vice-presidente João Silva, foram convidados para uma reunião em Lisboa, a fim de se estudar melhor o assunto. Esta viagem está prevista para a próxima semana.

«A ideia do Vasco é oferecer 500 000 cruzeiros novos (cerca de 3500 contos) pelo empréstimo do famoso jogador benfiquista. Os dirigentes do clube carioca são de opinião que, além de Eusébio resolver o problema do ataque, o seu prestígio será de molde a permitir uma rápida recuperação da importância despendida.

«O Vasco da Gama está já sem qualquer probabilidade no campeonato nacional. Os seus dirigentes acreditam que o Benfica aceitará as condições propostas. O problema, porém, é o próprio Eusébio, pois o Vasco não quererá oferecer-lhe mais do que o vencimento habitual no clube, para não criar casos entre os jogadores».

EUSÉBIO CONCORDA

A este respeito, Francisco Calado declarou-nos:

— *Exacto. Já falei com o jogador que está de acordo com tudo o que o Benfica fizer. E nós (o Benfica) esperamos. Nada mais.*

Acrescenta:

— *É tudo uma questão de dinheiro. E se o Vasco da Gama oferece 3500 contos, nós pretendemos 4000. Talvez «eles» cheguem ao nosso preço.*

QUANTO A TREINADOR NADA DE NOVO

Entretanto, o assunto do treinador é o que mais ocupa, de momento, o interesse dos dirigentes benfiquistas, que, no entanto, não querem tomar uma decisão precipitada, que em vez de ser solução viesse a tornar-se um novo problema. Devagar que temos pressa — parece ser a sensata linha de orientação da direcção comandada pelo dr. Borges Coutinho, que está a estudar atentamente as condições financeiras e as fichas profissionais apresentadas por mais de uma dezena de treinadores, alguns de grande fama no mundo do futebol. O próprio Alf Ramsey, «manager» da selecção de Inglaterra, será convidado pelo Benfica a apresentar condições. Entretanto, outros treinadores ingleses estão no pensamento dos dirigentes — tal como acontece com Di Stefano, Aimoré Moreira, etc.

«É um assunto a resolver com muito cuidado e sem precipitações» — **concluí Francisco Calado, o chefe do Departamento de Futebol.**

VOCÊ SABE O QUE É A FÓRMULA FORD?

ENTÃO COMPRE O

motor

QUE SAIU HOJE

J. Filipe Nogueira:
- O QUE É A FÓRMULA FORD
- ENTREVISTAS COM JORGE PINHOL E GERRY BIREL (campeão da Europa)
- OS CARROS QUE EU VI EM INGLATERRA

Avelãs Coelho:
- 14 PALAVRAS PARA ANUNCIAR O LANÇAMENTO DE UMA NOVA FÓRMULA
- ENTREVISTAS COM MANUEL PALMA E FILIPE NOGUEIRA

Augusto Vilela:
- ENTREVISTA COM MÁRIO DE JESUS

CARACTERÍSTICAS DOS PRINCIPAIS F. F.

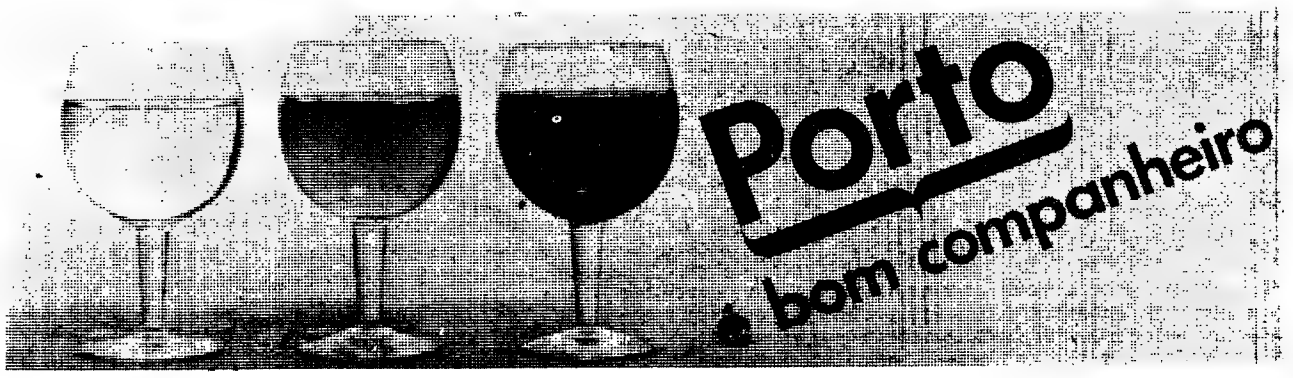
Neste número ainda poderá ler
- REPORTAGEM DO G. P. AMENDOEIRAS EM FLOR (Maria do Céu)

e ainda

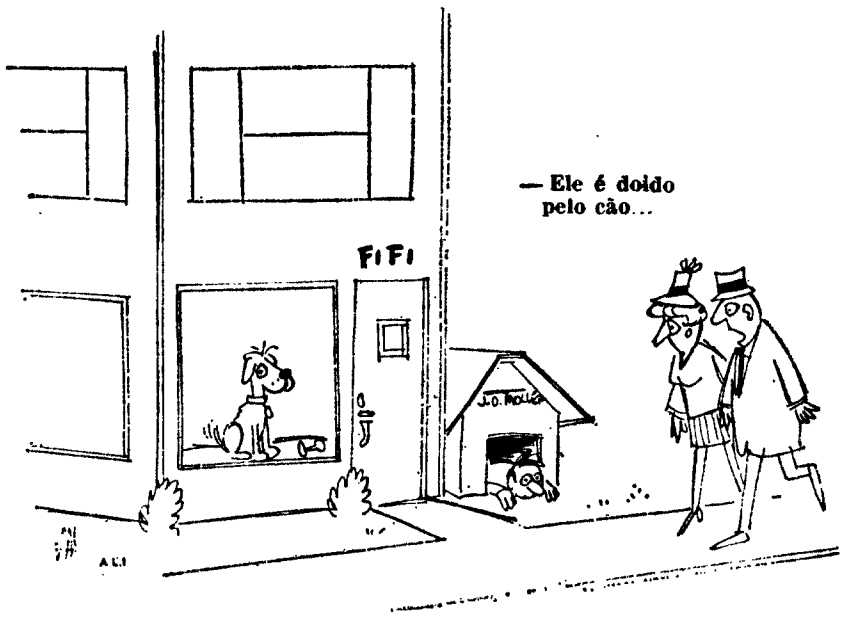
UM SUPLEMENTO ESPECIAL SOBRE O GRANDE RALLYE DO BENFICA

PREÇO 2$50

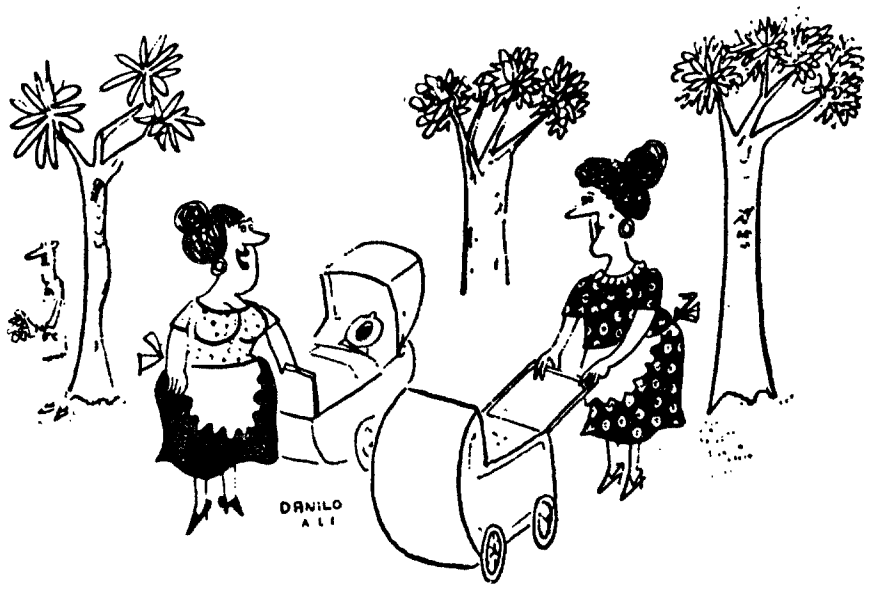
ROLLS-ROYCE
COMPRA-SE
RESPOSTA
APARTADO 366
PORTO



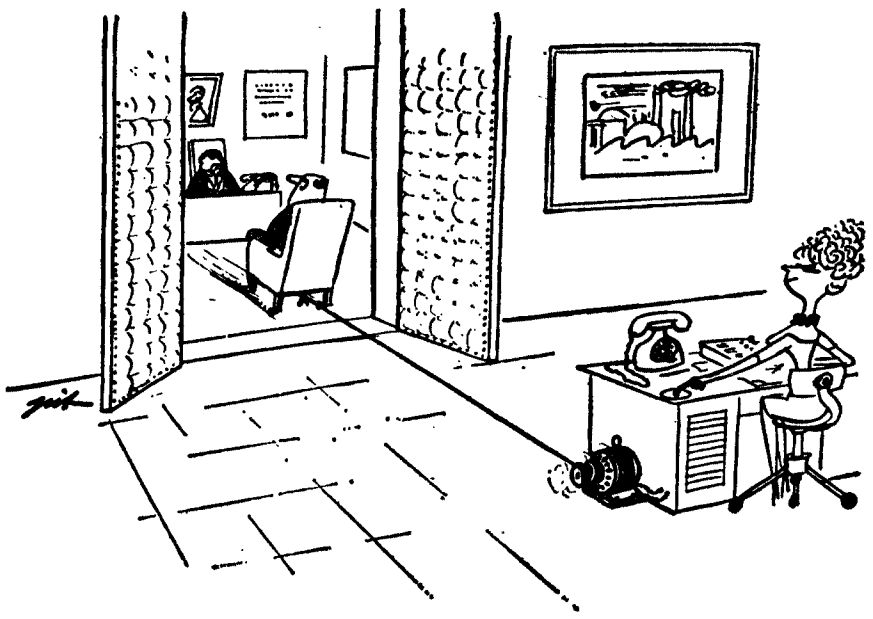
— Silva, és tu? Julgava que tinhas morrido!



— Ele é doido pelo cão...



— Deixo de aturar meninos: caso-me depois de amanhã!



Terminou a audiência

«A Universidade na Sociedade»

— tema do VI Encontro Europeu de Universitários

O VI Encontro Europeu de Universitários, que decorrerá em Lisboa, de 21 a 24 de Março, reunirá estudantes portugueses, espanhóis, italianos, alemães e belgas. A iniciativa, que pertence ao Colégio Universitário Pio XII, terá como realização de fundo uma série de colóquios sobre o tema «A Universidade na Sociedade», num hotel dos arredores (Praia Grande).

O primeiro colóquio realizar-se-á ás 10 horas do dia 22, versando sobre «Análise das estruturas da Universidade». Cada um dos grupos apresentará comunicações, após o que haverá um debate orientado por um professor catedrático português ou espanhol. No segundo dia, com início á mesma hora, o tema será: «Movimentos de Estudantes»; no dia 24, sempre ás 10 horas, os estudantes debaterão o terceiro ponto do ciclo: «Missão da Universidade na sociedade». Estão convidados para presidir e dirigir

(Continua na 20.ª página)

2.º caderno

Reunião mensal na Liga dos Combatentes

No próximo dia 26, realiza-se, na sede social da Liga dos Combatentes, o 138.º jantar de confraternização entre sócios daquela instituição.

Naquela reunião estará presente, como convidado de honra, o secretário de Estado de Informação e Turismo e também os presidentes do Conselho de Administração da Radiotelevisão Portuguesa e da Direcção da Emissora Nacional».

«ÁLBUM DE LISBOA»

Os concorrentes de Lisboa começam na segunda-feira a entregar as suas cadernetas

O ÊXITO da nossa iniciativa estendeu-se a todo o País, manifestando-se da maneira mais expressiva, através da volumosa correspondência que temos vindo a receber. Das mais diversas localidades, continuamos a registar diàriamente grandes remessas de cadernetas dos leitores participantes no «Álbum de Lisboa».

Com a colaboração da Cidla, que patrocina o nosso concurso, promovemos a recepção de cadernetas dos concorrente do Porto e de Coimbra nos stands» Gazcidla daquelas cidades, a exemplo do que fora realizado em Lisboa, nos stands» dos bairros, para comodidade dos participantes que, residem nas respectivas zonas. Mas todos aQueles a quem não foi possível aproveitar essa conveniência, a partir de segunda-feira vão poder fazer pessoalmente a entrega das suas cadernetas nos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», na Rua Castilho, 185. Num ponto central da cidade, os concorrentes da capital podem, pois, a partir da próxima segunda-feira, fazer a entrega das suas cadernetas, recebendo, imediatamente, o boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio de óptimos prémios, onde se salientam o confortável apartamento mobilado num dos blocos de prédios construidos pela Realimo em Miratejo, a cidade panorama e o magnífico automóvel Toyota, modelo «Corolla» 1100.

A RECEPÇÃO PELO CORREIO CONTINUA

Prossegue a recepção de cadernetas pelo correio que, diàriamnte, nos chegam de todos os pontos do País. Recordamos que cada caderneta, separada lógicamente, do «Álbum», pelo picotado, exige a franquia de 2$00. Assim se evitarão multas e consequentes demoras de resposta Os concorrentes que pretenderem receber o boletim de identificação, conhecendo, assim, o número que os habilitará ao sorteio, devem juntar mais um selo de 1$00 por cada caderneta enviada, para portes de correio.

O «stand» Gazcidla do Porto, onde se efectuou a recepção de cadernetas, registou grande afluência dos concorrentes da capital do Norte, que ali receberam os boletins de identificação numerados que os habilitam ao sorteio de magníficos prémios

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81-3.º, Dt.º — T. 40049 - 560713.

AGUARDO SUA VISITA

ANTIGUIDADES — COMPRAM-SE

FARÓIS — FAROLINS — CARCAÇAS
VOLANTES — RODAS, ETC.
TUDO PARA AUTOMÓVEIS ANTIGOS
RESPOSTA, APARTADO, 366 — PORTO

DESPORTO

O novo campeão do Mundo

JOE FRAZIER —DE AÇOUGUEIRO A «REI» DO BOXE

Era uma vez um rapaz negro, pobre mas robusto, que trabalhava como açougueiro e vivia mal. Um dia, ele começou a desejar coisas como fartura, respeito e admiração. E resolveu abrir o caminho a murro. Agora, Joe Frazier é o campeão mundial de boxe.

A retirada de Cassius Clay deixou a confusão. Quem era o campeão do mundo de «pesados»? As discussões acabaram há dias, com o combate entre Jimmy Ellis (considerado campeão da categoria pela National Boxing Association) e Joe Frazier (a quem a New York Boxing Comission atribuía o título).

No ringue do novo Madison Square, Frazier derrotou por abandono ao quinto assalto Jimmy Ellias, conquistando o direito a ser considerado o «único campeão».

Frazier é, assim, primeiro campeão olímpico de pesados que conquista o título mundial de profissionais. Floyd Patterson, foi campeão olímpico em Helsínquia, mas na categoria de «médios». Ingemar Johansson, foi finalista olímpico de «pesados» em 1952 tendo sido desclassificado por falta de combatividade perante o falecido Ed Sanders. Cassius Clay ganhou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Roma, mas na categoria de «meios-pesados».

Joe Frazier, que nasceu em Filadélfia há 25 anos, teve uma infância pobre na cidade do Amor Fraternal. Muito novo, principiou a trabalhar e como era alto e forte (tem hoje 1,93 metros de altura e pesa 96 quilos) conseguiu trabalho num matadouro de Filadélfia ganhando 75 dólares por semana. Ele recorda assim esses dias difíceis: — «*Nesse tempo estava na lista dos beneficiários dos serviços federais de assistência. Isso fez-me ir para o boxe. Tanto para ganhar dinheiro como para fugir daquele trabalho sujo e violento. Entrei nos torneios de boxe da «Police Athletic League» e Yancey Durham orientou-me. Torneci-me um bom «amador» e conquistei as «Golden Gloves» estaduais em 1963, mas perdi na final para Buster Mathis*».

Depois do torneio de apuramento para os Jogos Olímpicos de Tóquio, Mathis venceu, novamente, Frazier e foi seleccionado. Porém teve a infelicidade de fracturar a mão direita e foi afastado da equipa americana. Joe Frazier foi chamado em sua susbtituição, e chegou ao Japão já depois da representação americana lá estar instalada.

Ganhou o título olímpico ao bater na final o iugoslavo Ivan Prenberg.

A ascensão para o título

Quando chegou a Filadélfia no regresso das terras nipónicas, já não voltou para o matadouro.

Na sua cidade natal fora organizada uma sociedade por acções sob a razão social de Coverlay, Inc. com o fim de promover a ascenção de Joe Frazier ao título de campeão mundial de pesados. A empresa iniciou-se com um capital de quinze mil dólares, mas as acções de cinquenta dólares cada uma subiram de tal maneira que um cupão de cinco vale actualmente 14 400 dólares! É a mais fantástica subida de acções da Wall Street.

Agora a Cloverlay, Inc. tem quinhentos e cinquenta accionistas e licença para vender acções até ao valor de cinquenta mil dólares.

O «negócio» tem corrido bem pois Frazier venceu sucessivamente Manuel Ramos, por «K. O.» em dois assaltos; Buste Mathias, que foi «nocauteado» em cinco assaltos, saindo da lista dos dez melhores; o duro «Ringo» Bonavera, que resistiu quinze assaltos; Jerry Quarry, que não aguentou mais que oito assaltos; e Leotis Martin, derrotado aos pontos em quinze assaltos.

Com todas estas vitórias, Joe Frazier atingiu a posição de candidato número um ao título mundial, o que confirmou com o triunfo agora alcançado. Só lhe falta combater com Cassius Clay para não haver dúvidas quanto à justiça do título ora conquistado. Embora Clay muito fale, na televisão, nos seus propósitos de voltar, com dois anos de paragem, frequência de salas apinhadas de gente não deverá estar em condições de se opor ao robusto atleta que é Joe Frazier.

Este é um homem feliz, contente e sociável, que tem o seu futuro assegurado pela percentagem que recebe da Cloverlay, Inc. por cada combate além da mensalidade de dez mil dólares. Yancey Durham, o treinador da «Police Athletic League» que o descobriu e ainda hoje, orienta recebe quinze por cento de cada bolsa.

Enfim, a inegável categoria de Joe Frazier é um rico negócio para ele, para Yancey e para todos os accionistas da Cloverlay, Inc.

P. A.

Este é FRAZIER

TREINO DA FUTURA SELECÇÃO DE JUNIORES

Ontem á noite, no Estádio da Luz, realizou-se um encontro de futebol entre uma equipa do Benfica e outra constituída por juniores de... 1971, da qual faziam parte rapazes de 16 anos. Alguns deles só serão, até, juniores em 1972.

Claro que se trata de jovens inexperientes, embora habilidosos. O seleccionador — e muito bem — pretende «calejá-los» para futuras andanças internacionais.

Os benfiquistas, naturalmente, venceram. E por 8-0, marca que exprime bem a supremacia que exerceram.

Sob a arbitragem de Armando Castro, alinharam:

SELECÇÃO DE 1971 — Silva Morais (Benfica), depois Marraça (Vitória de Setubal); Henrique (Leixões), Miranda (Sporting) Carlos Alberto (Torriense) e Baião (Estoril-Praia), depois Rodrigues (Sporting); Rodolfo (F. C. Porto) e Manuel Rodrigues (Sporting), depois Rodrigo (F. C. Porto); Canete (Lusitano de Évora), depois Rocha (Benfica), Marques (Atlético), depois Eurico (Benfica), Vitor (Leixões) e Chimalanga (Beleenenses), depois Canete.

BENFICA — Nascimento (Porfírio); Leal, Inguila, Rola e Orlando (Toni); Eurico (Olegário) e Vitor Martins; Armando Vieira, Raul Águas Antoninho e Lourenço (Diamantino).

Ao intervalo, 4-0. Marcadores: Águas (2), Antoninho (2), Vitor Martins (2), Eurico, este de «penalty», e Toni.

AUTOMOBILISMO

«Rallye» do Benfica animação do fim-de-semana

A contar para o Campeonato Nacional de Rallyes realiza-se sábado e domingo o Grande Rallye do Benfica, organizado pela Secção de Motorismo daquele clube.

Competição de características muito próprias e que a diferenciam um tanto da estrutura dos rallyes modernos, o Grande Rallye do Benfica consta de uma prova de um percurso de estrada com a extensão de 539.2 quilómetros e uma prova Complementar no Estádio da Luz que terá apenas função de desempate: o percurso de estrada, apresenta o inconveniente dos numerosos cruzamentos que contém e das povoações que atravessa, facto que pode, se não anular o êxito do rallye pelo menos diminuí-lo bastante. É um ponto em que os organizadores do Benfica insistem, este dos rallyes semeados de encruzilhadas e que de modo algum valoriza as provas. Outro aspecto que não parece lógico é o facto de os concorrentes inscritos no Campeonato serem obrigados a pagar uma taxa de inscrição maior que dos não participantes no Campeonato.

Em consequência dos estragos provocados pela invernia em algumas estradas que faziam parte do itinerário, a organização viu-se obrigada a introduzir algumas alterações de ultima hora.

O concorrente n.º 1 sairá do Estádio da Luz no sábado, ás 20 e 31, estando a sua chegada prevista para as 5 e 47 da manhã de domingo. O itinerário é o seguinte: Estádio da Luz, Alameda das Linhas de Torres, Póvoa de Santo Adrião, Santo António dos Cavaleiros, Loures, Fanhões, Bucelas, Mata, Arruda, Sobral de Monte Agraço, Feiteira, Dois Portos, Bulingueira, Freiria, Porto da Luz, Ota, Abrigada, Cercal, estrada florestal de Montejunto, Palhais, Sanguinhal, Vermelha, A dos Ruivos, Paul, S. Bartolomeu, Serra d'el-Rei, Dagorda, Obidos, Caldas da Rainha, Benedita, Venda das Raparigas, Alto da Serra Freiria, Vermelha, Cadaval, Gibraltar, Gradil, Malveira, Alcainça, Mafra, Carvoeira, Várzea de Sintra, S. Pedro, Almoçageme, Praia das Maçãs, Azenhas do Mar, Chilrerla, Codiceira, Lourel, Algueirão, Sintra, Malveira da Serra, S. Pedro, Jana, Talaíde, Carnaxide, Buraca, Estádio da Luz.

O Sporting distribuiu os prémios do XVI Rallye Nocturno

Nas instalações do Estádio Alvalade a Secção de Motorismo do Sporting procedeu ontem á noite á distribuição dos prémios do XVI Rallye Nocturno que decorreu no passado mês de Janeiro.

À sessão estiveram presentes além dos elementos da Secção de Motorismo, Eduardo Artur Moreira pela Comissão Desportiva do A. C. P. e o dr. João Xara Brasil director de pelouro do Sporting.

Aproveitando a reunião foram também distribuídos os prémios de outras provas realizadas em anos anteriores e só agora entregues.

Presentes á sessão muitos concorrentes.

VOLEIBOL

O Benfica mantém o comando no «Regional»

A contar para a 7.ª jornada do Campeonato de Lisboa de Voleibol o Benfica venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15/8; 15/6; 15/5).

Sob a arbitragem de Fernando Alves e Almeida Tavares, as equipas alinharam:

BENFICA — Carlos Figueiredo, Moisés Nobre, Artur Monteiro, João Nogueira, António Neves, Vitor Carvalho, José Barreiros, João Carlos, Domingos Fernandes e Orlando Gomes.

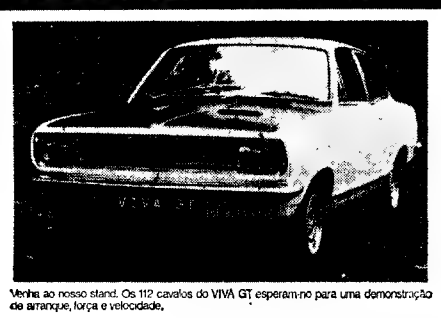
MOSCAVIDE — Helder Silva, Carlos Brilhante, João Ruivinho, Carlos Félix Fernando Riga e José Fernando.

Actuando com bastante determinação e confirmando a sua excelente forma, o Benfica venceu com toda a naturalidade apesar da boa réplica e entusiasmo dos vencidos que não conseguiu contrariar o maior poder atacante e global da equipa adversária.

★

Para início da 2.ª volta do campeonato de juniores, o L. Ginásio venceu o Externato de Moscavide por 3-0 (15/2; 15/13; 15/4).

112 cavalos de boa raca



Venha ao nosso stand. Os 112 cavalos do VIVA GT esperam-no para uma demonstração de arranque, força e velocidade.

VAUXHALL VIVA GT

UM PRODUTO GENERAL MOTORS

Garantimos eficiente assistência técnica Vauxhall e Bedford.
Recebemos trocas e damos facilidades de pagamento.

AUTO-INDUSTRIAL GM

Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Estoril–Avenida de Nice–Telefones: 263550/263396
Lisboa–Avenida Duque de Loule, 93–95B–Telefones 538082/562551

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Decidiu o Conselho de Disciplina

Estádio da Luz
— oito jogos de interdição

Depois de analisar o inquérito a que se mandou proceder, o Conselho de Disciplina da F. P. F. decidiu aplicar ao Benfica o castigo de oito jogos de interdição do Estádio da Luz e mais 7500$00 de multa. Reflexos, como é óbvio, da invasão do terreno verificada quando da realização do jogo do «Nacional» entre o Benfica e o Belenenses.

Depois do castigo aplicado pelo referido Conselho de Disciplina, resta decidir sobre a questão do resultado do jogo a homologar. Sobre o assunto se debruçará amanhã a Direcção da F. P. F. Empate de 0-0? Derrota do Benfica? Jogo a repetir?
Ver-se-á...

Para a história do severo castigo aplicado ao Benfica, registem-se os termos justificativos da decisão tomada superiormente:

«Invasão do campo de jogos por associados e adeptos que ocasionaram distúrbios graves que levaram justificadamente o árbitro a dar por findo o encontro — alínea c) do n.º 1 do Art.º 65.º do Regulamento Disciplinar, com as agravantes de 1.ª reincidência e 1.ª sucessão — alíneas a) e b) do n.º 2 do Art.º 25.º, havendo sido considerada a atenuante da alínea d) do n.º 1 do Art.º 24.º do mesmo Regulamento».

★

Do mapa de castigos enviado ontem pela entidade federativa, constam mais os seguintes: «Por injúrias ao árbitro», três jogos de suspensão a três elementos do Torriense, que assim sofre baixa de vulto, na altura em que luta pela conquista do título da Zona Sul do «Nacional» da II Divisão. São eles: Hermínio da Silva, João Joaquim Rodrigues e António da Rocha Narciso.

Três jogos de suspensão foram também aplicados a outros tantos jogadores do Vianense (III Divisão Nacional): Domingos Pereira Gonçalves (agressão a um adversário) e José Pedro Marques da Guia e José Correia da Silva Cardeira (injúrias ao árbitro).

A Carlos Alberto Silva Carneiro, do Leixões, foram aplicados dois jogos de suspensão, por, no decorrer do encontro contra o Barreirense, para a «Taça», haver tomado atitude incorrecta para com o árbitro, no que é reincidente.

HOJE À NOITE

- ANDEBOL — Campeonato de Seniores de Setubal: Comércio e Industria-Naval, ás 20 e 30; Atlético-Vitória, ás 21 e 45; e Sadinos-Palmelense, ás 23, no pavilhão da Naval.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da III Divisão: Liberdade-Maria Pia, ás 21 e 30, no Liberdade.

ESGRIMA — Posse dos novos dirigentes da Federação de Esgrima, na sua sede, ás 19 horas.

FUTEBOL — Campeonato de Juvenis de Setubal: Banheirense-Luso, no Barreiro, ás 17 e 30; e Moitense-Montijo (A), na Moita, ás 17 e 30.

TÉNIS DE MESA — Reunião de delegados na Associação de Lisboa para deliberar sobre o aumento do numero de clubes, nas três divisões distritais, ás 22 horas.

Pedras e Walter, num lance do encontro Sporting-Belenenses

Voltaram as «Marias do Benfica»

Até desmoraliza ver jogar tão bem...
— considera Madalena Canha referindo-se à equipa do Tatran

Está já em Lisboa, a equipa de voleibol feminina do Benfica que na capital checoslovaca defrontou a equipa do Tatran para a segunda eliminatória dos oitavos de final da «Taça dos Campeões Europeus».

Apesar do resultado lhes ter sido novamente desfavorável por 3-0 (15/0; 15/7; 15/0) como aliás já se esperava, as «Marias do Benfica» não se mostraram desmoralizadas pois sabiam de antemão que pouco mais poderiam fazer perante o «colosso» da equipa do Tatran.

A capitã do Benfica, Madalena Canha, (que juntamente com a seccionista Luisa Cruz, e na ausência do treinador da equipa José Magalhães, tiveram a seu cargo a orientação técnica da formação benfiquista) contou-nos:

— *O resultado tão... «esmagador», porque fomos derrotadas não foi para nós surpreendente, pois já sabíamos o que íamos encontrar, tanto mais que as nossas adversárias jogaram no seu país.*

É certo também que elas desta vez jogaram melhor do que em Lisboa, não nos dando qualquer hipótese e nós, como já vai sendo hábito, estranhámos o ambiente e actuámos abaixo das nossas possibilidades.

Úteis ou não estes contactos internacionais?

— *Bem, sobre o aspecto social e humano são sempre extremamente uteis estes contactos, mas sobre o interesse desportivo temos que o encarar doutra forma e por outros ângulos. Embora haja quem não tenha compreendido algumas afirmações que já fiz a esse respeito, competir com equipas de alto valor técnico é para nós um pouco desmoralizador, pois temos de reconhecer que não temos possibilidades de alcançar tal nível.*

Enfim, aprende-se sempre, e embora tivessemos efectuado um ligeiro treino com elas, continuo a pensar que aprenderíamos muito mais se jogássemos com equipas da Europa Ocidental, que estariam mais ao nosso alcance e possibilitaria um maior rendimento e entusiasmo da nossa parte. Assim, vamos continuar a treinar para daqui a um ano termos a possibilidade de representar o País na Taça dos Campeões Europeus.

E Madalena Canha afirmou-nos ainda:

— *Para aquilatar do valor da equipa do Tatran devo dizer-lhe que depois do nosso encontro, defrontou uma equipa masculina da segunda divisão, que competiria em pé de igualdade com as nossas equipas seniores, e venceu por 2-0 (15/13; 15/1) embora a rede estivesse à altura das competições femininas. Isto para nós foi «moralizador»...*

Para a taça «Isaac Sequerra»

Sporting, 1-Belenenses, 1

No Estádio da Luz, a contar para a terceira volta da Taça «Isaac Sequerra», disputou-se a partida Sporting-Belenenses, arbitrada por Mário Barros (Lisboa). As equipas:

SPORTING — Carvalho; Celestino, Bastos, Alexandre Baptista (Armando) e Manaca; Dani, Pedras e José Morais; Chico, Ernesto e Oliveira Duarte (Barão).

BELENENSES — Ferro; Assis, Lomelino, Cardoso e Esteves; Canário e Virgílio; Gomes, Ernesto, Valter e Godinho.

Ao intervalo já se registava o resultado final, 1-1. Golos de Virgílio (24 minutos) e Chico (40).

Assistiu muito pouca gente. O encontro teve, como curiosidade preponderante, o regresso de Pedras ao futebol oficial.

Com este resultado, apenas Benfica (12 pontos) ou Sporting (10 pontos) podem obter o troféu posto em disputa pela Associação de Futebol de Lisboa, porquanto os «azuis» estão irremediàvelmente no terceiro lugar da tabela classificativa.

O TOTOBOLA DE 8 DE MARÇO

No concurso n.º 27, do Totobola (a 8 de Março), figuram todos os jogos da primeira divisão nacional. Completam o calendário partidas das duas zonas da Segunda Divisão: Leixões-Barreirense, U. Tomar-Porto, Setubal-Varzim, Braga-Benfica, Sporting-Guimarães, Boavista-Belenenses, C. U. F.-Académica, Gouveia-Tirsense, Vizela-Sanjoanense, Marinhense-Famalicão, Lusitano-Santarém, Atlético-Portimonense e Luso-Peniche.

biduelradas
POR CAMILO & PARGANA

LEI DO CHICOTE

O ideal seria que todas as equipas concorrentes aos diversos campeonatos ficassem no primeiro lugar. Porém, não há maneira de conseguir-se tal desiderato.

Desse modo, os treinadores que não conduzam os seus homens à conquista do título sofrem as consequências da sua teórica incompetência.

As «chicotadas», designação extremamente infeliz aplicada às mudanças de técnicos, estão na moda. E esta, como se verifica, não manda apenas nas mulheres...

... E VÃO DEZANOVE

Praticar atletismo corresponde a um sacrifício. A preparação do atleta exige um gasto de horas e uma renúncia a aspectos agradáveis da vida que poucos se dispõem a isso.

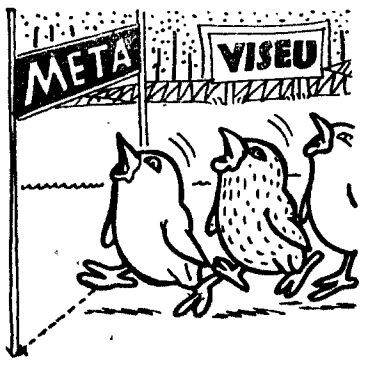
Como recompensa e estímulo, o Benfica enviou a Madrid uma numerosa equipa, que ali dará as suas provas. A propósito de provas: vão dezanove!

OS PINTOS DE VISEU

Até agora as provas de atletismo à escala nacional eram invariàvelmente ganhas por um representante do Sporting ou do Benfica.

Daí a sensação provocada pela vitória de João Pinto, do Académico de Viseu, no campeonato de juniores. Influência do outro Pinto (Anacleto) seu patrício?

Mostram-se, efectivamente, de raça apurada, os Pintos de Viseu.



SEM JÓIA

O remo é um desporto viril que merece ser divulgado e deveria ser mais praticado. O Clube Naval de Lisboa, com o fim de facilitar a sua aprendizagem, concede um período de isenção de jóia aos novos associados.

Uma colectividade que assim procede é, sem dúvida, uma jóia.

EMPRÉSTIMO A PRAZO

O Vasco da Gama pediu Eusébio emprestado por um prazo de seis meses. O benfiquista iria lá dar uns pontapés e o clube brasileiro, claro, contaria tirar, da verba despendida, o respectivo juro.

Iria apostar em como o principal objectivo é esse. Juro!...

O JUDO A... JUDA

A apregoada dureza do futebol europeu assusta os sul-americanos. Para obviar à diferença de poder notada entre os seus representantes e os jogadores do Velho Continente, os responsáveis

pelas selecções do outro lado do Atlântico resolveram recorrer ao judo, agora a ser ministrada aos «cracks» de lá.

O judo sempre a...juda a aparar (e a desferir) os golpes.

Concurso do «Diário de Lisboa» com o apoio da IBÉRIA

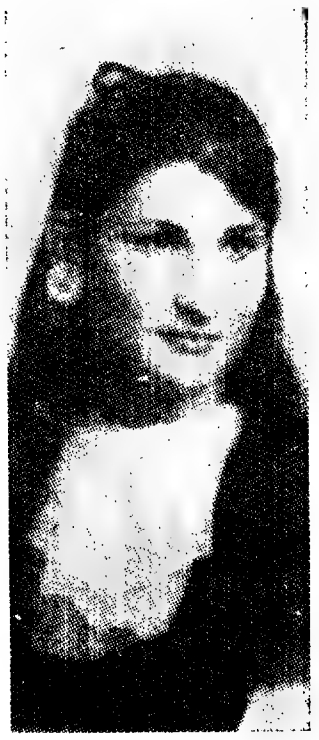
MUITAS CANDIDATAS AO TÍTULO DE «MAJA DE PORTUGAL-1970»

Continuamos a publicar gravuras dos rostos das pretendentes ao título de «Maja de Portugal» seleccionadas por um júri prévio de entre as dezenas de candidaturas já apresentadas pelas leitoras do «Diário de Lisboa».

Hoje é a vez de Maria Branca Roque Mota, de 18 anos, empregada fabril, residente no Bairro da Musgueira Sul (Rua K, n.º 98), grande apreciadora e cultora do Fado e candidata à carteira profissional como artista de variedades. Mas, para além de tudo, desejosa de obter o prémio correspondente ao título de «Maja de Portugal»: uma magnífica viagem por terras de Espanha, de 10 a 25 de Abril, e a presença assegurada no desfile qualificativo para «Maja Internacional-1970» que se realiza (com representação de 30 países) no Palácio de La Lonja, em Saragoça.

Este concurso que o «Diário de Lisboa» organiza com o apoio da Ibéria (Lineas Aéreas de España) é uma iniciativa da Associação Goya Internacional e tem, como objectivo fundamental, homenagear a figura de Francisco Goya, o genial pintor de Fuendetodos, autor de diversas «Majas» que ficaram como expressões clássicas da pintura.

Qualquer jovem portuguesa, com mais de 18 anos de idade, que seja solteira e tenha fotogenia e graciosidade acima do vulgar, pode habilitar-se aos valiosos prémios em disputa no concurso para «Maja de Portugal». Bastará, como primeiro passo, que preencha o cupão-candidatura que publicamos em todas as nossas edições e que o remeta ao «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44-48, em Lisboa), trazendo anexas fotos de rosto e de corpo inteiro da pretendente ao título. Depois, apenas terá de esperar meia dúzia de dias para saber se está incluída entre as prováveis finalistas de um certame da maior projecção.



BRANCA MOTA

CONCURSO

MAJA DE PORTUGAL

Uma realização do «DIARIO DE LISBOA» com o patrocínio da IBERIA (Lineas Aéreas de España)

Nome .....

Morada ..... *Telef.* .....

Idade ..... *Profissão* .....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, LISBOA

ora diga-nos...

— Come em casa?

Comer ou não comer eis a questão. Em casa ou fora dela eis a pergunta.

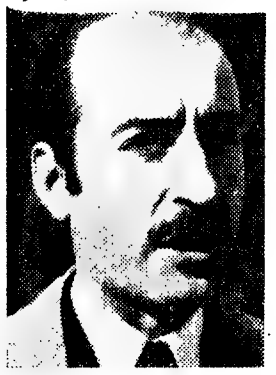
● *Na Praça do Chile dirigimo-nos a um transeunte (ao acaso, como sempre), que disse:*

— Como, sim.

— Sempre? — *tentámos desdobrar o laconismo do nosso interpelado.*

— Raro, como fora; só quando saio tarde do trabalho é que almoço.

— O meu nome? Rogério da Silva. Sou cabeleireiro — de homens — *especificou.*



● *O sr. António Borges da Silva, escriturário da D. G. C. I. foi logo direito ás minucias (poupando ao repórter outros perguntares):*

— Por acaso como sempre em casa da minha irmã; geralmente sempre — *concluiu.*

● *Ao nosso «importa-se de responder ao «Diário de Lisboa» para...» — o sr. Heliodoro Correia, malceiro, interceptou-nos com esta maneira muito luso-latina de falar antes de ouvir:*

— Eu não sei o que é que hei-de dizer...

— Mas eu também não perguntei — *atalhámos.*

— Ah, sim.

(Depois de ouvir a pergunta, disse):

— Sempre.

— Isto é — *rectificou.*

— Quando é hora de almoço como no trabalho

«A Universidade na Sociedade»

(Continuação da 17.ª página)

gir as sessões um catedrático de Lisboa, um do Porto e um de Madrid. O encerramento realiza-se no Colégio Universitário Pio XII, ás 21 e 30 do dia 24, com a apresentação das conclusões do ciclo.

Entretanto, e ainda integrada no Encontro, está programada a realização de Jogos Florais, de um concurso fotográfico, de uma noite de musica e de teatro, e de jogos desportivos. Os primeiros, nos géneros ensaio, conto, soneto e poesia livre, estão abertos a todos os universitários, terminando o prazo de recepção dos trabalhos ás 24 horas do dia 1 de Março. O respectivo regulamento pode ser solicitado junto do Colégio Universitário Pio XII.

O concurso de arte fotográfica abrange dois géneros: tema livre e retrato.

Serão, oportunamente, revelados os nomes dos juris que apreciarão os trabalhos literários e fotográficos — estando previstos os seguintes prémios: Ensaio — 1.º prémio, 1000$00 e uma placa; 2.º prémio, 600$00 e uma placa; 3.º prémio, 400$00 e uma placa. Conto — 1.º prémio, 800$00 e uma placa; 2.º prémio, 500$00 e uma placa; 3.º prémio, 300$00 e uma placa. Para a poesia livre haverá dois prémios monetários (de 500 e 300 escudos), um livro e placas; para o soneto haverá um prémio de 400$00, um livro e uma salva, além de placas.

Prémios de 600 e 300 escudos e placas (para o tema livre do concurso fotográfico) e de idêntico valor para o retrato, serão igualmente atribuídos.

SALDAMOS

MAIS UM GRANDIOSO LOTE DE CARPETES, TAPETES E PASSADEIRAS

GRANDE SORTIDO DE MEDIDAS

MUITOS E BONS RETALHOS DE TECIDOS para almofadas, sanefas, etc. desde 5$00

RICOS TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÕES — Metro desde 25$00

ÚLTIMOS DIAS

VISITE E VEJA BONS SALDOS

RAUL NETO, L.DA

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º, c/ elevador
(Esquina R. Prata)

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 750$00 — 850$00 no caso de não terem vagas nas camaratas — com direito a reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª Classe e idade compreendida entre 18 e 34 anos.

Resposta ao Rossio, n.º 432.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Sá de Miranda

CICLO PREPARATÓRIO — LICEAL
ADMISSÃO AOS INSTITUTOS

Telef.: SECRETARIA — 45310, Rua Alexandre Braga, 17
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Almir. Reis)

PIANOS

VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
TELEFONE 537021 — LISBOA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«HONEY WEST»

«SE BEM ME LEMBRO»
«CONCERTO PARA JOVENS»

Pelas 22 horas, Honey West oferece, na Rede Regional de TV, uma electrizante aventura intitulada «Um Ladrão Honesto» e em que ela e o seu sócio Sam são encarregados de uma estranha missão...

Cerca das 22 e 25, repete-se a rubrica assinada e apresentada pelo prof. Vitorino Nemésio, «Se bem me lembro». Ainda em repetição, e a terminar a emissão «Concerto para jovens».

Conforme ontem anunciámos, a série «Dr. Marcus Welby» foi galardoada pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood, com o «Globo de Ouro» destinado á melhor série dramática da TV. Aqui vemos o seu protagonista, o actor Robert Young, ao centro, durante a festa de atribuição daqueles prémios

O JOGO DA VIDA:

«O CASO DOS EMIGRANTES MEXICANOS»

Cerca das 22 horas o programa da Rede Nacional inicia o «serão» propriamente dito com a exibição de mais um episódio filmado da série «O Jogo da Vida», hoje com Robert Stack no protagonista.

Conta a «história» que Ferrell, o jornalista do «Crime Magazine», se propõe descobrir o que se passa com emigrantes clandestinos mexicanos que atravessam a fronteira entrando nos Estados Unidos. Para isso, arranja lugar de guarda numa pensão situada perto da fronteira e vem a descobrir que o chefe dos guardas está implicado no caso. Os mexicanos pensam que são apanhados e presos pela polícia, quando, na realidade...»

Robert Stack, que, de «intocável» passou a jornalista especializado em assuntos criminais, á americana

POSTA RESTANTE

L. O. P. V. — Lisboa — Aconselhamo-la a não perder o próximo programa que a R. T. P. transmitirá no domingo pelas 22 e 30. É da R. A. I. e intitula-se «Sem Parar», com Gianni Morandi. Talvez encontre algumas respostas às muitas perguntas que nos faz.

Z. T. A. — Lisboa — A série «Dick Powel Show» foi estreada em 1962. Às vezes «sabe bem» recordar certos filmes.

F. P. — Lisboa — A cançonetista Maria da Glória teve na verdade um filho que se irá chamar Rafael. De certeza não sabemos, até porque «ainda» não nos comunicou a decisão.

L. M. N. — Lisboa — Segundo o regulamento do VII Festival da Canção, organizado pela R. T. P., nenhum cançonetista «novo» poderá actuar sem ser submetido primeiramente a uma audição. Se, como nos diz, esse cançonetista foi reprovado nas audições já efectuadas... não deverá poder ser admitido. Parece-nos.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 10: Portugal - Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro, 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 21.º Episódio do Folhetim «O Capitão dos Mares», original de Oliva Guerra; 21 e 5: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro: «Escola de Maridos», de Molière, numa adaptação do dr. Leopoldo de Araujo; 23 e 20: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 1: Musica Sinfónica; 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Os pescadores de pérolas» (Bizet); 17 e 53: rés polacas (Wilhelm Friedmann Bach). Piano, Luciano Sgrizzi; 18: Musica do século XX; 19: Crítica de Livros para jovens crianças, por António Manuel Couto Viana; 19 e 10: Folclore Português — Cantos tradicionais Portugueses; Em versões «a-capella» de Lopes Graça, interpretadas pelo Côro da Academia de Acadêmes de Musica, sob a direcção de Lopes Graça; 19 e 25: O pianista Charles Rosen — Danças dos Partidários de David (Schumann); 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental — Abertura da ópera «O Turco em Itália» (Rossini). Orquestra Lamoureux, dirigida por Robert Benzi; 20 e 30: Concerto pelo Coral Sant Jordi, dirigida pelo maestro Oriol Martorell.; 21: Musica de câmara; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano, por Maria Fernanda Wandschneider — Fantasia K. 475 (Mozart); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecho.

Programa — MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: A suite inglesa n.º 6, em Ré Menor BWV 811 (Bach), pelo cravista, Ralph Kirkpatrick; 28 e 30: Sinfonia n.º 9, em Ré Menor, Op. 125 (Beethoven); 0 e 43: Sonata em dó maior «Köchel» 376, para flauta e piano (Mozart). Jean-Pierre Rampal, flauta; Futubo; Inoue, piano; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: A Universidade e a Nação; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica AIP; 18 e 30: Lisboa á tarde, 19 e 16: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 7: Conjuntos vocais; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 08: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 28 e 08: Musica tradicional e palestra religiosos; 28 e 22: Grande noite; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural

Modulação de frequência—97,4 — Às 16: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 08: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,66 m 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 08: Miscelânea; 19 e 20: Rabbiatac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Noite dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—238,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e e 05: Esquema, 18; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: arledades; 21 e 30: Guitarras portuguesas; 21 e 45: Canções do seu agrado; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecha

Estação do Porto — 256,6 m — 1.169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dasílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Chamadas Musicais; 21 e 30: Nova Dimensão; 22: Auditório; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e dos 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

TOTOBOLA

Desta vez parece certo. Artur Agostinho vem, pelas 20 e 10, alvitrar uma (quase) certa chave do Totobola.

Tentando, ùnicamente, ajudá-lo nesta espinhosa rubrica, a equipa do TV Dia-a-Dia oferece a chave certa, mesmo.

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos Animados; 20 e 10: Totobola; 20 e 20: Crónica; 21: Coral Polifónico de Viana do Castelo; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «O Jogo da Vida»; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 40: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Série Policial; 22 e 25: Se Bem Me Lembro; 22 e 40: Concerto para jovens; 23 e 30: Fecho.

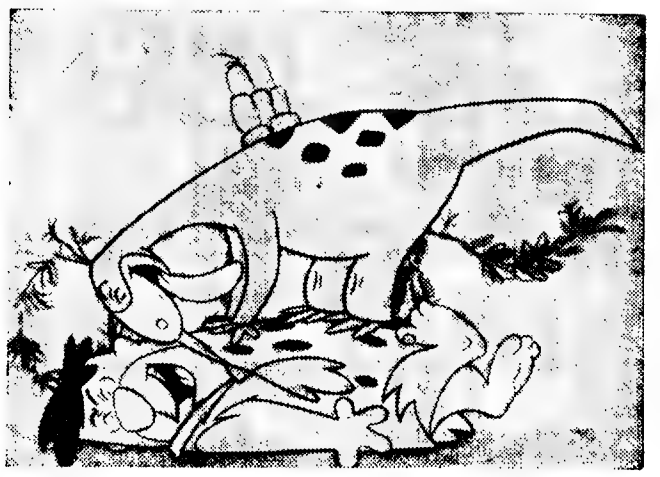
TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Monumentos Restaurados; 21: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal, 22: Bicentenário do Nascimento de Beethoven; 22 e 40: Dr. Marcus Welby; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Cinema; 23 e 40: Fecho.

DESENHOS ANIMADOS:

«FLINSTONES»



Aí valentes!... Estes percebo eu, falam português!

Numa discreta sondagem junto do telespectador «miudo» apurou-se que um dos desenhos animados de maior agrado é o da série Flinstones. Porquê? Pela sua dobragem para português feita no Brasil, bem conseguida e com o delicioso sotaque d'além-Atlantico, que os leva a entender o que se diz nas histórias apresentadas. Pelas 19 e 45 os Flinstones estarão mais uma vez desastradamente em acção, correspondendo assim ao desejo da pequenada.

canal da crítica

«AUTO DA BELA MENINA»: ÁGUAS PASSADAS NÃO MOEM MOINHOS.

«CINEMA SEM ESTRELAS» principiou ontem numa antologia de 30 filmes do «fantástico francês». Não é de mais referir aqui a excelente qualidade da antologia recheada de fantástico e de humor. Situada na ponta do serão, essa que foi a melhor parte do programa poderá ter passado despercebida a muitos telespectadores interessados se tivessem conhecimento dos materiais a apresentar. Um pouco mais de propaganda na própria televisão seria de grande utilidade para a produção de Baptista Rosa, uma produção de inegável prestígio.

Ao princípio do serão foi o «Panorama do Teatro Português». Pouco há a dizer se não quisermos repetir palavras, jeitos, conceitos.

Do «Auto da Bela Menina», de Sebastião Pires (meu Deus!, há nomes verdadeiramente predestinados), o responsável do «Panorama» disse quanto havia a dizer: trata-se de uma obra menos... Acrescentou não ser justo *«o total esquecimento que pesa sobre a obra»*. Sendo, porém, verdade que não se descortinou o mérito da sua apresentação quatro séculos volvidos. A menos que se pretenda historiar as raízes dos romances de cordel do nosso tempo...

Usando da máxima benevolência e vontade de adesão, não me foi possível encontrar no texto nastos mais que ténues da «frescura» a que Luís-Francisco Rebelo aludiu. O que encontrei foi uma desenfreada literatice adjectivante, retórica, sem miolo, com a agravante de constantes danos á oralidade.

Aliás, tudo se passa como se Luís-Francisco Rebelo nos quisesse demonstrar através do seu «Panorama do Teatro Português», que em Portugal não houve teatro digno deste nome. Não contestaria a validade cultural do «Panorama», tal como se tem desenvolvido, se avaliasse inrealmente a situação cultural da grande maioria do nosso pu-

(Continua na pág. seguinte)

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5 ass. 380 contos; 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuimos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem quintal e Jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (rectaguarda do Hotel Baia)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇAO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTO APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

blico telespectador. Algumas pessoas não deixarão de verificar a total ausência de qualidade na peça do Sebastião Pires. Mas não pensará a maior parte dos telespectadores que a peça é boa, só pelo facto de a verem integrada numa retrospectiva do Teatro português? E não derivará daí um processo de deseducação do gosto artístico, a contragosto do responsável do programa?

* * *

Maxwell Smart foi encarregado de destruir mísseis da KAOS escondidos algures, no deserto do Saará, numa tenda de beduínos...

Eis o tema central do episódio de ontem do «olho vivo». Não conto mais porque... só visto.

Não desisto, no entanto, de transcrever o diálogo final entre o fantástico Smart e a Naineti Naíne:

SMART — A Rússia, a China e a França têm de deixar de construir bombas nucleares.

AGENTE 99 — Porquê?

SMART — Porque, se o não fizerem, destrui-los-emos, e então haverá paz no mundo...

* * * *

Pois antes do «olho vivo» aconteceu aquela rubrica do «Portugal Desconhecido», ontem dedicado aos moinhos.

Maria João Aguiar, a apresentadora, lamentou o desaparecimento dos moinhos, pois, «se é certo que as fábricas aumentam a produtividade», os moinhos dão beleza á paisagem. Insiste na ideia de que «os moinhos ganham em beleza ás grandes fábricas de moagem». E acaba por lançar um apelo para a salvação dos moinhos, utilizando-os como «pólos de atracção turística».

De que maneira? Que sugere Maria João Aguiar para salvação dos moinhos?

MÁRIO CASTRIM

Concerto da Banda da G. N. R. no Teatro da Trindade

A encerrar a série de concertos organizados pela FNAT em colaboração com o Comando Geral da GNR, a banda de musica desta corporação, dirigida pelo maestro capitão Silva Dionísio, realiza no próximo domingo, pelas 11 horas, no Teatro da Trindade, o seu 6.º concerto da presente temporada.

Fazem parte do programa obras de: Carlos Gomes, Massenet, Friedmann, Artur Rebocho, T. Breton e Paul Creston.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

O LIVRETE QUILOMÉTRICO

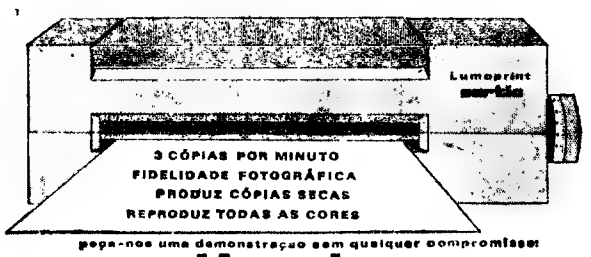
DÁ-LHE 20% DE REDUÇÃO

SOBRE OS PREÇOS DA TARIFA GERAL

EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS.

CP - Departamento Comercial - Publicidade

aparelhos de fotocópia
3.880$00



peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso
sertic portuguesa
Rua Buenos Aires, 7 1º Dtº - Lisboa 2 - Telef. 687828

DR. ARTUR CAMPOS FIGUEIRA DE GOUVEIA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa o falecimento no dia 14 do corrente mês de Fevereiro e que serão rezadas missas de sufrágio amanhã, dia 20, às 17.30, na Igreja dos Jerónimos e, às 19 horas, na Igreja de Layre.

Desde já agradece a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto e bem assim a todas aquelas que manifestaram os seus sentimentos e que compareceram no funeral e às quais, por deficiência de moradas, não seja possível dirigir directo agradecimento.

Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve – CEAL S. A. R. L.

Capital: 70.000.000$00

Sede: Rua D. Francisco Manuel de Melo, 28-A-6.º — LISBOA

Obrigações de 4% 1956
19.º sorteio
Obrigações de 4% 1958
16.º sorteio

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Março próximo, se realizará na sede desta sociedade, no dia 24 do corrente pelas 11 horas e 30 minutos.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1970.

O Presidente do Conselho de Administração

Aliança Eléctrica do Sul, S. A. R. L.

Francisco Alberto Corrêa Figueira

EXCURSÃO DA C. P.

PRAÇA FORTE DE ALMEIDA E AMENDOEIRAS FLORIDAS NO DOURO

21 e 22 DE FEVEREIRO

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 21 e 22 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Géral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Viseu, Mangualde, Fornos de Algodres, Guarda, Celorico da Beira, Vilar Formoso (Fronteira), Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, incluindo viagens de 1.ª classe entre Lisboa e Coimbra-B, jantar no comboio, á volta, excursão em autocarro de grande turismo, alojamento e refeições na Guarda.

PREÇOS

Modalidade 1 ..... 660$00
(Hotel de Turismo, 1.ª classe)
Modalidade 2 ..... 580$00
(Pensão Aliança, 1.ª classe)

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

DR. ARTUR CAMPOS FIGUEIRA DE GOUVEIA

PARTICIPAÇÃO

Os corpos gerentes de AVENIDA PARQUE, S. A. R. L., participam o falecimento do presidente da Mesa da Assembleia Geral e seu querido amigo, no passado dia 14, não tendo sido feita a oportuna comunicação do óbito em obediência aos desejos manifestados pela Família.

DR. ARTUR CAMPOS FIGUEIRA DE GOUVEIA

PARTICIPAÇÃO

O pessoal de AVENIDA PARQUE, S. A. R. L., participa o falecimento do presidente da Mesa da Assembleia Geral da sociedade e seu grande Amigo, no passado dia 14, não tendo sido feita a oportuna comunicação do óbito em obediência aos desejos manifestados pela Família.

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
À mão armada — EDEN
Texas adeus! — POLITEAMA

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE, ÀS 21.30
EM ESTREIA
O INCOMPARÁVEL FRANCO NERO, NO SEU FILME MAIS SENSACIONAL
TEXAS ADEUS!
com Cole Kitasch e Elisa Montes
UMA HISTÓRIA DE MORTE ENTRE PISTOLEIROS S E M PIEDADE
(Scope-Col.)
HOJE, ÀS 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

MUNDIAL
Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45 (Adultos)
George Peppard, Inger Stevens e Orson Welles num filme sugestivo e empolgante!
A SOMBRA DE UM HOMEM
(Techniscope e Technicolor
Arrojado! Diferente! Invulgar!

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
3.ª semana de lotações esgotadas
Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse!
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
A divertida comédia
CONFIDENCIALISSIMO
com **Annie Girardot e Francis Blanche**
Prémio especial no Festival de Berlim
Prémio Fémina — Paris

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
O OURO DE MACKENA
com **Gregory Peck e Omar Sharif**

QUINZENA O AMOR NO CINEMA
Amanhã, 18.30 (Adultos)
LAÇOS ETERNOS
de **André Delvaux** c/ **Anouk Aimée e Yves Montand**
Dia 23: (Adultos)
VAMO-NOS AMAR

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
A ficção excedida pela realidade o relato sério, impecável e emocionante de um facto verídico
Um filme de **Richard Brooks**
A SANGUE FRIO
Segundo a obra de **Truman Capote**

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª Semana — Uma obra-prima
A obra máxima de **Carl Th. Dreyer**
DIA DE CÓLERA

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Steve McQueen em
OS RATONEIROS
segundo a novela de William Faulkner no seu romance «THE REIVERS»
vencedora do Prémio PULITZER
com **Sharon Farrel**
Um filme invulgar

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Uma obra-prima da moderna literatura
OS RATONEIROS
c/ **Steve McQueen**

EUROPA
Tel. 661016 (Adultos)
Às 15.15 e 21.30
4.ª semana
O filme que pelo seu tema tem atraído a atenção do público
MEIAS PRETAS
com **Susan George e Victor Henry**
Technicolor

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
SPARTACUS
com **Kirk Douglas**

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
A mais movimentada aventura de **Roger Moore!**
O SANTO EM ACÇÃO

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 21.45 — **ESTREIA**
(Veja anúncio especial)
Panavision-Metrocolor
GLEEN FORD em
À MÃO ARMADA
Às 18.30 — Adultos — Última exibição:
«Fechem-nas a 7 Chaves»

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
DEBORAH KERR e DAVID NIVEN
numa comédia sensacional que reflecte todo o momento actual
SARILHOS CONJUGAIS

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
Hoje ás 15.15, 18.15 e 21.30
EM 6.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Óscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katherine Ross**

CONDES
(M. 17 anos) Tel. 522523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
Annie Gigardot, Francis Blanche e Jean Yanne
CONFIDENCIALISSIMO
Prémio Fémina — Paris 1969

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA de êxito sensacional com o filme português
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner**
Realização de
HENRIQUE CAMPOS

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
A PEQUENA PARÓDIA
ROUBO NO METROPOLITANO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Às 17 e 21.30
NÃO FAÇAS ONDAS
com **Tony Curtis** e **Claudia Cardinale**

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma história de saborosa malícia!
MARIDO VELHO... ...MULHER NOVA
Realiz.: **Alberto Lattuada**
com **Rosanna Schiaffino** e **Philippe Leroy**

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um filme empolgante, de emoção e «suspense» em Technicolor
NA PISTA DOS DIAMANTES
c/ **Richard Johnson, Honor Blackman**

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.º MÊS
14.ª SEMANA
DIVÓRCIO À ITALIANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
com **Marcello Mastroiani**
UMA MARAVILHA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
A QUADRILHA SELVAGEM
com **William Holden**

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Pega de caras» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «O Vison Voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Maciste, o homem mais forte do Mundo» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Os rebeldes do Canadá» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «A perversa» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «O justiceiro de Rugova» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «O último Moikano» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Sartana» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «A mulher infeliz» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Em território inimigo» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Expresso Bongo» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «Madame X» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Os indiferentes» (17 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Esta mulher matou» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Uma noite na praia» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Guerreiros em fúria» (12 anos).
LUMIAR — Às 21: «O preço de 5 jogadores» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Rancho da Injustiça» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «Minuto a minuto sem respirar» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Não faças ondas» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Saraflino» (17 anos).

● Outra banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Golpe de ouro» (12 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO — Às 21 e 30: «A morte de um pistoleiro» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O direito de nascer» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Marco Polo» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Mayerling» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Digan lo que digan» (12 anos).

«PEÇO A PALAVRA» — um êxito

Com um sensacional elenco, os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado continuam a apresentar, no Teatro Variedades, a revista «Peço a palavra!», que, desde a primeira noite, conseguiu o total agrado do público.

Em papéis de relevo estão Alda Baptista, Carlos Coelho, Eloína, Spina, Max, Anita Guerreiro, Victor Espadinha e Mariano Franco, além da atracção nacional António Calvário, com um formoso grupo de discípulas e um grande «ballet» internacional.

O público ri, de gosto, durante todo o espectáculo, o que é prova máxima do grande êxito da popular revista.

Hoje, às 20 e 45 e às 23 horas, mais duas sessões e, no domingo, «matinée» às 16.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno L

ALAMEDA — Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (722868).
ALCÂNTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALTO S. JOÃO — Oriente, R. Lopes, 120 (84338) ✲ Teles, R. João de Barros, 2 (638249).
ALVALADE — Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 (722368) ✲ Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358).
AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).
ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho, 10 (40471).
AREEIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (715370) ✲ João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462) ✲ Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (727721).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (763107) ✲ Avenida, Av. da Republica, 27-A (533688) ✲ Império, Rua Filipe Folque, 40-A-B (48002). ✲ Palma, Av. Duque de Ávila, 25 (47088).
BAIRRO AZUL — Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (51451).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — Americana, Calçada de Santana, 3 (863984). Costa, Praça da Figueira, 6-B/C (Tel. 328381) ✲ Nacional, R. do Saltre, 7 (46858)
BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) ✲ Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (631958).
BENFICA — Lisboa, Rua Claudio Nunes, Lote 2 (703393) ✲ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — Combro, Calçada do Combro, 78 (326059) ✲ Azevedo Irmão & Veiga, R. da Misericórdia, 24 (323540).
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da Fonseca, 101-101 A (682333) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181).
CONDE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (44438).
ESTRELA E LAPA — Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734).
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842) ✲ Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ Bastos Andrade, Calç. de St.º André, 107-111 (860450) ✲ Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ S. Tomé, Est do Desvio, Lote 12-C (790704).
MADRAGOA — Lealdade, Rua do Olival, 226 (663441).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237) ✲ Nova dos Olivais, R. E 1, Lote 469 (Olivais Sul) (316402).
PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764196 e 764629)
PATRIARCAL — São Marçal, Rua de S. Marçal, 100 (325318).
PENHA DE FRANÇA — Carronde, Rua Padre Serra Freitas, 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (728395 e 720703).
SÉ — Nacional, R de S. João da Praça, 26 (863632).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — Salter, Rua de Xabregas, 63-65 (381185).
MOSCAVIDE — Império — Rua Olivença, 44 (Tel. 2511820).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (T. 2430058)
PAREDE — Alsir — Av Gago Coutinho — Bairro das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel 261186).
MONTE ESTORIL — Suiça — Cruzeiro (Tel. 260087).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, 41 (Telefone 280141); Cascais — Rua Conde de Monte Real—Bairro Caixas (Tel. 282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel 930019); Flama — Rua Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, Lote D (Tel. 971028).
QUELUZ — André — Av. Elias Gacia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Av Miguel Bombarda, 123-A (T. 9518411).
CACÉM—Central—R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 29100?2).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 9804561
SINTRA — Marrazes — L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, Q. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telefone 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. do Bela Rosa, 8 (Tel. 2242501)
ALMADA — Algarve — Rua Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Avenida — Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2273121?).
COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 2390251)
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 230008).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).
SETUBAL—Lisboa—Rua Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); Soião — Av. Portela (Tel. 22709).
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 22118560).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763450.
TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECRETADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
(Maiores de 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

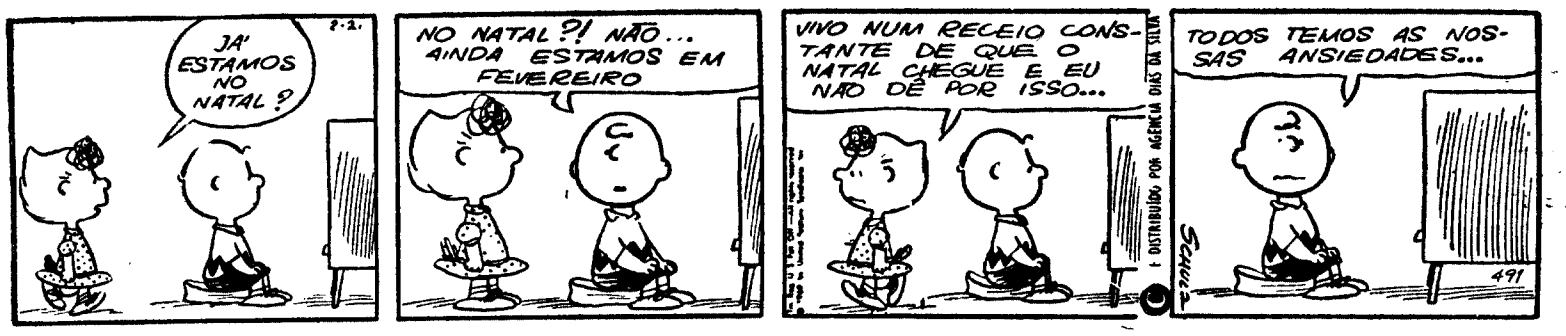
NO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
PREMIADO PELO SNI

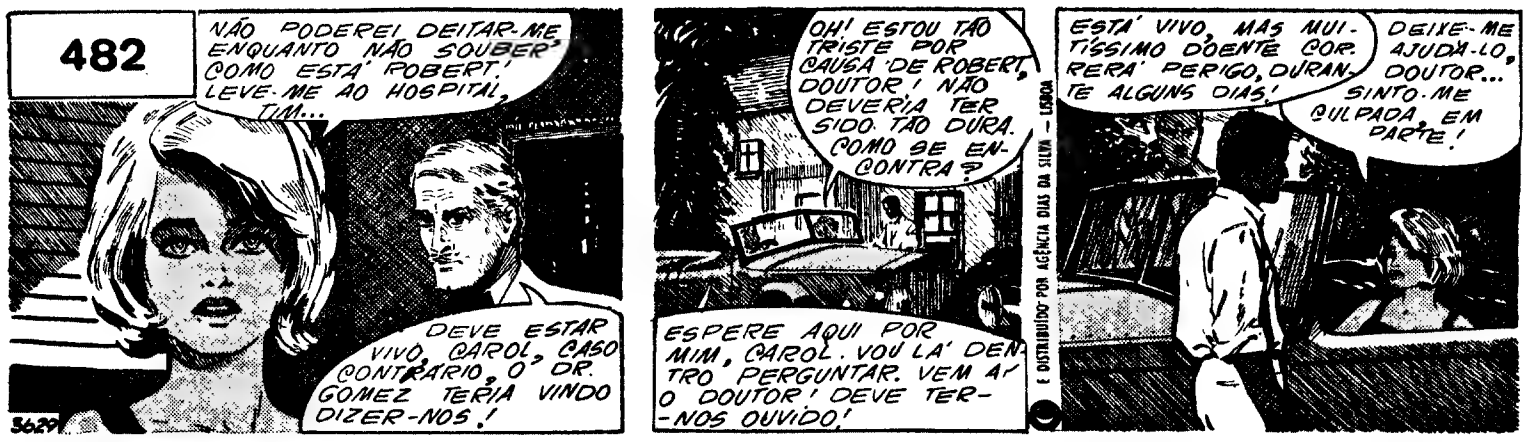
CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», na sua edição de 19 de Fevereiro de 1940, publicava, a propósito da I Grande Guerra, as seguintes palavras de João de Barros:

(...) «**Ao hiper-nacionalismo dementado, que transforma as naturais e legítimas diferenciações entre os povos em motivos de ódio irreprimível e em pretextos de constante discórdia, chama um escritor de lucida inteligência «o micróbio mais venenoso dos tempos de hoje». E, de facto, assim é. O tremendo vírus que provocou a doença que durante longos anos debilitou – parecendo às vezes fortalecê-la, aliás –, a Europa actual, se não um pouco o mundo inteiro».** (...).

MUDANÇAS

NO PAÍS E PARA O ESTRANGEIRO
Orçamentos Grátis
RAUL GALAMAS, LDA.
RUA DA MADALENA, 68
TELEF 869600

Palavras cruzadas

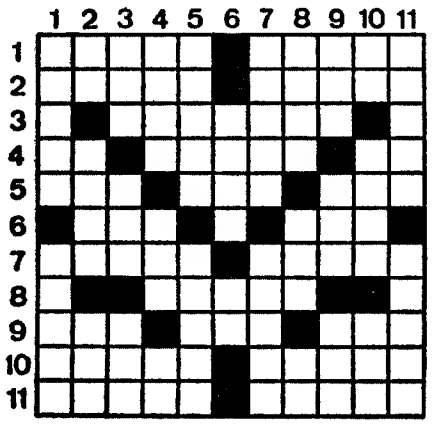
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5451

HORIZONTAIS: 1 — Acomete. Da parte de cá. 2 — Pegam. Cabeçada. 3 — Segure. 4 — Mil e cinco em romano. Transferem para outro dia. Antes de Cristo. Medida de líquidos usada na Alemanha. Preposição e artigo definido (pl.). Prende. 5 — Ver. Sapo do Amazonas. 7 — Ponderar. Come (pop.). 8 — Grande saia. 9 — Braço de mar. Ilha inglesa no mar da Irlanda. Som. 11 — Homens de baixa estatura. Equilibas.

VERTICAIS: 1 — Dispõe em camada. A morte. 2 — Porco. Planície entre duas montanhas. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 3 — Fileira. Espaço de trinta dias. Anel. 4 — Leito. Chefe etíope. Germânico (s. q.). 5 — Querida. Apelido. 6 — Cursos de água natural e abundante. Nota musical. 7 — Detrás. Fêmea do ganso. 8 — Aquele que. Cancho. Sufixo que designa estado. 9 — Cantão da Suíça. Pedra de altar. Possui. 10 — Erbio (s. q.). Peixe do Algarve. Agora. 11 — Resmunga. Espíritos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5450

HORIZONTAIS: 1 — Ataca. Carpa. 2 — Lemos. Afear. 3 — Onara. Pecos. 4 — Cri. Asa. 5 — NÃO. Tia. 6 — Léria. Porós. 7 — Aí. SSS. Há. 8 — Amieira. 9 — Rata. Aram. 10 — Afara. 11 — Oásis. Calma.

VERTICAIS: 1 — Ailor. LADRÃO. 2 — Ter. Nei. Ala. 3 — Amaçar. Afas. 4 — Comói. Medi. 5 — Asal. Asi. As. 6 — SEM. 7 — CAPA. Psi. AC. 8 — Afesto. Rato. 9 — Recair. Aral. 10 — Pão. Aah. Arm. 11 — Arse. Salmão.

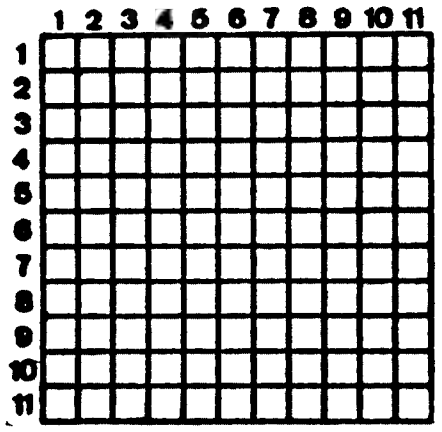
Provérbio: NÃO HÁ LADRÃO SEM CAPA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9294

HORIZONTAIS: 1 — Sossegaremos. 2 — Espécie de bergantim. Amargo. 3 — Uma das Novas Hébridas na Melonésia. Bigorna de aço sem hastes. 4 — Ateia. Veneração. 5 — Artérias. Ópera de Verdi. 6 — Caminhar. Progenitar. Pedra de moinho. 7 — Afogo (abrev.). Serenidade. Batráquio. 8 — Dos pólos. Equipou. 9 — Emprega. Negativa. 10 — Cria. Introduz. 11 — Rezara. Salário de trabalhadores.

VERTICAIS: 1 — Descerrar. Safo. 2 — Aqui. Pronome indefinido. Érbio. (s. q.). 3 — Ocultar. Toca. 4 — Ponteiro de plumbagina para escrever ou desenhar. Unir por casamento. 5 — Triturava. Um dos estados do Brasil. 6 — Forma apocopada e proclítica de vale. 7 — Roi. Magnete natural. 8 — Mete em mala. Fio de latão. 9 — Cão bunhento. Reduzir a farinha. 10 — Sufixo que designa estado. Venero. Pronome pessoal. 11 — Costumara. Da cor do ouro.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9293

HORIZONTAIS: 1 — Deão. Feital. 2 — Amorna. Nata. 3 — Cata. Reatam. 4 — Alá. Ads. 5 — Rã. Aparo. As. 6 — Dorna. Além. 7 — Pá. Aguda. AC. 8 — Ano. Ina. 9 — Relil. Ural. 10 — Ciam. Damaia. 11 — Assada. Asso.

VERTICAIS: 1 — Dacar. Parca. 2 — Emalada. Eis. 3 — Aota. Alas. 4 — Ora. Ama. Imã. 5 — Apagam. 6 — Farda. Unida. 7 — Eirado. 8 — Ina. Olá. Uma. 9 — Tatá. Inós. 10 — Aat. Amarais. 11 — Lamas. Calão.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«S. THOMÉ» *	5 de Março	Directo a: Luanda, Lobito e Moçâmedes.
«QUELIMANE» *	8 de Março	Directo a: Lobito (se necessário), Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«P. PERFEITO»	9 de Março	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«ROVUMA»	10 de Março	Leixões, Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, e (se necessário), Porto Alexandre e Cuio.

* Com escala prévia por Leixões.

Reserva de Passagens: 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

PÉCARDI — DECORAÇÕES, LDA.
APRESENTA OS VERDADEIROS
SALDOS DE BALANÇO
com descontos de 30 a 50 %
EM TECIDOS PARA ESTOFOS E DECORAÇÃO
Rua Nova da Trindade, 1-C (ao Chiado) Telefone 32 81 20

António Ramos Rosa
E O ESPAÇO INTERIOR DO MUNDO

por Eduardo Prado Coelho

«À travers tous les êtres passe
[l'unique espace:
espace intérieur du monde. Silen-
[cieusement volent les oiseaux
tout à travers nous. O moi qui
[veux croître,
je regarde au dehors et c'est en
[moi que l'arbre croit.»

Rilke

O ÚLTIMO LIVRO de Ramos Rosa intitula-se «A construção do corpo», e abre com duas epígrafes importantes. Numa, é o ensaísta americano Norman Brown que diz que o corpo humano é uma criação contínua, um estado de perpétua destruição e construção de si. Na outra, o poeta Wallace Stevens indica o lugar de origem do poema: nós não somos onde estamos e não estamos onde somos.

Estas duas inscrições iniciais seriam já suficientes para nos indicar o tipo de problemática que está em jogo na poesia de Ramos Rosa: trata-se de relacionar o corpo e a palavra como espaço único onde o sujeito deve emergir. Situamo-nos desde logo no ponto mais escaldante da reflexão contemporânea, que procura pensar a linguagem e o estatuto do corpo na sua articulação com o mundo e a identidade do homem.

Acontece, no entanto, que o livro de Ramos Rosa não é a aplicação de um programa. Muito pelo contrário, *é um livro de experiência*, experimental na exacta medida em que tudo se joga no acto da poesia: o poeta, a palavra e a realidade. O livro de Ramos Rosa só pode ser entendido *no seu conjunto*, porque é uma só experiência (na sua interminável variação) que através dele se processa e se relata. Não poderemos compreender a existência *dramática* destes poemas se não tivermos em conta o terrível combate que eles são a cada instante entre a destruição possível e a construção necessária.

Existe uma realidade original na poesia de Ramos Rosa: é a que separa as forças da destruição das forças da construção. No lado da destruição, temos a secura, o poço, a fome, a dureza, o sono, a escuridão, o vazio, a sede, a tristeza, a opacidade, a estagnação, a cegueira, o deserto, a sombra, a errância. Do lado

da construção, temos a nudez, o trajecto, a face, o calor, a vida, a suavidade, a brancura, a luz, o caminhar, a transparência, o sol, etc. Esta enumeração não é, evidentemente, exaustiva, e, como veremos, mais adiante, é possível que certos elementos assumam uma função ambígua. A circularidade da experiência e a coincidência dos opostos que a culmina impedem que se veja nesta dualidade primeira uma relação esquemática entre o mundo do Bem e o mundo do Mal.

Mas a indicação dos dois mundos, e da ruptura que os une, permite assinalar melhor o lugar primitivo do poeta: ele não está em nenhum dos dois mundos, *mas entre os dois*, ocupando o intolerável vazio, o intervalo que os constitui. O poeta fala em «interminável suspensão» (p. 52). Na página 34, diz-nos: «Eu não sou / neste intervalo». Na página 47: «Escrevo nesse intervalo». A conclusão está na página 33: «Enquanto escrevo não sou».

Entre *ser nada* e *ser* há um momento de *não-ser*, que é o da *escrita* — ponte invisível, insistente grafia que trabalha para suprimir a distância entre os mundos que são dois e separados, violência aboluta que para os reunir acentua a realidade da sua sepasação — articulando um espaço outro («escrevo para não viver sem espaço» — 34).

Assim o poeta nos explica: «Há uma face qut não sei, / que não sou. / E o que sou é a face de uma sombra. / Escrever para essa sombra sem face» (47). O que corresponde à interrogação maior: «Quem me procuro?» (40).

A construção do corpo aparece-nos, assim, como a difícil elaboração de uma identidade. O poeta parte de um vazio inaugural: «Tudo eu quero, tudo me falta / e é precisamente por nada ter, por nada ser, / que me lanço e me perco contra o ar» (41). O vazio que o constitui não é um vazio absoluto: é *a presença* de um vazio — um apenas ser o que já foi, um existir enredado no que passou, um viver numa casa roubada que pertence ao mundo que os outros formaram — os outros, mortos. O poeta está encerrado «num mar de inexistência», banha na «mortalidade fluente: ar aglomerado inexisto único entre todos» (64). O poeta é ainda a inexistência de si e a errância que a define: «É aqui que não estou, corro, caminho, espero, / páro de súbito. «É o corpo que não existe ainda» (43).

Cont. na pág. 2

SUPLEMENTO LITERÁRIO

APRESENTAÇÃO DE UM LIVRO AINDA INÉDITO DE BENTO DA CRUZ

«Contos de Gostofrio»

por Urbano Tavares Rodrigues

AS ORIGENS do ruralismo de Bento da Cruz encontram-se fundamentalmente numa experiência directa da existência nos campos e nas aldeias do Barroso e do Larouco, experiência simultânea e sucessivamente vivida e observada, no que concerne ao trabalho, ao amor, à amizade, à ambição, às carências mais duras, em suma, à complexa maranha das relações humanas e das relações do homem com a natureza e com os animais. Relações todas elas fortemente sensualizadas e sobre as quais o autor se coíbe de lançar um julgamento moral.

Neste livro, todo ele penetrado de espírito bíblico, sobretudo de ecos e reminiscência do Velho Testamento, a característica dominante pode dizer-se que é a naturalidade. Não o naturalismo que acentua contornos e busca os excessos: uma naturalidade que, pelo contrário, torna todo o possível e, até, o quase impossível em verdade simples, evidente, e nos mostra a face lírica daquilo que imodesta e incompreensivamente nos acontece capitularmos de monstruoso. O poeta e o cientista, o rapazinho da terra, filho do povo, e o médico que na sua província quis permanecer (aliás, presentes e contrastados no hábil conto de evocação «Rucito») convergem nessa visão, que, sendo de uma extrema exactidão, não tem jamais a secura do espectadorismo, mas a riqueza de tintas emocionais da participação.

Há, por vezes, nestes «Contos de Gostofrio» coloridos idílicos, muito bem conseguidos, que poderiam desnortear o leitor que abrisse o livro ao acaso, levando-o a assimilar essa suavidade ao bucolismo de um Trindade Coelho. Mas logo uma leitura mais atenta e aprofundada nos situa na boa pista: toda a poesia nesta obra é matéria e da matéria nasce (da «santa matéria», diria Teilhard de Chardin).

Bento da Cruz tanto rejeita a idealização dos seres vivos e das coisas, como se recusa a neles advertir o *pathos* que um Abel Botelho, por exemplo, pesquisa apaixonadamente à sua volta, como um caçador de anomalias.

O mundo de Bento da Cruz é o reino da naturalidade. Se há que procurar-lhe, a todo o custo, um antepassado, só em Aquilino Ribeiro o acharemos — no Aquilino de «Cinco Réis de Gente» e de «Casa Grande de Romarigães», o Aquilino solerte de veia picaresca e o das grandes sinfonias à terra-mãe. Autor de romances ásperos e verdadeiros.

«As Filhas de Loth» — nas quais despremeditadamente reflecte a alienação das primevas populações do Noroeste trasmontano, mas sem espírito de comiseração nem de explícita reivindicação. Bento da Cruz, se não denota qualquer disciplina de escola ou subordinação a um esquema teórico, manifesta, em compensação, e sempre, um compromisso radical com a verdade concreta, que o obriga a investir-se totalmente na sua obra, correndo todos os riscos inerentes a esse empenho absoluto. Aliás, embora fiel à escrita vernácula e seduzido pelo linguajar camponês, ao qual a sua prosa deve, com o componente bíblico, o sabor acre e a estridula veemência de certos diálogos, Bento da Cruz deixa-nos entrever nestes seus contos muita leitura bem digerida. Alheio à aplicação de receitas, sabe, no entanto, quais são os processos benquistos da moderna ficção fenomenologista e se insiste na narração de modelo bíblico e no conto de serão, com certas dedadas de actualidade, é porque estas suas «estórias» são, sem embargo das acusações nelas implícitas, genuinamente lúdicas. É o mundo dos outros filtrado, com permanente gozo estético, por uma sensibilidade autêntica e profundamente fraternal. E isso, longe de se me afigurar demérito, aparece-me como virtude de homem e de escritor. Eis como um livro tão voluntàriamente localizado, fruto e expressão da experiência tão aderente de simpatia, que permitiu a Bento da Cruz erguer a sua galeria de homens e bichos, e, ás vezes, de homens-bichos, assim alcança a sua ampla universalidade. ■

Nas centrais:

«MUDAR A VIDA»
último capítulo
do mais recente
livro de
Simone de Beauvoir
«LA VIEILESSE»

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

N.º 600

19 ● FEVEREIRO ● 1970

VEJAMOS, em primeiro lugar, quais as relações entre o título deste livro (1) e o seu conteúdo. Teatro e vanguarda — ou seja, o teatro estudado nas suas modulações com a vanguarda ou o estudo do teatro de vanguarda? E, neste caso, que vanguarda?

TEATRO E (QUE) VANGUARDA

VEJAMOS, em primeiro lugar, quais as relações entre o título deste livro (1) e o seu conteúdo. Teatro e vanguarda — ou seja, o teatro estudado nas suas modulações com a vanguarda ou o estudo do teatro de vanguarda? E, neste caso, que vanguarda?

Uma análise do respectivo conteúdo talvez nos ajude a compreender as intenções dos seus coordenadores. Eis os textos incluídos nesta antologia: «O carácter popular da arte realista» (Bertold Brecht); «Brecht: vocação e provocação ideológicas» (Michel Habart); «O que é o teatro épico» (Walter Benjamim); «O teatro épico de Brecht como crítica da vida quotidiana» (Henri Lefebvre); «Piscator fala-nos de teatro»; «Brecht e Artaud» (Guy Scarpetta); «Será a utilização de um modelo um entrave à liberdade do artista?» (texto colectivo redigido pelos técnicos do Berliner Ensemble); «De Brecht ao Living» (José Monleon); «Living» (M. Sys); «Para um teatro pobre» (Jerzy Grotowski); «História e Metafísica em Grotowski e no Living Theatre» (Roger Planchon); «A vanguarda em suspenso» (Bernard Dort); «O teatro de guerrilha» (R. G. Davis).

O simples enunciado destes títulos ilustra com eloquência o pensamento que presidiu à organização do volume e evidencia o desfasamento entre o título e o conteúdo.

Pela quantidade e pela importância dos textos, Brecht ocupa aqui o principal lugar (91 páginas em 179). Pela minha parte, não vejo nisso nenhum inconveniente, pois é nele que encontramos as mais estimulantes possibilidades de um autêntico teatro de vanguarda. É certo que os adeptos do chamado teatro de absurdo (com Beckett, Ionesco, Pinter, Mrozeck, para não falar dos americanos, para não recuar até ao polaco Witzwiecz) ficarão um tanto perplexos e não aceitarão, possivelmente, a vanguarda aqui proposta.

Eu diria que o título é infeliz (embora com boa carga publicitária) mas que o conteúdo tem indiscutível interesse na medida em que divulga alguns textos importantes sobre o teatro contemporâneo (entre nós conhecidos por uma minoria de leitores de revistas francesas e espanholas). É certo que nem todos os ensaios têm igual nível: alguns parecem-me excessivamente circunstanciais; é certo que o volume é desequilibrado; é certo que é bastante incompleto (mesmo admitindo que nunca poderia ser completo). Contudo, o que nele me parece mais criticável é a ausência de um texto preliminar, em que os coordenadores guiassem os leitores através das aventuras do teatro contemporâneo que se reflectem nos textos antologiados.

Parece-me ter havido a exclusiva preocupação de misturar uma dúzia de textos com mais ou menos interesse tocando assuntos mais ou menos candentes.

Por isso, a organização deste volume releva mais de um carácter comercial do que de uma intenção pedagógica. E foi pena, porque os textos aqui reunidos, com outros que os completassem dentro do possível, poderiam ter proporcionado uma visão esclarecedora do caminho, muitas vezes fascinante, percorrido pelo teatro dos nossos dias. Já não me refiro à desactualização em relação a certos movimentos mais recentes, embora não possa deixar de lamentar a ausência de um texto sobre o «happening» (no entanto, a inclusão do ensaio de R. G. Davis constitui uma achega importante).

Dos textos incluídos no «Teatro e Vanguarda», dois parecem-me fundamentais: «O que é o teatro épico», extraído da obra de Walter Benjamim, «Essais sur Bertold Brecht», recentemente editada pela «Maspéro», e «Brecht e Artaud», de Guy Scarpetta, extraído da «Nouvelle Critique».

O título deste último artigo situa com exactidão as coordenadas do teatro contemporâneo, aquelas em que se deveria inscrever este volume. De facto, por mais voltas que demos, é a esses dois teóricos que vamos parar sempre que nos debruçamos sobre o que de mais sério, mais duradouro e mais actuante se tem feito em teatro neste século. Há, talvez, um ponto de convergência, embora fortuito e provisório, que poderia, talvez, resolver as contradições levantadas pelos dois *sistemas*: o «Marat-Sade», de Weiss, e o espectáculo criado por Peter Brook, com um texto colectivo «US». A discussão deste problema, no entanto, levar-nos-ia para muito longe deste volume, que, apesar das limitações apontadas, não queremos deixar de recomendar.

CARLOS PORTO

(1) «Teatro e Vanguarda» — Col. Perspectivas, ed. Presença.

Oferta excepcional

15 VOLUMES À ESCOLHA, ENCADERNADOS EM BALACUIR PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50

Entrega das obras contra o primeiro pagamento

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG

e mais de uma centena de autores — cerca de 300 volumes — constam de uma lista que remeteremos a quem a solicitar à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Recortar este cupão e remeter a

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 21
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....
Morada .....
.....

António Ramos Rosa

Cont. da pág. 1

Sendo apenas o *ser nada* que *inexiste*, o poeta afronta sem medo a terrível experiência de *não ser* que é o percurso da *escrita*: enquanto escrevo não sou». Tudo se apaga num clarão total para que tudo se torne possível: «E nada tenho / e nada sou que escrevo. E nada espero / de quanto espero» (33).

Entramos aqui na dialéctica de toda a experiência mística (seja ela *ateológica* como acontece em Ramos Rosa): o sujeito que é nada reduz-se a nada ser, perde-se, aniquila-se, destrói-se: perder-me mais para te encontrar» (22), «cegar-me a ti» (22), porque cego através dele vejo» (26). Perder é ganhar: é pelo menos ganhar a sede de continuar a perder, de persistir no movimento insensato da escrita: O meu desejo / só o saberei no sabor / das palavras com que o persigo / e o vou perdendo...» (36).

O erro da escrita é a única verdade possível: escrever é errar para saber: «caminho e ardo de secura, errante» (14). Escrever é pôr em exercício um grande e animal olhar, feito de uma cegueira que é toda ela disponibilidade e expectativa. E aqui se liga o livro de Ramos Rosa aos seus livros anteriores, e a uma clara influência de Rilke.

A experiência assim definida é uma tensão quase intolerável: corda tensa bem viva / para que acto prestes?» (27). Daí a frequência de verbos como pulsar», «bater», «palpitar», e, por vezes (mas com uma conotação mais tranquila) «ondular» e «flutuar». Todos estes termos exprimem um movimento de vaivém, a oscilação que é aqui o elemento predominante. A experiência deverá caracterizar-se como a transformação de uma respiração ofegante (palpitações, pulsações, aceleração do bater do coração), provocada pelo acto de correr ao acaso, à deriva, numa respiração calma que se associa a um caminhar em frente no interior de uma imobilidade irradiante. Esta transformação é ainda a mudança na *tensão em jogo*, que se processa através de um *jogo da atenção* (24). Mas «é um jogo? Ainda não...» (23).

Temos aqui que observar duas coisas. Em primeiro lugar, a experiência é uma experiência no tempo, e por isso o tempo parece a cada instante poder anunciar o seu fim. A ameaça envolve a experiência, cicia-lhe incansàvelmente a verdade da sua finitude: «Corro ao longo do muro raso / *antes que o sol se apague*» (49). Ou então: Eu quero beber a água deste dia / *antes da noite*» (52).

Mas o perigo que suscita a tensão da experiência, e por isso a intensifica, não é o de um outro tempo, porque nela todos os tempos se confundem, mas a de *um tempo outro*, que será o da morte, o da ausência absoluta de um qualquer tempo.

Porque, *no interior da experiência*, não há princípio ou fim, começo ou termo: tudo é recomeço, tudo é retorno, mas eterno enquanto tempo que circula numa verde e imensa e imóvel e incessante roda. O admirável poema que se intitula «A construção do corpo» inicia-se precisamente por estes versos significativos: «Sempre a tentativa nunca vã...» (75). E mais adiante podemos ler: «Não houve antes nem haverá depois. / Quando se inicia, se sopra a sombra, é uma / absoluta rosa que principia sempre». O tempo da experiência é o do princípio que sempre recomeça. O tempo *exterior à experiência* é apenas o não-tempo da morte que a acelera e a incendeia: é preciso tudo viver antes da noite imensa onde a vida se apaga.

Por várias vezes o poeta procura referenciar *o exterior da experiência*, o não-tempo que a envolve, a mudez inominável da origem: A terra nasce, / a terra gira no silêncio, o olhar morre. / Voltar à fonte, ao nulo centro, / refluir à vaga fria e dura, / ao extenso campo do abandono errado, / ao rés da terra, ao sono animal, / ao largo ouvido murmurante e escuro» (13). Ou ainda: «A terra é um corpo cego na luz, um tronco / sem braços, uma cintura informe» (14). O corpo é um «corpo de cal», tronco obscuro e mutilado, «sem pálpebras», coberto de lágrimas sem memória, cuja longa cabeça está «suspensa sobre o ovo do silêncio» (77). É o reino primitivo da opacidade e da carência.

A experiência do que está para aquém de toda a experiência dizível é a da necessidade: a fome primeira, a sede primeira, o vazio da mutilação, o «sono animal» (15), o «centro vazio» (28).

Mas, no monótono interior do universo da privação alguma coisa estremece, e é diferença: «Uma diferença treme no vazio» (30). É um rastro: sinal primeiro do que sempre já aconteceu. Mas nele se anuncia a face que irá rasgar a sombra, o corpo novo que é preciso construir.

Quando o poeta nos falou da «interminável suspensão», acrescentou imediatamente: «Mas a transparência existe» (52). O que nos interessa aqui é encontrar o processo de passagem, os primeiros sinais do movimento: um rastro, uma pégada, um sopro. «Um movimento como um sopro» (25). Índice simultâneamente real e irreal: «Objecto do olhar / irreal porque me absorve / até à fixidez da vertigem / Real se o movimento / donde nasceu me faz mover / as palavras com que o transporto.» Assim acontece a passagem como *processo de escrita*: o movimento inicial põe em movimento as próprias palavras que o produzem. A circularidade recomeça, a roda acelera-se, a corda está cada vez mais tensa, a rede aperta-se. É a transparência que se move / o chão do sopro» (26). Ela existe, a transparência, há um sopro que o diz, há uma palavra que desperta, se ergue e o anuncia.

EDUARDO PRADO COELHO

O TEATRO DE 0 a 5

	AB	CP	FM	JB	JSM	MM	MA	MHDN	ON	UTR
A Relíquia (Eça de Queiroz)	3	3	3	—	3	4	4	4	3	3

TEATRO MARIA MATOS

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AB (**Alexandre Babo**, Jornal de Notícias); CP (**Carlos Porto**, Diário de Lisboa e Notícia); FM (**Fernando Midões**, Rádio & Televisão); JB (**Joaquim Benite**, Impacto); JSM (**Jorge da Silva Melo**, Jornal de Letras e Artes); MM (**Manuel Magro**, Diário Popular); MA (**Manuela de Azevedo**, Diário de Notícias); MHDM (**Maria Helena Dá Mesquita**, A Capital); ON (**Orlando Neves**, Republica e Sul-Expresso); UTR (**Urbano Tavares Rodrigues**, O Século e Seara Nova).

CENÁRIO ILUSÓRIO

por Rocha de Sousa

COM O MAIOR RIGOR selectivo e uma projecção didáctica de grande importância, a Galeria S. Mamede retomou o seu programa em 1970 com uma exposição de desenhos do escultor José Rodrigues. Para além do valor comercial que as obras possuem num eventual contexto de mercado coberto pela galeria o seu papel no domínio da proposta plástica não foi, mais uma vez, ignorado. Desde a sua apresentação extremamente cuidada às características do catálogo, que documenta o que é fundamental na presente expressão gráfica de José Rodrigues e a aprecia pela intervenção crítica de Fernando Pernes tudo é medido num plano de grande exigência.

DESCRIÇÃO DOS OBJECTOS

Os materiais: o autor tomou por óptimos um suporte de papel, regularmente repetido nas séries expostas, os lápis de diferentes qualidades e o guacho ou tinta equivalente

Os instrumentos: a mão foi o principal instrumento utilizado, presente de uma forma particular no manejo dos materiais. O lápis foi simultâneamente material e instrumento, usado com uma nítida consciência destas suas propriedades e redescoberto para uma realidade gráfica ao mesmo tempo clássica e novíssima. O esfuminho ou seu equivalente reaparece na qualidade de instrumento capaz de se redignificar, operático e eficaz, de súbito liberto de uma utilização alienada que o prostituiu ao serviço de absurdas imitações das aparências da realidade.

Organização: a aplicação dos materiais líquidos foi operada pelos processos convencionais, em tintas planas e sumárias No suporte de papel, as linhas puras, assumidas no seu pleno rendimento de expressividade e de contensão, associaram-se a manchas regulares ou esbatidas conseguidas pela utilização conscienciosa dos materiais e dos instrumentos referidos. As formas obtidas, dadas pelo branco sobejante do papel ou por silhuetas rigorosamente recortadas nele, referem vários tipos de representação que decorre de um universo figurativo apoiado no real e na sua transposição programada. Há nele a verificação do mundo urbano pelo lado das suas construções e das pessoas que anònimamente o habitam. A isso se sobrepõe o retrato gràficamente fiel de elementos particulares, sucintos e solitários, como frutos, pedras, chaves, fios, restos de outras aparências identificáveis mas que se propõem à visão pela ambiguidade das suas relações no espaço, pela sua decomposição e análise, pela natureza dos seus contornos e da sua presença transposta, pela sua carga poética, enfim. A limpeza do exercício, a ausência de excessos, são naturalmente uma constante desta linguagem. A recente aqui para enquatécnica académica apadrar uma problemática actual.

REFERÊNCIA HISTÓRICA

A referência histórica da evolução da obra de José Rodrigues é a que consta do catálogo, numa interpretação crítica de Fernando Pernes:

Em função dos esquemas da escultura tradicional, o desenho foi esboço e «maquette», estudo de volumes que, no claro-escuro, se verificavam e propunham. E isso o desenho teria sido na fase inicial de José Rodrigues, escultor de denso antropomorfismo, poderoso e enfático, a seguir distendido em formas lineares, no reconhecimento de espaços interiores, numa preocupação essencial de moldar o vazio. Então também os seus desenhos se alteraram de significado, quer uma metamorfose figurativa onde os rostos e corpos alongados substituiram a evocação de Maillol pela dum Modigliani, quer na vinculação a sinais de escrita expressionista aproximada do desespero informal (...) Primeiro escultor do sensual, José Rodrigues vai ser depois escultor do erótico. A passagem entre os dois estágios corre através dos seus desenhos, passados da redundância do volume a puros ritmos lineares. Os valores espaciais sobrepõem-se a um sentido confessional lentamente abandonado, conjugam-se por folhas e folhas de memória e formas, agora essas surgindo na organização de signos caligráficos ou da espontaneidade dum gesto que grava sulcos duma angústia e duma violência interiorista, a objectivarem-se; a abstractizarem-se, portanto.

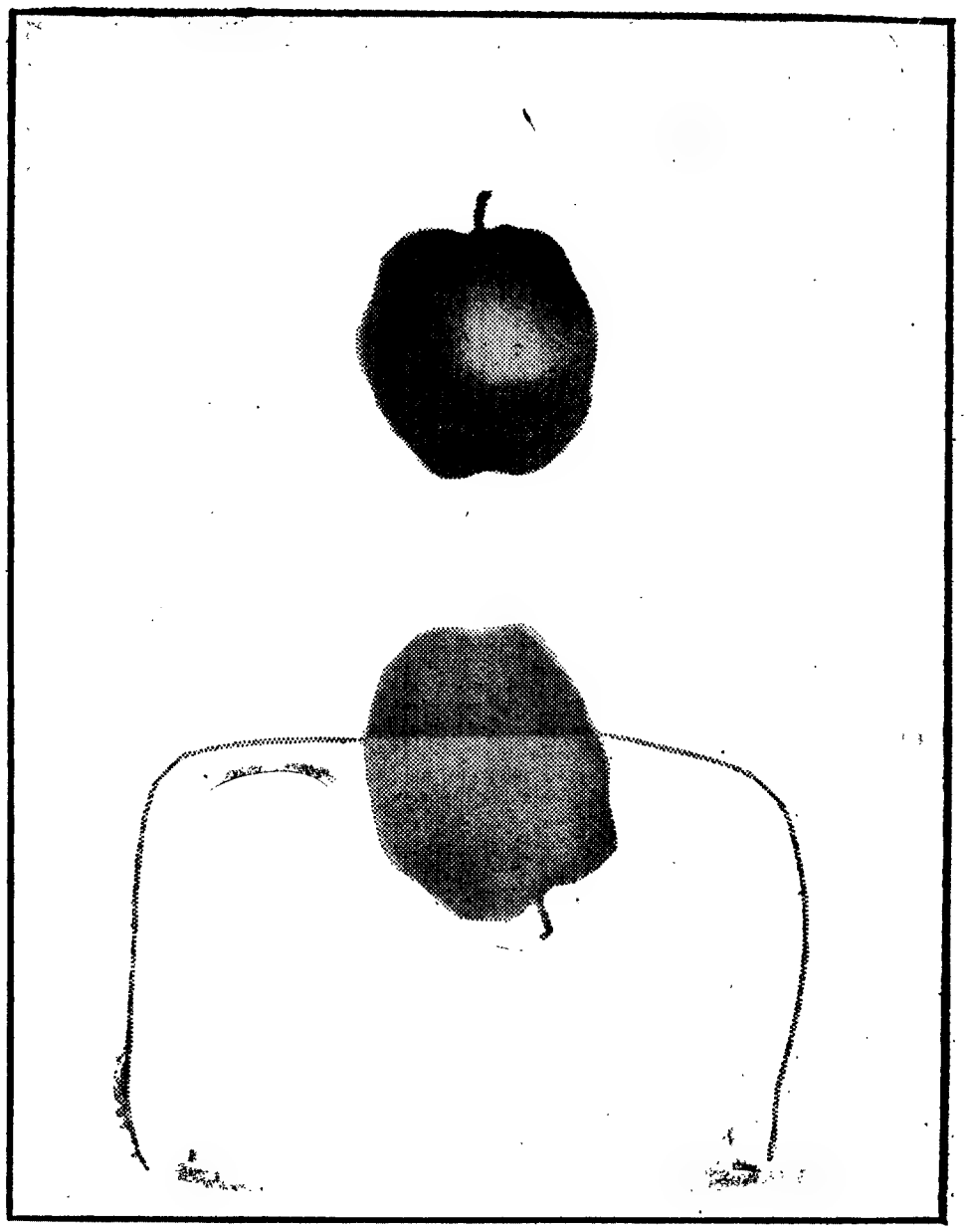
JOSÉ RODRIGUES
Galeria S. Mamede

ESQUEMA DE LEITURA

Uma interpretação à letra dos actuais desenhos de José Rodrigues poderá conter a maior parte dos seus ingredientes de expressão e a realidade técnica dos problemas neles abordados. A realidade reaparece com maior evidência como objecto da sua pesquisa, mas não no domínio do seu apelo sensorial ou da sua consistência ilusória. O universo urbano que se traduz pela memória das pessoas solitárias ou ficticiamente organizadas em grupo, que se representa no perfil de uma cidade-horizonte ou dos seus elementos mais íntimos, é enfim pretexto para umas verificações que comprometem o espectador na urgência crítica, isto é: numa reflexão criativa em torno da sua capacidade visual. Esta questão relaciona-se com os anteriores desenhos de José Rodrigues, em que as formas abstractas, de leitura ambígua, propunham irremediàvelmente a mobilidade do olhar e se tornavam abertas à percepção, refazendo-a à partida. O mesmo se poderá dizer para as suas esculturas lineares ou planas, muitas vezes carregadas de uma memória erótica ainda muito viva e poèticamente indispensável, que desdobravam espaços contraditórios e substituíam o peso das massas pela evanescente definição de contornos ou pelo contraponto do negativo e positivo das formas consequentes.

A actual figuração proposta por José Rodrigues é, no entanto muito mais rica de implicações porque envolve uma maior consciência dos problemas tratados, porque irònicamente reassume uma técnica desusada, porque estabelece com maior clareza as relações entre realidade e percepção, porque, em suma, propõe uma dimensão poética mais densa e onde a absurdidade das imagens se casa intimamente com o manejo dos dados expressivos. Viajando por zonas obscuras do subconsciente, o autor emerge para a realidade com uma visão enriquecida. Ou seja: descobre que o mundo das aparências, que no fundo nunca abandonou por completo, acusa relações surpreendentes e insuspeitadas. E que os simples objectos que nele nos são imediatos e breves na definição se multiplicam em novos significados — pela representação da sua aparência textural, do seu contorno, silhueta ou ausência, pela sua colocação no espaço, pela sombra que provocam num plano imaginário e que metafòricamente se objectualiza, pela desmontagem, enfim, das suas partes possíveis, tão evidentes e signficantes como tudo o que imediatamente se vê, isto é, se relaciona e se julga. Numa dimensão metafísica, esses objectos e o mundo que eles formam ou em que repousam, retratados ou desmentidos, aproximam-nos de Magritte, a sua propriedade é redescoberta por uma linha de rigor obsessiva e indispensável através da qual a linguagem se apropria da realidade e a supera.

Ilusória cenografia, como lhe chamou Fernando Pernes, os desenhos de José Rodrigues transformam uma representação densa, perspectivada e sólida na coerência das suas proporções, numa realidade linear e vice-versa. O que é fugaz e aèreamente definível pode resultar tão consistente como um troço de parede, mas a opacidade das coisas fingidas na superfície nega-se a breve trecho em favor de uma realidade outra, que é ao mesmo tempo a que vivemos, a que vemos, a que sonhamos e a que sabemos existir de facto. Mas que absurdamente nos escapa, num processo de aparecimento e desaparecimento que a obra de arte reflecte e nos lega ao olhar em partes deformadas, destroços de sensações e de angústias. A realidade envolvente habita, em José Rodrigues, as formas do seu mundo subjectivo, nele se reabastece e transforma, vertida depois poèticamente para a realidade gráfica. Então aí se ironiza e mitifica, aí se desmente e se refaz, aí se contradiz e se corporaliza. Aí se reconstrói, em suma, reconstruindo a nossa visão, portanto a nossa consciência das coisas e dos seres, do nosso medo e da nossa esperança.



Desenho de José Rodrigues

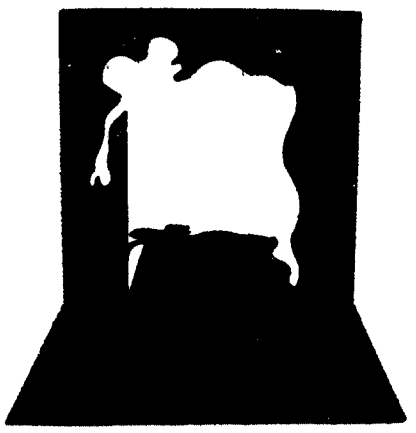
AUTORES de HOJE

José Rodrigues

JOSÉ RODRIGUES nasceu em Luanda em 1936. É diplomado em escultura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde desempenha as funções de segundo assistente desde 1963. Realizou uma visita de estudo a Inglaterra, a convite da Fundação Calouste Gulbenkian, e viajou pelo estrangeiro. Obteve em 1959 e em 1960 o Prémio Teixeira Lopes. Trabalhou em cenografia e em ilustração.

Está representado no Museu de Amarante, Museu de Arte Contemporânea de S. Paulo, Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian e em várias colecções particulares no País e no estrangeiro.

A obra de José Rodrigues, que inicialmente se afirmou por uma densa realidade expressionista, sensual e matérica, ganhou depois a consciência dos ritmos lineares e das superfícies planas, definindo espaços interiores e formas contraditórias que englobavam a noção do lúdico e enriqueciam o exercício da percepção. A sua produção gráfica, muito própria e autónoma à sua maneira, tem com frequência iluminado de forma pertinente e didáctica a realidade escultórica sem abdicar de uma feição poética de grande limpidez.



Pessoa no Rio Grande do Sul

Hoje abrimos com Pessoa: chegou-nos ás mãos o recente n.º 15 do «Boletim do Gabinete Português de Leitura», de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, que é dedicado ao homem do «Orpheu». Expliquemos desde já não se tratar de uma recolha para gaúcho ver. Ao longo de 160 páginas distribuem-se quatro estudos de Alfredo Pradelino da Rosa («Uma interpretação de F. P.»), Teresa Amado («Sinceridade e **fingimento** em F. P.»), Maria Vitalina Leal de Matos («A inquietação — um motivo fundamental de vivência do tempo em F. P.») e Georg Rudolf Lind («A iniciação do poeta e o seu caminho alquímico»), e o menos que se pode dizer é que abordam problemas de interesse.

Entre várias circunstâncias curiosas mencionamos a de o G. P. L. ter recorrido a Jacinto do Prado Coelho para o envio das colaborações de Lind e Vitalina de Matos. Teresa Amado, portuguesa e licenciada em Letras por Lisboa, tal como Vitalina de Matos, colabora com a súmula de um curso que deu em Porto Alegre, por convite expresso do G. P. L. Enfim, dos quatro estudiosos só Pradelino da Rosa é brasileiro, mas basta para confirmar o crescente interesse da **Intelligentsia** de além-Atlântico por Fernando Pessoa.

Prontuário da casa

ALEIXO (António) — «Leia a obra de António Aleixo», propõe em Campo de Ourique a jovem Livraria Ler. Referência a «Este livro que vos deixo», ou as obras completas do poeta popular algarvio coligidas por seu filho Vitalino.

BARATA (José Oliveira) — Assina no último número (312, de Janeiro) da «Vértice» um longo artigo intitulado «Dois tópicos para estudar Alexandre O'Neill». O'Neillistas, atenção!

BRAGA (Luís de Almeida) — A S. E. C. publicou-lhe na nova colecção Pensamento Político o volume «Espada ao Sol».

CAVAFY (Constantin) — Ou Kavafis, ou o maior poeta grego deste século (1863-1933), ou a derradeira paixão de Jorge de Sena. Vão sair na Inova os «Noventa e mais quatro poemas de C.», em tradução do professor de Wisconsin. Lá fora muita gente se tem interessado pelo poeta. Casos de E. M. Forster, Marguerite Yourcenar, Georges Cattani, F. M. Pontani, John Mavrogordato. A comprar quando sair.

FONSECA (António Barahona da) — É o tradutor do já aqui anunciado «A infelicidade de me chamar Virgílio», de C. Virgil Gheorghin, edição Bertrand.

HUXLEY (Aldous) — Com Hitchcock e Hollywood figura no último fascículo publicado (quinto do X volume) da Enciclopédia Verbo.

KAVANAUGH (James) — A elfos traduziu-lhe «Adeus á velha Igreja». Colecção Compasso do Tempo, 70$00.

LOPES (Fernão) — Nos escaparates a reedição da antologia das suas crónicas, textos vertidos para português moderno por António José Saraiva. Da 3.ª série de «Os modernos contos portugueses», mesma editora (Portugália), com selecção, prefácio e notas de João Pedro de Andrade, apareceu também nova edição.

MELO (Romeu de) — É o autor de «A evolução humana». Lançamento na periferia, a cargo da Galeria Panorama (Damaia).

OLÍMPIO (Eduardo) — Coordenou o n.º 1 dos cadernos de poesia «Silêncio é que não» (10$00), em que também colaboram Eusébio C. Martins, Maria Filomena Xavier e Stella da Câmara. Correspondência para a Rua S. Pedro Mártir, 42, 2.º, direito, Lisboa-2.

PRELO (Editora) — Uma nova colecção: Política Económica, Economia Política. Abriu agora com «Fim da década, começo de quê?», estudo conjunto de Sérgio Ribeiro, Blasco Hugo Fernandes, Carlos Carvalhas, Manuel Augusto Araújo, J. M. Mata Antunes e Raul Glória.

REIS (Jorge) — Autor (premiado) de «Matai-vos uns aos outros», foi a Bruxelas falar para trabalhadores portugueses. Um grupo de estudantes (idem) criou certa tensão durante o colóquio, a avaliar pelo relato de Júlio Rodrigues no «Jornal Português» de Colónia (n.º 4, segunda quinzena de Janeiro). Eram, no seu dizer, «verdadeiros vândalos».

ROSA (Jorge) — Assina a tradução de «Babi Yar», o romance de Kuznetsov que os Livros do Brasil lançaram há dias. Rosa é funcionário do Instituto Britânico.

SAJER (Guy) — Vamos ler, em edição Bertrand, o seu romance «O soldado esquecido».

Prontuário de fora

AUDEN (W. H.) — Poeta inglês naturalizado americano, chantre socialista dos anos trinta. «City Without Walls», seu último livro, é considerado pela revista «Books and Bookmen» como a melhor obra de poesia publicada em Inglaterra no ano passado.

BECKETT (Samuel) — Michael Robinson analisa-o em «The Long Sonata of the Dead» (Hart-Davies, 65 s.), brevemente nas livrarias de Lisboa.

BRASILLACH (Robert) — Fuzilado por colaboracionismo, «Le Monde» dedicou-lhe duas páginas no seu suplemento literário de 7 do corrente, com colaboração, entre outros, do académico Pierre-Henri Simon. Uma semana depois a polémica acende-se no mesmo suplemento do mesmo jornal, que insere uma carta de Étiemble insurgindo-se nos seguintes termos contra a ideia: «Duas páginas do «Monde des Livres» para Robert Brasillach está bem; mas é demasiado pouco. Apreciaria que lhe dedicassem outras duas, e o mais depressa possível; poderse-ia confiar a redacção aos que feram, no «Je Suis Partout» e noutras folhas nazis, tudo o que ele escreveu a pedir a morte dos gaullistas, dos resistentes de todos os credos, dos judeus e de outros criminosos, seis milhões dos quais, pelo menos, foram muito bem exterminados nos campos hitlerianos mercê dos seus diligentes cuidados.»

CAMON (Ferdinando) — Publicou nas edições Lerici, de Milão, duas recolhas de entrevistas a escritores: «Il mestiere di poeta» (Montale, Ungaretti, Quarimodo, Pasolini, Sanguinetti) e «La moglie del tirano» (Moravia, Bassani, Cassola, Pratolini).

CHRISTIE (Agatha) — Mais um policial: «Hallowe'en Party». Ao preço pouco acessível de 25 xelins — mas o «paperback» não deve tardar.

GARCÍA MÁRQUEZ (Gabriel) — Colombiano, autor de «Cien años de soledad». A este esplêndido romance acaba de ser atribuído o Prémio (francês) do Melhor Livro Estrangeiro de 1969.

ILLYÉS (Gyula) — Acontecimento em Budapeste: o lançamento da sua miscelânea «A barca de Caronte ou os sintomas do envelhecimento» (poemas, meditações, reportagens). Ed. Szépirodalmi.

LAFORGUE (Jules) — As «Poésies Complètes» na Poche, com 60 inéditos. Edição ao cuidado de Pascal Pia.

LORCA (Federico García) — Uma ópera de Louis Sagner utilizando o drama «Mariana Pineda» como libreto foi criada há dias em Marselha, depois de ter obtido em 1966 o prémio de Composição Lírica Príncipe Pedro do Mónaco.

Simone de Beauvoir:

«MUDAR A V

«LA VIEILLESSE» é o título do trabalho que Simone de Beauvoir acaba de apresentar sob a égide da editora Gallimard. Trata-se de uma obra aparentada com o «Deuxième Sexe»: o espírito é o mesmo, o género idêntico, igual a ambição. Sexagenária, Simone de Beauvoir analisa, pelas vias da biologia, da antropologia, da História, da sociologia e da psicologia, o caso (melhor: a condição) da velhice, não recuando perante as confidências mais cruas e servindo-se quer dos testemunhos de alguns grandes nomes da literatura (Mme. de Sévigné, Proust, Léautaud, Swift, Gide, Casanova), quer dos exemplos de velhos casais (Tolstoi e Sophia, Victor Hugo e Juliette), quer ainda dos itinerários dolorosos que foram o envelhecimento de Freud, minado pela doença, ou de Chateaubriand e Lamartine, atacados pelo desespero.

Ensaio a um tempo lúcido e cruel, severo e comovente, «La Vieillesse» é também um apelo à luta — e um código da Arte de Envelhecer. Não por acaso, o livro termina com a frase «changer la vie!», grito magnífico que sintetiza uma longa reflexão temperada pela luta e por uma sempre constante generosidade.

A VELHICE não é uma conclusão necessária da existência humana. Nem representa sequer, como o corpo, aquilo a que Sartre chamou «a necessidade da nossa contingência». Um grande número de animais morrem — os efémeros — depois de se reproduzirem, sem passarem por um estádio degenerativo. Contudo, é uma verdade empírica e universal que, a partir de um certo número de anos, o organismo humano sofre uma involução. O processo é inelutável. Ao cabo de certo tempo, acarreta uma redução das actividades do indivíduo; muitas vezes, uma diminuição das suas faculdades mentais e uma modificação da sua atitude para com o mundo.

A última idade tem sido, por vezes, valorizada, por razões políticas ou sociais. Certos indivíduos — por exemplo, as mulheres na antiga China — nela vieram a encontrar um refugio contra a dureza da condição de adulto. Outros comprazem-se então numa espécie de pessimismo vital: se o querer viver aparece como uma fonte de infelicidade, é lógico que se lhe prefira uma semimorte. Mas a imensa maioria dos homens acolhem a velhice na tristeza ou na revolta. Ela inspira mais repugnancia que a própria morte.

E, com efeito, mais que a morte é a velhice que devemos opor à vida. A velhice é a paródia da vida. A morte transforma a vida em destino; de certa maneira, salva-a, conferindo-lhe a dimensão do absoluto: «Tal como em si mesmo a eternidade finalmente o modifica.» O tempo é abolido por ela. Os últimos dias deste homem que os outros enterram, não têm mais verdade que os outros; a sua existência tornou-se totalidade cujas partes estão todas igualmente presentes, como presa do nada. Victor Hugo, tem, ao mesmo tempo e para sempre, 30 e 80 anos. Mas quando tinha 80 anos, o presente vivido obliterava o passado. Esta supremacia é entristecedora no caso — quase todos os casos — em que o presente é uma degradação ou mesmo um desmentido daquilo que foi. Os acontecimentos antigos, o saber adquirido mantém o seu lugar numa vida extinta: foram. Quando a recordação se esboroa, esfumam-se numa noite amesquinhante: a vida desfaz-se, malha após malha, como um «tricot» gasto, deixando nas mãos dos velhos simples bocados informes de lã. Pior ainda: a indiferença que o atingiu, contesta as suas paixões, as suas convicções, as suas actividades: assim, quando o sr de Charlus arruina, com uma chapelada, o orgulho aristocrático

«Mais que a morte, é a velhice que devemos opor à vida...»

que foi a sua razão de ser, quando Arina Parlovki se reconcilia com um filho odiado. Para que serve ter trabalhado tanto se nos apercebemos, conforme a expressão de Rousseau, de que não valeu a pena, se não damos já valor aos resultados obtidos? O desprezo de Miguel Ângelo pelos seus «fantoches» é angustiante; se o acompanharmos na sua última idade, sentimos tristemente, com ele, a vacuidade dos seus esforços, morto, esses momentos de desencorajamento nada podem contra a grandeza da sua obra. Nem todos os velhos são demissionários. Há muitos que, pelo contrário, se distinguem pela sua teimosia. Mas então tornam-se, muitas vezes, caricaturas de si mesmos. A sua vontade persevera por uma espécie de força de inércia, sem razão ou mesmo contra toda a razão. Começaram por querer com vista a um fim. Agora querem porque quiseram. De uma maneira geral, neles os hábitos, os automatismos, as esclereses, substituem-se ás invenções. Há certa verdade nestas palavras de Faguet (1): «A velhice é uma comédia continua que um homem representa para iludir os outros e se iludir a si próprio e que é cómica, sobretudo, porque ele representa mal.»

A moral prega a serena aceitação dos males que a ciência e a técnica são impotentes para suprimir: a dor, a doença, a velhice. Suportar corajosamente esse mesmo estado que nos diminui seria, pretende ela, uma maneira de nos engrandecer. Na falta de outros

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

VIDA»

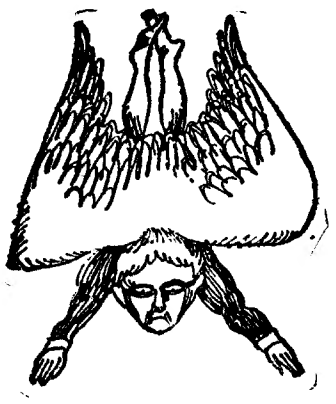
projectos, o homem idoso poderia entregar-se a este. Mas, isso é brincar com as palavras. Os projectos só dizem respeito ás nossas actividades. Suportar a idade não é uma actividade. Crescer, amadurecer, envelhecer, morrer: a passagem do tempo é uma fatalidade.

Para que a velhice não seja uma mesquinha paródia da nossa existência anterior, só há uma solução: continuar a prosseguir fins que dão sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, colectividades, causas, trabalho social ou político, intelectual criador. Contrariamente ao que aconselham os moralistas, o que é necessário é desejar conservar, na idade velha, paixões bastante fortes para que nos evitem que façamos um exame a nós mesmos. A vida mantém o seu valor desde que o concedamos á vida dos outros, por meio do amor, da amizade, da indignação, da compaixão. Então permanecem razões de agir ou de falar. Aconselha-se muitas vezes às pessoas que «preparem» a sua velhice. Mas, se se tratar apenas de pôr dinheiro de lado, de escolher o local da sua reforma, de arranjar «hobbies», não se estará muito adiantado, quando chegar o dia. Vale mais não pensar de mais nisso, mas viver uma vida de homem bastante cheia, bastante justificada para que se continue a aderir a ela, mesmo quando todas as ilusões estão perdidas e o ardor vital arrefecer.

Mas estas possibilidades só a alguns privilegiados são concedidas: é na última idade que o abismo se cava mais profundamente entre estes e a imensa maioria dos homens. Comparando-os, poderemos responder à pergunta feita no princípio deste livro: que há de inelutável no declínio dos indivíduos? Em que medida a sociedade é responsável por esse declínio?

Já o vimos: a idade em que começa a decadência senil dependeu sempre da classe a que se pertence.

(Cont. na pág. 7)



Soneto da espera

por Alexandre O'Neill

Que bem conheço a espera e o seu lanço!
Ao princípio é cadeira de balanço,
uísqui, livro, fumo azul no ar.
É a espera projecto de esperar.

Um denterrato rói esse tabique
e sobre o tempo-antes uma fresta
se abre-fecha para maior abrir-se.
O tempo-agora já se desespessa

e o tempo-antes cresce. Qual balanço,
uísqui, livro, fumo azul — a espera!
Adulterado tempo-agora, avanço
da paixão em demência que acelera

por ilusório tempo: o de abolir,
contigo hoje, o antes e o porvir.

UM ANO DE A. I. C. A. OU O FOLHETIM EM FORMA DE RELATÓRIO

Folhetim artístico de José-Augusto França

CREIO que as sociedades anónimas têm que publicar o relatório da sua direcção — e mais ainda o deverão fazer as sociedades que dão ao manifesto os nomes de quem as compõe. A Association Internationale des Critiques d'Art é uma sociedade o mais possível nominativa, e a sua secção portuguesa fez agora um ano real. Outros fará, sem dúvida, e, provàvelmente, melhores, mas desde já se impôs um relatório narrativo da direcção que neste primeiro período, algo provisório, assumi.

Nada de confidencial nele, mas coisas que importa dar a conhecer, pela responsabilidade cultural que lhes cabe. Daí o eu abusar do direito de folhetinista e fazer do dito relatório folhetim. Assim:

«CUMPRINDO o regulamento da secção portuguesa da A. I. C. A., apresento o relatório da direcção do ano de 1969, primeiro da actividade da secção.

«Com efeito, fundada em ano indeterminado e colocada (como ainda hoje se encontra) sob a presidência honorária do prof. Reynaldo dos Santos, a secção portuguesa foi constituída pelos drs. Adriano de Gusmão e Armando Vieira Santos, escultor Diogo de Macedo, ao tempo director do Museu de Arte Contemporânea, e prof. Luís Reis Santos, que assumiu, sem eleição, a presidência. Nenhuma actividade teve este grupo, dela não havendo traço nos serviços centrais da A. I. C. A. nem quaisquer actos de reuniões em Lisboa. O falecimento do prof. Reis Santos, em 1966, veio chamar a atenção do presidente-geral da A. I. C. A. para a situação irregular do grupo português, e pretendeu ele fazê-lo reestruturar, escrevendo, para o efeito, e por minha indicação, a um dos membros nacionais. Não surtindo efeito a diligência, durante cerca de um ano, e atendendo ao interesse que podia representar para a cultura portuguesa a organização e a actividade de uma secção local da A. I. C. A., acedi em transitar da secção francesa, de que fazia parte, por razões profissionais e por nunca ter sido convidado para a secção portuguesa, para esta última, o que fiz em Dezembro de 1968, dando, assim, satisfação à sugestão do presidente-geral.

«Com os dois membros que restavam da secção, os drs. Adriano de Gusmão e A. Vieira Santos, acordámos em convidar imediatamente para esta os quatro autores distinguidos pelos prémios de Crítica de Arte da Fundação Gulbenkian: Fernando Pernes, arquitectos Mário de Oliveira e Nuno Portas e dr. Rui Mário Gonçalves. Reunida a assembleia geral, procedeu-se à eleição de um presidente, o que me favoreceu pessoalmente, com três votos (de F. Pernes, N. Portas e R. M. Gonçalves; aos quais veio juntar-se, apenas com efeito moral, o de M. Oliveira, então ausente) contra um (de A. Vieira Santos) para A. de Gusmão — tendo este e eu próprio marcado abstenções.

«Imediatamente considerei provisório o exercício do cargo, que deveria acumular com os de secretário e de tesoureiro durante um primeiro ano de actividade, em que, sobretudo, importava estruturar a secção e firmá-la no quadro da vida artística nacional. Isso, ou parte disso, creio ter feito.

«OBJECTIVAMENTE, passo a enumerar factos, diligências e resultados ocorridos ou obtidos durante o período em questão:

«Regularizou-se a situação da secção portuguesa junto da A. I. C. A. internacional, com troca de correspondência, pagamentos de quotizações, votação na assembleia geral, etc.

«Realizaram-se 11 reuniões, de que redigi 31 páginas de actas. Escreveram-se 57 cartas a várias entidades nacionais e estrangeiras.

«Redigiu-se e votou-se um regulamento que, a partir da presente sessão, inclusive, passa a reger as actividades internas da secção.

«Obteve-se, em 1969, um subsídio de 3 000$00 (e para 1970 outro, de 5 000$00) para despesas de expediente, de International Association for Cultural Freedom, e um subsídio de 13 000$00 da Fundação C. Gulbenkian, para um delegado português (no caso o presidente) assistir ao congresso da A. I. C. A. nas três capitais dos países escandinavos, em Agosto de 1969.

«Obteve-se, dos Ministérios da Educação Nacional e das Finanças, entrada gratuita nos museus, monumentos e palácios deles dependentes, para todos os membros nacionais e estrangeiros da A. I. C. A.

«Foi-se convidado pela Fundação C. Gulbenkian a participar na comissão organizadora de uma grande exposição de arte portuguesa, em estudo (tendo nesse trabalho redigido uma proposta estrutural); no júri da medalha comemorativa da inauguração das instalações; na comissão de bolsas de estudo de pintura.

«Interveio-se, em representação dos membros do júri societários, junto do Banco Português do Atlântico, aquando da organização da sua exposição, em Maio de 1969.

«Assumiu-se a responsabilidade técnica e intelectual do Prémio SOQUIL, de atribuição anual, tornado prémio da crítica de arte portuguesa.

«Criou-se, na revista «Arquitectura», um suplemento de Artes Plásticas, de que foi pessoalmente encarregado o presidente da secção, e que constitui, pràticamente, um boletim da A. I. C. A. portuguesa, facto raríssimo nas outras secções nacionais, que foi especialmente apreciado no Congresso da Escandinávia.

«Obtiveram-se da «Cooperativa Gravura» as necessárias facilidades para na sua sede ser recebido o correio da secção.

«Estabeleceram-se relações de trabalho com a S. N. B. A., com nomeação de um delegado junto desta instituição.

«Endereçaram-se à Fundação C. Gulbenkian, em Abril de 1969, propostas para a criação de um «Instituto Gulbenkian de Arte», de um «Gabinete de Intercâmbio Internacional», de «Arquivos Gerais de Arte Contemporânea», de um «Serviço Educacional» (com um corpo de monitores e programas de conferências); e para a realização, em Lisboa, em 1972, do Congresso Internacional da A. I. C. A.

«Assumiu-se a realização de um inquérito internacional às Fundações artísticas, de que o presidente foi encarregado, pessoalmente, pelo prof. R. Berger, presidente-geral da A. I. C. A.

«Recebeu-se em Lisboa, quando aqui vieram convidados pela Fundação C. Gulbenkian, para inauguração das suas instalações, o presidente R. Berger, o secretário-geral T. Spiteris e o presidente honorário R. Cogniat, com os quais o presidente, os dois membros F. Pernes e dr. R. M. Gonçalves, e o pintor F. Azevedo, como delegado do serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian, tiveram uma sessão de trabalho.

«Finalmente, votou-se a entrada de mais os seguintes autores que nesta assembleia vão ser regularmente admitidos: arquitecto Carlos Duarte, Ernesto de Sousa, Francisco Bronze, arquitecto Pedro Vieira de Almeida e dr.ª Salette Tavares, o que eleva para doze o número dos membros da secção.

«A caixa apresenta um saldo positivo de esc. 720$00, conforme contas apensas a este relatório.

«RESTA-ME agradecer a colaboração dada por alguns dos membros da secção, quanto mais não fosse pela sua exemplar assiduidade às reuniões. Menciono, assim, o dr. A. Vieira Santos, F. Pernes e dr. R. M. Gonçalves.

«Terminando, declaro não ser candidato à renovação do meu mandato presidencial, só a aceitando se isso for considerado pelos meus colegas como indispensável, neste momento para a vida da secção portuguesa da A. I. C. A.»

até um miope vê AS VANTAGENS

QUE TORRALTA OFERECE

Os Títulos de Ocupação da TORRALTA garantem de rendimento 8 a 12 %.

TORRALTA

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS

Av. Duque de Loulé, 66-A - LISBOA

Telefs. 5 17 48 - 55 56 81 - 5 44 79 - 4 21 39

PRAIA DE ALVOR — PORTIMÃO

Telefs. 3128 - 3211

3212 - 3251 - 3252

LAGOS • HOTEL GOLFINHO • PRAIA D. ANA

Telefs. 302 - 481 - 482

O CINEMA QUE VEMOS

	AC	APV	DL	EG	JSM	JVP	LA	MML	SS	VST
Os Gloriosos Calhambeques (K. Annakin)	—	—	0	—	—	—	0	0	0	0
O Destino Marca a Hora (H. Campos)	—	0	—	0	—	—	0	0	—	0
A Rebolona (F. Giraldi)	—	—	—	—	—	—	0	0	—	1
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall)	—	—	2	—	—	—	3	2	2	—
Erotíssimo (G. Pires)	—	—	1	—	—	3	3	2	—	3
O Ouro de Mackenna (J. L. Thompson)	—	—	—	0	—	0	0	0	—	0
A Primeira Noite (Mike Nichols)	0	0	1	—	—	1	2	0	0	1
Sweet Charity (Bob Fosse)	2	—	—	—	—	2	4	3	0	3
Hello, Dolly (Gene Kelly)	2	3	2	—	—	—	4	3	—	1
Meias Pretas (Christopher Morahan)	3	—	2	—	—	3	3	2	—	3
Guerra à TV (J.-P. Mocky)	—	—	—	—	—	—	3	2	—	—
Fechem-nas a 7 Chaves (Peter Coe)	—	—	—	—	—	—	3	1	—	—
Dia de Cólera (Carl T. Dreyer)	—	5	5	5	5	—	5	5	5	4
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	3	0	3	—	—	3	3	3	2	3

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AC (**Adelino Cardoso**, Rádio e Televisão); APV (**António Pedro Vasconcelos**, Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes**, ABC Cine Clube de Lisboa); EG (**Eduardo Geada**, A Capital); JSM (**Jorge Silva Melo**, A Capital); JPV (**José Vaz Pereira**, Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (**Lauro António**, D. L. e programa «PBX»); MML (**Manuel Machado da Luz**, Seara Nova e D. L.); SS (**Seixas Santos**, Diário Popular); e VST (**Vítor Silva Tavares**, D. L.).

François Truffaut

(Cont. da pág. 8)

nunca faz cenas, como impede os outros de as fazerem. Durante a rodagem de «Journal d'une Femme de Chambre», havia um actor que teimava em maçar Buñuel com perguntas do género: «*Devo pousar o cigarro dizendo patati, patata?*» Então Jeanne foi ter com ele e disse-lhe baixo: «*Não o maces, deixa-o trabalhar; se se tratar de alguma coisa importante, ele to dirá*». Que realizador não se sentiria comovido?

Além de tudo, Jeanne é a feminilidade absoluta, apesar de ser o oposto da «vamp» que muitos imaginam. Nunca faz «bluff»; lê cinco ou seis livros por semana; não se toma a sério; não pretende ser «coquette»; possui muita lógica e lealdade; em suma, é fácil conviver com ela.

UMA POSIÇÃO «POLÍTICA»

Quanto a mim, nunca reconheci intenções políticas em Fahrenheit 451».

Nunca pensei que fosse a condenação das ditaduras. Há nela uma coisa que aprecio bastante e que corresponde, provàvelmente, às minhas ideias sobre a vida: é a noção de resistência passiva, de uma resistência ardilosa. Proíbe-se que haja livros, ou chega-se mesmo a queimá-los; então, para salvar a cultura, alguns tipos decoram os livros; isto consiste em contornar a lei, e não opor-se-lhe frontalmente; o importante é ganhar, é uma ideia preciosa para mim.

NUNCA VOTO!

Nunca voto. Tento não ter contacto com os organismos oficiais. Um verdadeiro cineasta de esquerda deseja que o cinema esteja dependente do Estado, que a cultura seja subvencionada. Prefiro que os filmes se financiem sòzinhos, sejam rentáveis e evitem o auxílio do Estado. Prefiro o jogo normal do comércio: fabricar um filme e vendê-lo com lucro.

Por outro lado, se o cinema francês tivesse de se nacionalizar um dia, sob qualquer regime, fosse este socialista ou «liberal», como o que temos actualmente, creio que isso seria para mim um motivo suficiente para me ir embora para um país onde o cinema dependesse do sistema capitalista dos gastos e lucros.

Não possuo consciência cívica, nem social, não me interesso senão pelos assocíais; é deles que falo, nos meus filmes.

PRECISAMOS DA SUA IMAGINAÇÃO!

— Se escreve com facilidade e rigor

— Se tem formação universitária

— Responda-nos. Somos uma agência de publicidade à procura de jovens copywriters.

ESCREVA A ESTE JORNAL PARA O N.º 434, TRAÇANDO RÀPIDAMENTE A SUA BIOGRAFIA E DECLARANDO O QUE O LEVA A INTERESSAR-SE PELA PUBLICIDADE

«Mudar a vida»

(Cont. da pág. central)

Hoje um mineiro está acabado aos cinquenta anos, enquanto muitos privilegiados suportam alegremente os seus oitenta anos. Iniciado mais cedo, o declínio do trabalhador será também muito mais rápido. Durante os seus anos de «sobrevivência» o seu corpo arruinado será presa de doenças, enfermidades. Pelo contrário: um velho que teve possibilidades de cuidar da saude, pode conservá-la quase intacta até à morte.

Envelhecidos, os explorados estão condenados, se não à miséria, pelo menos, a uma grande pobreza, a alojamentos incómodos, à solidão, o que lhes causa um sentimento de decadência e uma ansiedade generalizada. Soçombram numa frouxidão que se repercute no organismo; mesmo as doenças que os afectam são, em grande parte, produto do sistema.

Se conserva saude e lucidez, o reformado nem por isso deixa de ser presa do terrível flagelo que é o aborrecimento. Privado da sua mão sobre o mundo, é incapaz de reencontrar outra que a substitua porque, fora do seu trabalho, os «loisirs» eram alienantes. O operário manual nem consegue matar o tempo. A sua morosa ociosidade leva a uma apatia que compromete o que lhe resta de equilíbrio físico e moral.

Os estragos que durante toda a existência sofreu, são mais radicais agora. Se o reformado se sente desesperado pela falta de sentido da sua vida presente é porque o sentido da sua existência lhe foi sempre roubado. Uma lei, tão implacável como a «lei de bronze» permitiu-lhe apenas reproduzir a vida e recusou-lhe a possibilidade de lhe inventar justificações. Quando escapa ás obrigações da profissão, só descobre um deserto à sua volta; não lhe foi dado entregar-se a projectos que teriam passado o mundo de finalidades, valores, razões de ser.

É esse o crime da nossa sociedade. A sua «política de velhice» é escandalosa. Mas mais escandaloso ainda é o tratamento que inflige á maioria dos homens durante a juventude e a maturidade. É ela que prefabrica a condição mutilada e miserável que lhes cabe, na ultima idade. É por sua culpa que a decadência senil começa prematuramente, que ela é rápida, fisicamente dolorosa, moralmente terrivel, porque a abordam de mãos vazias. Indivíduos explorados, alienados, quando a força os abandonam, fàcilmente se convertem em «rebotalho», «detritos».

Eis porque são tão ridiculos os remédios propostos para a angústia dos velhos: nenhum deles poderia reparar a destruição sistemática de que os homens foram vítimas durante toda a sua existência. Mesmo que os tratem, não lhes restituirão a saude. Se lhes constroem residências decentes, não se lhes inventam a cultura, os interesses, as responsabilidades que dariam um sentido à sua vida. Não digo que seja totalmente vão melhorar, agora, a sua condição; mas não traz nenhuma solução para o verdadeiro problema da ultima idade: que deveria ser uma sociedade para que, na velhice, um homem continue a ser um homem?

A resposta é simples: bastaria que tivesse sido sempre tratado como homem. Pela sorte que ela destina aos seus membros inactivos, a sociedade desmascara-se: sempre os considerou como material. Confessa que para ela só o lucro conta e que o seu «humanismo» é de pura fachada. No século XIX, as classes dominantes assimilavam explicitamente o proletariado à barbárie. As lutas operárias conseguiram integrar a humanidade, mas só enquanto produtiva. A sociedade desvia-se dos trabalhadores envelhecidos como se constituissem uma espécie estranha.

Eis porque se enterra a questão num silêncio concentrado. A velhice denuncia a falência de toda a nossa civilização. É o homem por inteiro que devemos refazer, são todas as relações entre os homens que devemos recriar se prevemos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não devia abordar o fim da vida, solitário e com as mãos vazias. Se a cultura não fosse um saber inerte, adquirido uma vez por todos e esquecido depois, se ela fosse prática e viva, se, por ela, o indivíduo tivesse mão sobre o seu ambiente, e se esse domínio se realizasse e se renovasse, no decorrer dos anos, em qualquer idade seria um cidadão activo, útil. Se não estivesse atomizado desde a infância, encerrado e isolado entre outros átomos, se participasse numa vida, nunca conheceria o exílio. Em parte nenhuma, em tempo algum, foram realizadas tais condições. Os países socialistas, embora se aproximem mais dela, que os países capitalistas, ainda estão muito longe.

Na sociedade ideal que acima evoquei, podemos sonhar que a velhice não existiria, por assim dizer. Como acontece em certos casos privilegiados, o indivíduo, secretamente enfraquecido pela idade, mas não aparentemente diminuído, seria um dia afingido por uma doença à qual não resistiria: morreria sem ter sofrido a degradação. A última idade seria realmente conforme com a definição que dela dão certos ideólogos burgueses: num momento da existência diferem da juventude e da maturidade, mas possuindo o seu próprio equilíbrio e deixado aberta ao indivíduo uma larga gama de possibilidades.

Estamos longe disso. A sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que ele lhe serve. Os jovens sabem-no. A sua ansiedade, na altura em que abordam a vida social, é simétrica da angústia dos velhos, no momento em que dela ficam excluídos.

O jovem teme essa máquina que pretende engoli-lo, por vezes tenta defender-se á pedrada; o velho, rejeitado, esgotado, que tem apenas os olhos para chorar. Entre os dois, a máquina gira, trituradora de homens que se deixam triturar, porque nem sequer concebem que possam escapar-lhe. Quando se chega a compreender a condição dos velhos, não podemos contentar-nos com reclamar uma «política da velhice», mais generosa, um aumento das pensões, alojamentos saudáveis, «loisirs» organizados. É todo o sistema que está em jogo e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida.

SIMONE DE BEAUVOIR

(1) Escreveu um pequeno ensaio colérico contra a velhice: «*Les Dix Commandemuts de la vieillesse*».

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

INQUISIÇÃO E CRISTÃOS-NOVOS

QUATRO EDIÇÕES EM MENOS DE 1 ANO

20 000

VINTE MIL EXEMPLARES

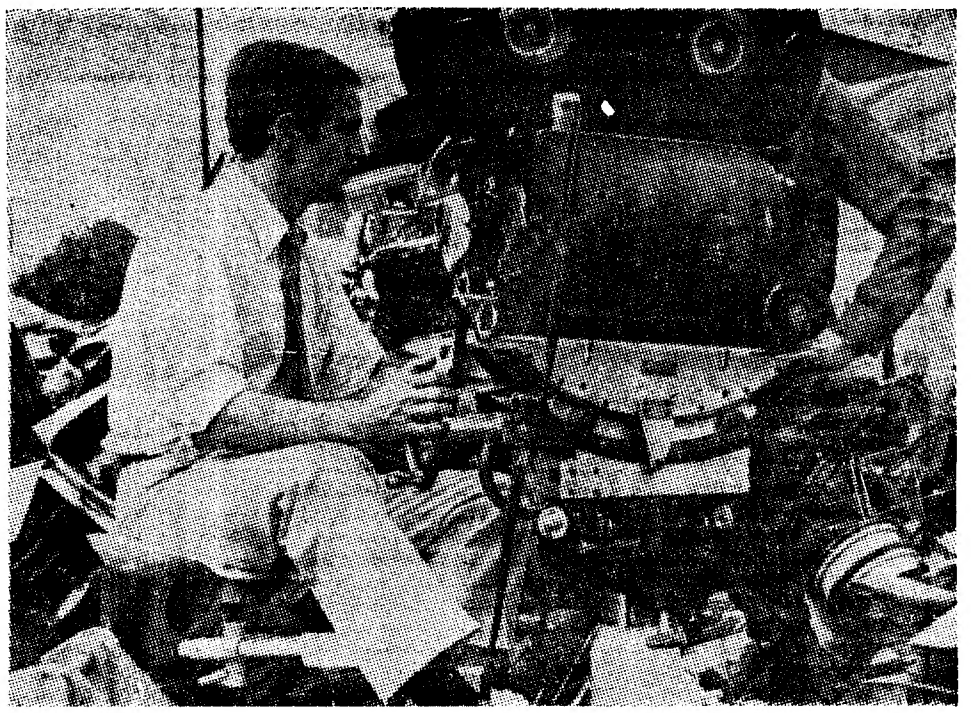
EDITORIAL INOVA LIMITADA

Ponti•lene

O PONTO MÁXIMO EM LÃ/POLIESTER PARA FATOS DE HOMEM

UM TECIDO Pontifice

O CINEMA segundo François Truffaut



ANUNCIA-SE PARA MUITO BREVE a estreia na capital de dois novos filmes de François Truffaut. Trata-se de *Baisers Volès* (Beijos Roubados, 1968) e *La Sirène du Mississipi* (A Sirene do Mississipi, 1969), ambos previstos para o Cinema S. Jorge.

Truffaut é considerado hoje em dia um dos mais importantes cineastas do cinema francês. Vindo da crítica e dos *Cahièrs du Cinema*, deve a sua revelação internacional a um filme autobiográfico, de grande sensibilidade plástica e de indesmentível pudor emocional. *Les Quatre Cents Coups* falam-nos de Paris em fins da década de 50, da sua atmosfera cinzenta e da corrupção de sentimentos.

Daí em diante Truffaut foi construindo uma obra particularmente densa e sugestiva, onde avultam os ambientes burgueses, decompostos com uma lucidez de análise, simultâneamente emocionada e desencantada. Para além disso, Truffaut filma *«personagens em pecado, fracas, sujas, em estado de clandestinidade». Jules et Jim, Angústia* ou *A Noiva Estava de Luto* são marcos indiscutíveis do moderno cinema europeu, um cinema que retém do classicismo a sua linearidade expositiva, sobrecarregado agora com uma sensibilidade apurada e a transparência humana da personalidade de um homem extremamente controverso, tímido, exacerbadamente individualista.

Preparando a estreia das duas películas anunciadas, apresentamos alguns excertos de uma entrevista concedida por Truffaut à revista *Lui* que documenta bem a sua personalidade e o seu cinema.

LAURO ANTÓNIO

UM CINEMA «CLÁSSICO»

Quando «Os Quatrocentos Golpes» foram estreados em Cannes, os críticos mostraram-se surpreendidos por eu ter começado por uma obra tão «clássica», ou «tradicional». Logo a seguir, porém, mostrei bem o género de cinema que ia praticar e que a mudança — se a havia — não incidiria sobre questões formais. Nunca pensei que seria preciso fazer outros filmes; queria fazer os mesmos — melhorando-os.

«Há, efectivamente, alguns filmes que não se assemelham a nada do que anteriormente se fizera: «Citizen Kane», «A Bout de Soufle», «Hiroshima, Mon Amour». Estes são três que revolucionaram o cinema no plano formal. É certo que eu não queria, e não podia fazer algo de semelhante, até porque me integrava perfeitamente no que existia antes. Sou um defensor do cinema tradicional, o que significa que sempre gostei de ver personagens interessantes em situações interessantes, pronunciando um diáologo com sentido, tudo filmado com exactidão mesmo que não seja só isso o cinema.

O SONHO DA MINHA VIDA

No momento em que «peguei na câmara» realizei muito simplesmente o sonho da minha vida. Foi, talvez, isso que me tornou mais maduro; mas nunca me aconteceu sonhar com filmes e a seguir renunciar a fazê-los. Mesmo como crítico, sonhei, seguramente, com os «Quatre Cents Coups», sonhei com o «Pianiste», sonhei com «Jules et Jim», que tinha lido seis anos antes. E estes filmes, sonhei-os tal como os realizei. Apenas tinha medo de não ser capaz de os fazer, mas não os sonhava nem mais belos, nem mais agressivos.

Creio que o meu programa como crítico era extremamente restrito. Escrevia: *«Este filme foi um fracasso, porque não é sincero»*. O que renego dos meus tempos de crítico são certos artigos gerais, nos quais se dizia: *«O filme de amanhã será mais pessoal, será como uma confissão ou um*

François Truffaut: «prefiro trabalhar na terceira pessoa»

diário intimo». É certo que o cinema já lá chegou, mas este programa já não me satisfaz. Um cineasta descobre-se ao realizar um filme e durante o meu trabalho apercebi-me de que não gostava da confissão directa. Digamos que, a despeito de «Quatre Cents Coups» ter sido filmado na primeira pessoa, embora já há doze anos atrás, prefiro trabalhar na terceira pessoa.

UM CINEMA DA «PRIMEIRA PESSOA»

Hoje em dia, o cinema é muito mais variado que há dez anos; nessa época, não era difícil estar de acordo quanto a certos nomes. Agora, o bom cinema está mais espalhado e, a par de um cinema narrativo ao qual permaneço ligado, existe esse cinema na *primeira pessoa* de que falamos a toda a hora, que é defendido pelos jovens redactores dos «Cahiers», e que não é o meu. As posições estão bem definidas dos dois lados e não gostaria de encorajar a menor ambiguidade. Existe um cinema novo e eu não faço parte dele: está bem claro. Quanto à nova vaga, ela foi um fenómeno histórico. Não tinha um programa estético. Continuo a sentir-me solidário com ela, ainda que seja apenas pelo facto de ela continuar a ser bastante atacada, mas quanto ao novo cinema, não lhe pertenço, decididamente, embora ele me interesse, enquanto espectador.

HOLLYWOOD

Perdi bastante da minha admiração pelos realizadores de Hollywood, à excepção de Hitchcock, Hawks e ainda Nicholas Ray, se bem que este já tenha parado de trabalhar. Quanto aos nomes que surgiram entretanto, trata-se de pessoas que subestimei enquanto era crítico, tal como Billy Wilder ou John Ford, ou então de recém-chegados como Arthur Penn. De um modo geral, contudo, sou mais tolerante que a média dos espectadores. Não direi: *«Não gosto de Bergman porque ele conta histórias que não me xo: Não o maces, deixa-o interessam»*. De facto, por mim, não me importo com a existência de Deus, mas o importante é que isso lhe interesse a ele!

TODOS OS DIREITOS

Não peço a ninguém que trabalhe da mesma maneira que eu. Fico irritado quando oico alguém dizer: *«Em cinema, é preciso agir desta ou daquela maneira»*. Isso não é verdade; tem-se o direito de se ser o próprio operador de câmara, ou de se ignorar as leis da óptica; tem-se o direito de falar ou não de si; de fazer 800 planos ou de não fazer senão 100; de se ser o seu próprio cenógrafo ou não; de utilizar vedetas ou desconhecidos; tem-se mesmo, o direito, por fim de não pôr os pés no estúdio; têm-se todos os direitos. Cada afirmação neste domínio é uma maneira velada de dizer: *Sou o único e os outros não existem»*. A beleza de um filme reside na lógica, e é bem evidente que a lógica de um Orson Welles não é a de um Bresson.

«Também é certo que não possuo uma ideia muito restrita do cinema, pois admiro tanto Carl Dreyer como Alfred Hitchcock. Admiro todos os cineastas «interessantes», excepto Antonioni; é a única injustiça que me permito! Evidentemente, sinto-me muito mais à vontade no estilo dos cineastas - cenógrafos, Lubitsch, Renoir, Bunuel, Bergman, Wilder, Rosselini, Hawks, do que nos dos cineastas - plásticos, Eisenstein, Dreyer, Visconti, Orson Welles, Sternberg...

O RISCO DA JUVENTUDE

Há ainda uma regra que estabeleci para mim mesmo: não atacar ninguém mais jovem do que eu. É um sentimento instintivo em mim. Quando era um jovem crítico, «atracava-me» a pessoas mais velhas do que eu, já instaladas na vida. Mas, presentemente, estou instalado na geração intermediária, aos 35 anos, sinto-me incapaz de atacar pessoas que chegaram depois de mim ao cinema. E se eles me atacassem, não responderia. Nunca esqueço uma frase de Bernanos que, eu adorava, no «Journal d'un curé de campagne»: *«Compreendi que a juventude está abençoada, que é um risco a correr e que até esse risco é abençoado»*.

Cocteau impressionou-me porque era incapaz de recusar o seu apoio. O romance mais falhado, o ensaio mais fracassado podiam esperar dele cinco linhas elogiosas ou um prefácio. Creio saber o que esta atitude significava: *«Este rapaz fez alguma coisa, pouco importa que seja boa ou má, arriscou-se, expôs-se, portanto estou do seu lado»*. Reencontro a mesma ideia em Henri Langlois, sempre que a Cinemateca organiza «homenagens» a Bénezéraf ou a Yves Allégret: é a recusa da discriminação, porque, em nome dessa mesma discriminação, os responsáveis pelas cinematecas estrangeiras deixaram que se perdessem filmes magníficos.

PERSONAGENS «EM PECADO»

Cada um faz os filmes que lhe agradam como espectador. O cinema ajudou-me a suportar a vida, quando era adolescente, pois me agradava enquanto evasão. Esta evasão não podia deixar de ser uma identificação; tinha horror, por exemplo, aos filmes de costumes. Pois bem, como cineasta, faço os filmes que vi aos 13-14 anos, isto é, com personagens «em pecado», fracas, sujas, em estado de clandestinidade, sempre afastadas de grupos, com as quais nos podemos identificar fàcilmente e nos envolvem numa evasão, apesar de tudo bastante próxima da vida real. Considero que a comédia pura me está interdita, porque nela é impossível esquecer que se é espectador, assim como os filmes puramente trágicos, porque isso seria uma estilização demasiada da vida; proíbo-me o filme de resistência, todo o filme heróico, todas as personagens prestigiosas, todo o filme satírico ou histórico... e trabalho com o que resta, com os filmes de amor. Também neste campo não são fáceis as coisas, porque não quero filmar corpos nus, nem relações sexuais, nem beijos, mas apenas histórias de sentimentos. Há, então, o amor e também as crianças.

LITERATURA

Em literatura possuo gostos variados que, embora não pareçam razoáveis, são lógicos para mim. Há partes da literatura que não me interessam ou não quero conhecer. Por exemplo, ser-me-ia impossível ler um livro como «A Condição Humana». Só o título me faz logo antever um programa demasiado vasto! Passa-se o mesmo em relação a «La Chute», «La Peste», «L'Espoire», «L'Homm Révolte», «Les Chemins de la Liberté». Prefiro ver a vida detrás de uma janela. Uma vez por ano, leio a «Madame Bovary», em voz alta, na cama. Aprecio bastante Jouhandeau, Raymond Guérin, Proust. Há livros que sou obrigado a ler quando mos propõem para um filme, por exemplo «O Estrangeiro» que me pareceu um Simenon, artificialmente presunçoso. Quando acabo de ler tais livros tenho a impressão de que o autor se me dirigiu através de um altifalante e os meus ouvidos zumbem. Prefiro ler Rezvani. Tenho horror à poesia e aos poemas e, contudo, a minha preferência vai para a prosa dos poetas, isto é para os ensaios e romances de Audiberti, Queneau, Genet, Cocteau; conheço-os profundamente e relaciono-os muitas vezes. Agradam-me as ideias de Audiberti sobre a vida; pensava ele que todas as teorias eram boas, excepto quando pretendiam excluir as outras, e, além de tudo isto, estava sempre a pensar na morte e nas *«longas pernas das hospedeiras do ar que se deslocam nos aviões»*.

JEANNE MOREAU

Não sei bem porquê, mas o facto é que eu e Jeanne Moreau nos entendemos muito bem. Por vezes dizem-nos que é por sermos ambos do signo do Aquário. É possível. Jeanne é uma amiga segura, isto é, ela é um formidável apoio nos momentos difíceis. Se me encontrasse na cama de um hospital, seria ela a única pessoa que eu suportaria ver. Para um realizador é extraordinária, não só porque

(Cont. na pág. 7)

Biofilmografia de François Truffaut

NASCEU a 6 de Fevereiro de 1932 em Paris. Aos catorze anos trabalhou como operário, mandarete e empregado de escritório. André Bazin convidou-o a trabalhar na secção cinematográfica da organização «Travail et Culture». Em 1953 entrou para o serviço cinematográfico do Ministério da Agricultura de França. Exerceu actividade crítica de cinema nos «Cahiers du Cinema» e em «Arts». Publicou recentemente o volume «Alfred Hitchcock». Tem produzido vários filmes, entre os quais «Paris Nous Appartient», de Jacques Rivette (1960), «Le Testament d'Orphée», de Jean Cocteau (1960) e «Tire au Flanc», de Claude Givray (1961).

Dirigiu como realizador:

1957: UNE VISITE.
1957: LES MINSTONS.
1958: UNE HISTOIRE D'EAU, co-realização com Jean Luc-Godard
1959: LES QUATRE CENTS COUPS (Os Quatrocentos Golpes).
1960: TIREZ SUR LE PIANISTE.
1961: JULES ET JIM.
1962: ANTOINE ET COLETTE, episódio de L'AMOUR A VINGT ANS.
1964: LA PEAU DOUCE (Angústia).
1966: FAHRENHEIT 451 (Grau de Destruição).
1967: LA MARIÉ ETAIT EN NOIR (A noiva estava de luto).
1968: BAISERS VOLÉS (Beijos Roubados).
1969: LA SIRÈNE DU MISSISSIPI (A Sirene do Mississipi).
1970: L'ENFANT SAUVAGE.